

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LAVÍNIA LOPES SALOMÃO MAGIOLINO

EMOÇÕES HUMANAS E SIGNIFICAÇÃO NUMA
PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DO
DESENVOLVIMENTO HUMANO: um estudo teórico
da obra de Vigotski

Campinas -SP

2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

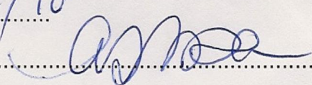
TESE DE DOUTORADO

**Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do
desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski**

Autor: Lavinia Lopes Salomão Magiolino
Orientadora: Ana Luiza Bustamante Smolka

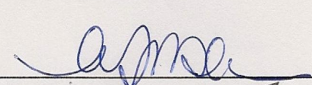
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por
Lavinia Lopes Salomão Magiolino e aprovada pela Comissão
Julgadora.

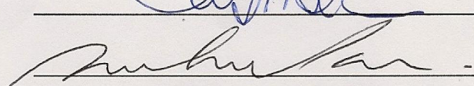
Data: 25/02/10

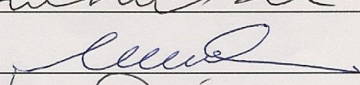
Assinatura: 

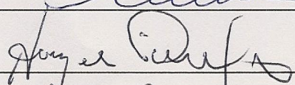
Orientador

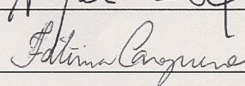
COMISSÃO JULGADORA:











2010

© by Lavínia Lopes Salomão Magiolino, 2010.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

M272e Magiolino, Lavínia Lopes Salomão.
Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski / Lavínia Lopes Salomão Magiolino. – Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientador : Ana Luiza Bustamante Smolka.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Vigotsky, L. S. (Lev Semenovich), 1896-1934. 2.Emoções. 3. Significação. 3. Perspectiva histórico-cultural. I. Smolka, Ana Luiza Bustamante. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-032/BFE

Título em inglês : Human emotions and signification in a historical-cultural perspective of human development: a theoretical study of the work of Vygotsky

Keywords : Vigotsky, L. S. (Lev Semenovich), 1896-1934; Emotions; Signification; Historical-cultural perspective

Área de concentração : Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação : Doutora em Educação

Banca examinadora : Profª. Drª. Ana Luiza Bustamante Smolka (Orientadora)

Prof. Dr. Angel Pino Sirgado

Prof. Dr. Bader Burihan Sawaia

Profª. Drª. Maria Nazaré da Cruz

Profª. Drª. Fátima Siqueira Caropreso

Data da defesa: 25/02/2010

Programa de Pós-Graduação : Educação

e-mail : imagiolino@hotmail.com

Resumo

Nesse trabalho de cunho teórico buscamos compreender as elaborações de Vigotski sobre as emoções, procedendo a uma (re)leitura e ao estudo aprofundado de sua obra. Destacando Espinosa, Freud e Marx dentre seus principais interlocutores, procuramos conhecer os argumentos levantados por Vigotski no diálogo com esses autores, no enfrentamento da questão. O estudo detalhado de sua produção, desde Hamlet até o texto não concluído sobre a Teoria das Emoções, aponta para a grande preocupação e sensibilidade ao tema, nas suas teorizações sobre o desenvolvimento humano. A concepção monista de Espinosa, a dinâmica e transformação dos afetos apontada por Freud, o estatuto da história em Marx, o materialismo histórico e dialético, aparecem como contribuições fundamentais que repercutem na elaboração teórica de Vigotski. Buscando situar a problemática nas discussões contemporâneas, indagamos sobre a busca de Damásio no campo da neurologia e trazemos para discussão autores como Van der Veer & Valsiner, Sawaia, Pino e Clot, no campo da Psicologia. Defendemos, por fim, que a questão central da obra de Vigotski diz respeito ao desenvolvimento das emoções, (trans)formadas pelo signo, pela significação na história sócio-individual.

Abstract

In this theoretical work we seek to understand Vygotsky's elaborations on the issue of emotions. Proceeding through a (re)reading and a deep study of his work, we highlight Spinoza, Freud and Marx among its main interlocutors, and we seek to understand the arguments raised by Vygotsky in dialogue with these authors in discussing the issue. The detailed study of its production, since Hamlet to the text that was not completed about the Theory of Emotions, shows his great concern and sensitivity to the issue in his theorizing on human development. The monistic view of Spinoza, the dynamics and transformation of emotions mentioned by Freud, the status of history in Marx, the dialectical and historical materialism, appear as fundamental contributions that impact the development of Vygotsky's theorizations. Seeking to discuss the problem within the contemporary debates, we inquired about Damasio's investigations in the field of neurology and we bring to discussion authors as Van der Veer & Valsiner, Sawaia, Pino and Clot in the field of psychology. We argue that the central question in Vygotsky's work concerns the development of emotions, which are (trans)formed by the sign, by signification, in the social and individual history.

Résumé

Dans ce travail théorique, nous cherchons à comprendre les élaborations théoriques de Vygotsky sur les émotions en prenant une (re)lecture et l'étude approfondie de son travail. En détachant le travail de Spinoza, Freud et Marx parmi ses principaux interlocuteurs, nous cherchons à connaître les arguments soulevés par Vygotsky dans le dialogue avec ces auteurs, en abordant la question. L'étude détaillée de sa production, de Hamlet jusqu'à le texte que n'était pas achevé sur la Théorie des Émotions, montre la préoccupation et la sensibilité à la question dans sa théorie sur le développement humain. Le point de vue moniste de Spinoza, la dynamique et la transformation des émotions mentionné par Freud, le statut de l'histoire chez Marx, le matérialisme dialectique et historique, apparaissent comme des contributions fondamentales qui influent sur la théorie du développement de Vygotsky. En cherchant à discuter des problèmes concernant l'émotion dans les débats actuels, nous nous interrogeons sur la recherche de Damasio dans le champs de la neurologie et de porter à la discussion les travaux d'auteurs tels que Van der Veer & Valsiner, Sawaia, Pino et Clot dans le domaine de la psychologie. Nous soutenons que la question centrale des travaux de Vygotsky concerne le développement des émotions, qui sont (trans)formées par le signe, par la signification, dans l'histoire sociale et individuelle.

Este trabalho é dedicado a uma amiga que me ajudou sempre a transformar afetos...
Amiga que me inspirou a falar de afeto e a não desistir... Amiga com quem aprendi que
um abraço de professora nem sempre é sinal de afeto... Amiga muito especial que quase
perdi nesse último ano.... Amiga que é prova viva de que ninguém sabe de que é capaz um
corpo, mesmo o que padece...

Agradecimentos...

Aos professores que em suas aulas trouxeram respostas, suscitaram indagações e inspirações
Prof. Hector Benoit, por *O capital* como obra de arte
Prof. Silvio Gallo, por, deleuzeanamente, mobilizar o pensamento de uma pedagoga
Profa. Fátima Caropreso, sobretudo, por acolher (mesmo!)
uma pedagoga numa aula de psicanálise

Aos professores que aceitaram o convite para compor essa banca e partilhar idéias e afetos:
Angel Pino e Bader Sawaia, na caminhada desde o mestrado
Fátima Siqueira Caropreso, Maria Nazaré da Cruz
Maurício Érnica, Susana Molon e Luci Banks Leite

Ao professor Yves Clot, sobretudo, pelo bom encontro, no sentido mais espinosano do termo, e
pelos verdadeiros *cadeaux*

À *professora* Ana Luiza, em especial, com quem pude aprender tudo o que sei sobre fazer pesquisa
nesses dez anos de emoções no GPPL...

Ao GPPL e a todos os que passaram por aqui: Daniele, Maíra, José Tiago, Thelma, Joana, Odana,
Karen, Ângelo, Pâmela, Thaís, Zé Carlos, Cris
Em especial, às amigas

Eduarda por toda emoção compartilhada, sobretudo, na reta final...
Raquel por toda potência imaginativa e criadora e apaixonada-apaixonante,
Ana Gabriela pela proximidade constante (apesar da distância) em pontuar os afetos todos
Flávia pelo entusiasmo de toda semana, a vida, a Soso...
mas também, por me fazer enxergar que um jardim com rosas pode ser muito bonito
Dani pelas mãos dadas em toda essa caminhada
E ao Achilles pelos versos, pelas conversas, pelas controvérsias que ajudaram a diminuir a solidão
de pesquisa(r)dor

Às meninas da pedagogia, em especial, à Carol Flor
A todos os colegas da APG-FE, em especial ao Lalo, ao Sérgio ao Zeca
(pois, realmente, há economistas que de fato se importam com a educação)
Aos colegas, que mesmo diante das dificuldades de encontro num programa de pós como esse,
deixaram uma marca, um afeto, um sentido
Glau, Vagner, , Marcelo, Eduardo, Clara (recém-chegada-denovo!!)...
Aos pedagogos Grupo de Estudos em Pedagogia (GEPed) pela busca
da auto-crítica radical (ainda em curso)

À Cia de Teatro Fábrica São Paulo, aos navegantes de Memórias de Outro Mar
pela paixão, pelos “poemas de águas-lágrimas”,
pela emoção de viver o Vigotski no teatro!

Aos funcionários da FE: “Seu Ivo”, Gi, Cleo, Rita e todo o pessoal da pós
À Fapesp que, depois de muitos percalços, deu o apoio financeiro de dezembro de 2007 a
fevereiro de 2010

Enfim,
Às pessoas queridas que, depois de tudo, continuaram queridas e até mais queridas.
Mas, também àquelas que deixaram de ser assim tão queridas.
Essas últimas me fizeram compreender que, em alguns momentos, podemos ser sem
sentir, como *Les Retournants*
Mas as primeiras, a quem espero poder retribuir, me fizeram compreender que o
(não)sentir só é possível por algum tempo...
Pelos afetos que me tiraram do estado de flutuação da alma, muito obrigada:

À minha família,
Meu pai Roberto e minha mãe Angelica
Meu irmão Beto e minha cunhada, Roberta
Meus sobrinhos adorados de quem sempre morro de saudade, João Pedro e Guilherme
Ao Dü, meu irmão,
pelo companheirismo e afeto incondicional

À Daniele por, simplesmente ser assim, *Honey*
À Marcela e Fabrício, Ana Marta e Ronaldo (Murilinho também!!),
Vornei, irmão postiço, pelas pausas na tese, risadas, cervejas...
À Aline (que, além da amizade, antes da FAPESP, ajudou a implementar essa pesquisa)
Janaina, pela amizade que sobreviveu à Barb(ár)ie e trouxe o Renan
À Luana.. pois com a amizade e o trabalho em conjunto (de Grécia a Sítio do Picapau
Amarelo!!) reencontrei a paixão de dar aula pra criança
À Marcelly... pois com Simone e Clarice, reencontrei a paixão de ser mulher e até
mulherzinha de vez em quando
À Jacque, amiga e exemplo de mulher-mãe, por toda alegria partilhada na casa azul
À Picinguaba que me acolheu de corpo e alma
Em especial à Helô, porque viver é preciso
Mas também ao Suel,
porque, espinosamente, “é melhor ser alegre que ser triste”
e à sua família Laura, Toninho, Filipe e Gilmar que, por um tempo,
se tornou um pouco minha
Ao Fernando... não só pelas conversas espinosanas sobre a tese, a vida, e nem só pela
amizade incondicional, mas, sobretudo, por todas as coca-colas compradas!

E, mais do que tudo,
ao Rosa...
que, dentre tanto e tudo mais que não se diz,
devolveu-me as palavras pra sentir,
(me)emocionar, (re)acreditar
e poder enfim dizer algo sobre as emoções

“Há algo invisível e encantado entre eu e você... E a alma aproveita pra ser a matéria e
viver...”

(*A alma e a matéria* Carlinhos Brown, Marisa Monte, Arnaldo Antunes)

Sumário

1) Introdução: palavra e emoção.....	p. 1
2) A emergência e configuração do problema.....	p. 9
* Problema de método: a procura de palavras e procedimentos.....	p. 15
* Um primeiro mo(vi)mento: as emoções na/pela obra do autor.....	p. 18
* Um segundo mo(vi)mento: as emoções na/pela trama de interlocuções – Espinosa, Freud, e Marx.....	p. 19
* Um terceiro mo(vi)mento: as emoções na discussão contemporânea.....	p. 23
3) Emoções: controvérsias e polêmicas em pauta.....	p. 29
*(Re)colocando o desafio.....	p. 39
* Afeto, sentimento e emoção.....	p. 41
* As funções psicológicas superiores e o desenvolvimento das emoções.....	p. 50
4) As emoções na obra de Vigotski	p. 55
* A natureza e função das emoções: o biológico e o psíquico, o corporal e o mental.....	p. 60
Como Espinosa <i>afeta</i> Vigotski.....	p.65
Um diálogo com Freud.....	p.91
* As emoções e demais funções psicológicas: relações dialéticas no sistema dinâmico e funcional do psiquismo humano.....	p.80

Possibilidade de desenvolvimento histórico das emoções: o impacto de Marx	p. 94
* Consciência, linguagem e a emergência da significação.....	p. 99
5) (Re)colocando o problema na discussão contemporânea	p. 109
* Damásio busca Espinosa.....	p.112
* Uma análise das emoções.....	p.119
* As emoções como funções psicológicas... As emoções como funções psicológicas superiores?.....	p.126
6) As dimensões da experiência e a (trans)formação das emoções: arte e vida.....	p.137
* Sensação, emoção e palavra: a dimensão da significação.....	p.150
7) Consideração Finais: emoção e palavra	p. 165
8) Bibliografia	p. 175
9) Anexos.....	p. 181
I – Mapa dos interlocutores de Vigotski	
II – Mapa da emoção na obra de Vigotski	
III – Mapa das referências às idéias de Espinosa, Freud e Marx	

Introdução: palavra e emoção

*"Se você quer escapar, pegue este novelo de fio branco.
Eu fico segurando a outra ponta.
É só desenrolá-lo na ida e seguir o fio ao voltar.
Que os deuses o protejam!"
(Ariadne diz a Teseu na entrada do labirinto¹)*

Ao pensarmos em palavra e emoção muitas indagações emergem. Inúmeras questões são suscitadas. Questões e indagações que são entretecidas por palavras e emoções que mobilizam o pensamento em termos de significados e sentidos, em termos do processo de significação.

Todo e qualquer acontecimento humano significa? Toda e qualquer realidade humana significa? Pensamento, linguagem, memória... emoção? Toda e qualquer emoção significa? Em que sentido? O quê? Para quem? Como? E o que é significar? E o que é emoção? Um sentimento, um afeto, uma paixão, um impulso...?

As emoções são históricas e complexas, diz Vigotski². Qualquer uma delas. Alegria, tristeza, decepção, angústia, amor, esperança... A palavra, como signo, assume um caráter, um dizer, uma expressão, um sentido, um significado, uma significação... A palavra humana sem significado é, para Vigotski, um som vazio. A palavra é histórica, a palavra condensa e mobiliza sentidos, a palavra constitui, a palavra afeta... E afeta e constitui sujeito, pensamento, emoção... A palavra emociona... *O significado da palavra é o microcosmo da consciência humana. A palavra é o signo por excelência*³.

¹ Pouzadoux, Claude *Contos e lendas da mitologia grega*, São Paulo: Companhia das Leiras, 2001.

² Devido às primeiras traduções da obra de Vigotski terem sido feitas a partir do inglês adotou-se a grafia com y (Vygotsky), num primeiro momento. Em 2000, com a tradução do manuscrito (publicado num dossiê da revista Educação e Sociedade) tendo sido feita diretamente do russo para o português adotou-se a grafia com i (Vigotski). Desde então vimos utilizando essa última.

³ Vigotski *A construção do pensamento e da linguagem* (2001)

Porém, mesmo assim, não nos caberia perguntar: o que é a emoção na perspectiva vigotskiana? E, mais ainda, o que é o signo nessa mesma perspectiva?

Termos ou conceitos que, no plano do pensamento vigotskiano são, por assim dizer, marcados pela ausência de uma única definição ou de uma definição unívoca, marcados pelo inacabamento. Isto é o que, num primeiro momento, instiga a pesquisa. Mas, ainda mais do que isso, é, justamente, o fato de ele deixar questões em aberto, suscitar suspeitas e indagações o que inspira e dá sentido ao texto que tecemos.

De fato, não há uma teoria das emoções em Vigotski. Tampouco *um* conceito de emoção. Não há um conceito pronto e acabado, mas um movimento de elaboração conceitual. Há uma noção de emoção que atravessa a perspectiva vigotskiana, uma noção plurívoca, polissêmica, inacabada, que assume diferentes conexões com outros conceitos e noções de acordo com o problema em pauta, assume e condensa diferentes sentidos de acordo com os interlocutores e o contexto. Por exemplo, em *O comportamento emocional* (1926/2004a), para compreender a noção de *emoção* que se insinua, é necessário compreender também as implicações que este termo assume articulado à noção de *comportamento* e de *natureza biológica e psicológica* de uma função do psiquismo humano. Aqui, num livro dedicado aos problemas de Pedagogia e Psicologia, Vigotski dialoga e analisa criticamente os trabalhos de James e Langue, Wundt, Lewin – organicistas, gestaltistas, comportamentalistas... Já em *Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator* (1932) as emoções se articulam à noção de *experiência, ideologia e história*. Entram na trama de interlocução Diderot, Stanislavisk, Ribot... E, em *Pensamento e palavra* (1934/2001a), há uma importante (trans)formação no tocante à emoção: as noções de *sentido e significado da palavra, e a consciência humana*. Vigotski dialoga e, mais uma vez, analisa criticamente os trabalhos de autores que colocavam em pauta as teorias de desenvolvimento e aprendizagem, pensamento e linguagem: sentidos e significados se desenvolvem na e pela *história*. As emoções se transformam e se desenvolvem na e pela história.

Essa obra, composta de intrincadas relações e conexões, que se complexificam, se diversificam, à medida que adentramos a trama conceitual (propriamente dita) de interlocuções de cada texto, de cada livro, de cada conferência, exige do pesquisador incursões a outros textos, trabalhos e livros não só do autor, mas também de seus interlocutores. Uma procura por fazer sentido, significar, compreender e visualizar a trama de sentidos e significados.

Nesse sentido, como compreender e visualizar, enxergar conceitualmente essa trama? Algo como uma rede de pesca? Uma colcha de retalhos?

Algo, um tanto diferente disso. O que me vem à mente é uma coberta de fuxicos⁴, uma colcha em que os retalhos não são simplesmente pregados, unidos uns aos outros por linha e agulha, mas são transformados e, só então, cuidadosamente alinhavados.

A noção vigotskiana de emoção traz, assim, uma certa movimentação intrínseca, uma determinada lógica não-linear de conexões que nos convida a procurar sempre novos bordados, novos laços, novas tramas por baixo daquela que conseguimos visualizar num primeiro olhar. Isto porque, como enfatiza Vigotski, o significado de uma palavra muda ao longo da história e, nesse processo, condensa e mobiliza sentidos, afetando e transformando também o homem. As palavras utilizadas por Vigotski são marcadas pelo seu contexto histórico, pelo seu campo de interlocução. É preciso pescar a não-palavra, o que está nas entrelinhas, nos dizeres de Clarice. Ou, nos de Bakhtin, é preciso compreender historicamente o sentido em sua potencialidade infinita.

Assim, sem perder de vista a multiplicidade que envolve a noção de emoção na perspectiva de Vigotski, multiplicidade, mobilidade e intensidade da ordem de um acontecimento (no sentido mais bakhtiniano do termo), mas procurando compreendê-la, poder-se-ia dizer que a emoção é, na obra do autor, aquilo que não está imediatamente

⁴ Referimo-nos aqui não ao termo que aparece nos dicionários como equivalente à fofoca, mexerico ou intriga, mas à técnica artesanal do fuxico em que se aproveita restos de tecido para criar e customizar roupas, acessórios e objetos. Os retalhos são costurados assumindo uma outra forma, podendo ser alinhavados para compor uma cortina, uma toalha ou uma colcha.

dado, pronto e acabado, mas o que insiste como uma pergunta clariceana (“E agora o que é? E agora o instante?”), o que se faz no embate dialógico, no discurso vivo, na palavra em movimento dialético: não é isto, não é aquilo, é isto e aquilo e também o não.

A emoção não é instinto, não é puramente biológica, não é estritamente visceral, é histórica, é cultural, mas ao mesmo tempo biológica, visceral e subjetiva. Um termo, uma noção, um conceito que se explicita na e pela diferença e que, ao abrir novos horizontes, nos convoca a pensar e a sentir o novo. A perspectiva de Vigotski, e a noção que apresenta sobre as emoções humanas é uma provocação, um convite ao debate, a enfrentar muitas, questões inacabadas. Vigotski, portanto, não nos dá uma teoria formalizada e formalizadora das emoções. Não há, por exemplo, um livro definitivo sobre este conceito em sua obra. Mas um estudo: *Teoria das emoções – um estudo histórico-psicológico*. Um estudo que nos dá a conhecer seus percalços, suas indagações e preocupações, sobretudo algumas picadas que consegue abrir nesta floresta conceitual – o campo mais obscuro da psicologia, em suas palavras e, curiosamente, também nas palavras de Freud. Um estudo controverso e inacabado, um de seus últimos. Mas, assim mesmo, o que se afirma nesse estudo, que seria o texto que mais explicitamente aborda esta questão, traz marcas de textos e elaborações anteriores a 1933 e assinala desdobramentos em livros posteriores.

Pelo menos, é o que acreditamos. É o que percebemos ao mergulhar em sua trama, o que esperamos poder levar o leitor a perceber – ainda que, sabemos, caberá aqui a sua própria compreensão ativa e dialógica.

A aguda preocupação de Vigotski com a noção de emoção em diversas páginas de sua obra demonstra a existência de uma tentativa de elaboração conceitual desta intimamente ligada à construção de sua perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano fundamentada no signo que se constitui num movimento dialético, na oposição às concepções e doutrinas clássicas. Evidentemente, não se trata de rivalizar com estas ou aquelas teorias em busca de uma concepção ou um modelo mais bem acabado sobre as emoções. Para além disso, Vigotski dialoga, debate, questiona, inquire e, assim, nos

convida em sua reflexão sobre as emoções, a um alargamento de nosso horizonte de pensamento, de imaginação, de memória, de linguagem e da própria emoção.

São tantos e tamanhos fios, cores e bordados que às vezes nos vemos em um labirinto. E, como Teseu, precisamos de um fio que nos ajude a (re)encontrar alguma, outra saída. Mas, o labirinto aqui não é arquitetônico, no sentido comum do termo – talvez, no sentido bakhtiniano. Não é um lugar. É uma trama⁵, como já dissemos. Uma trama de palavras e significações, uma trama de interlocuções, uma trama conceitual apresentada bem ao modo vigotskiano.

Nesse sentido, qual é o fio que cose essa trama?

O “fil rouge” que vai alinhavando os trabalhos de Vigotski é a significação. Trabalhos de onde se desdobram temas e conceitos... pensamento, linguagem, memória, arte... e emoção! É então com tal fio condutor que direcionamos o nosso *olhar* e nosso *interesse* pela emoção na obra de Vigotski. Por outro lado, esse é o ponto que permite, a nosso ver, ampliar o olhar e a compreensão das emoções humanas numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento como Vigotski defendia.

Desse modo, priorizamos alguns dos textos e, dentre eles, alguns interlocutores. Esta opção deve-se, primeiramente, à disponibilidade dos trabalhos tendo em vista as dificuldades de tradução e acesso, num primeiro momento. Além disso, optamos por alguns trabalhos por encontrarmos nos mesmos uma abordagem da problemática das emoções, mostrando-se bastante explícita e contundente, e/ou por, através de diferentes conexões conceituais que fomos percebendo ou estabelecendo, enxergarmos a possibilidade de explorarmos os sentidos e compreendermos os argumentos e questões colocadas por Vigotski.

⁵ Trama, de acordo com o dicionário Aurélio significa: s.f. Tecnologia Conjunto dos fios que os tecelões fazem passar com a lançadeira entre os fios estendidos do urdimento e transversalmente a estes. / Tela quadriculada ou reticulada que se interpõe entre o original e a camada sensível, no processo de similitravura (autotipia). / Fig. Intriga, enredo: a trama de uma tragédia. / Conjunto emaranhado: a trama dos acontecimentos. Múltiplos significados que compõem o sentido que assumimos aqui.

Nesse movimento adentramos o labirinto, mergulhamos na obra de Vigotski: afetos, sentimentos e emoções: e/na educação, e/na arte, e/na história, e pensamento, e consciência, e experiência... na filosofia, na psicologia, na biologia, na neurologia, na psicanálise... James e Langue, Wundt, Lewin, Claparède, Ribot, Stanislavski, Descartes, Espinosa⁶, Freud, Marx.... Estes últimos, autores fundantes, que atravessam a obra, autores cujas ideias compõem de uma forma relevante os argumentos e a trama tecida por Vigotski, são por essa razão destacados

Diversos autores em diferentes campos do conhecimento, da ciência, da arte. A saída para essa primeira encruzilhada foi o tempo. Pelo fio do tempo, cronologicamente alinhavamos as emoções (não numa colcha, infelizmente, mas) em mapas das ideias e noções, das obras dos interlocutores e dos dizeres sobre as emoções⁷.

Ao mesmo tempo, nas e pelas palavras de Vigotski sobre as emoções, por suas referências aos autores fundantes que destacamos – Espinosa, Freud e Marx – adentramos outro labirinto: mergulhamos na obra destes interlocutores⁸ e de alguns de seus comentadores.

O fio que nos conduzia aqui era um núcleo conceitual que identificamos em estudos anteriores: consciência-linguagem-significação. E a isto se deve, num primeiro momento, a opção por priorizar alguns autores e não outros. Um segundo motivo para tanto decorre do fato de que a interlocução com esses autores vem sendo destacada por estudiosos da obra de Vigotski. As pesquisas realizadas acerca da noção de emoção na obra de Vigotski destacam Freud (Clot; Van der Veer e Valsiner) e Espinosa (Clot; Sawaia), mas não ambos e tampouco Marx. Pensar essa trama nos parecia interessante. E, sendo autores fundantes, trazem uma contribuição para compreender e (re)pensar a problemática das emoções na

⁶ Encontramos também na grafia do nome do filósofo uma certa variedade de formas. Optamos neste trabalho por utilizar *Espinosa*, grafia adotada pelos comentaristas e estudiosos do autor no Brasil (Chauí; Santiago; dentre outros embora nas citações a grafia respeite a forma como aparece na obra referida.

⁷ Os mapas encontram-se em anexo.

⁸ Nota sobre o quadro de referências da obra dos autores.

obra de Vigotski – ainda que por meio dos argumentos que Vigotski levanta, como é o caso de Freud – e recolocá-la no debate atual.

Assim, retornamos a Vigotski e às emoções em sua obra e constatamos: as questões levantadas, inacabadas, deixadas em aberto ainda constituem polêmica no debate contemporâneo.

Que fazer? Adentramos a obra de alguns dos autores que procuram enfrentar, reelaborar, reformular as questões e por meio delas retomamos o fio lançado e concluimos a nossa trama de fuxicos: emoções humanas e significação na obra de Vigotski.

A emergência e configuração do problema

O problema dessa pesquisa – os modos de conceber as emoções humanas – emergiu da experiência vivida pela pesquisadora, professora e pedagoga na instituição escolar, espaço social dedicado ao ensino sistematizado do conhecimento historicamente produzido,.

Mais recentemente, a maior parte dos estudos tem tematizado questões relativas à afetividade em interlocução com a Psicologia, a Psicanálise, a Biologia e a Neurologia, visando superar as dicotomias intelecto/afeto. Uma discussão que persiste nessa interlocução diz respeito aos modos de conceber e argumentar sobre a transformação ou passagem dos processos psíquicos humanos da ordem biológica para a ordem cultural.

A questão da afetividade e da emoção tem sido abordada por autores nas mais diversas áreas do conhecimento (Biologia, Antropologia, Psicologia, Filosofia, Neurologia). Muitos trabalhos enfocam as alterações orgânicas que acompanham as emoções e as manifestações expressivas, (Maturana: 1997; 2002; Damásio: 1996), enquanto outros buscam o entendimento das manifestações emocionais a partir de elementos culturais (Geertz:1978; Lutz: 1988; Le Breton: 2009). De qualquer forma, o conceito de emoção mostra-se como algo de difícil definição, sendo utilizado, de maneira mais abrangente, para se referir a todo o conjunto dos fenômenos afetivos, ou, num sentido mais circunscrito, como reação emocional, de caráter orgânico.

Mais particularmente no âmbito da educação, temos encontrado tentativas de enfrentamento da questão marcadas por uma discussão em torno da afetividade, tal como se apresentam em dois livros recentemente publicados: Afetividade e Práticas Pedagógicas, uma coletânea organizado por Leite (2006) que apresenta diversos trabalhos ancorados na perspectiva histórico-cultural que exploram a questão da afetividade em diversas situações de ensino; e Afetividade na escola, uma coletânea que inclui o trabalho de autores de diferentes perspectivas teóricas, organizada por Arantes (2003). A leitura dessas produções

mais recentes sobre o tema nos remete às contribuições fundamentais de autores como Freud (1986), Piaget (1983), Vigotski (1999, 2001, 2004), Wallon (1979, 1995), Damásio (1996, 2000) em diferentes campos do conhecimento como psicanálise, biologia, psicologia, neurologia.

A contribuição dos trabalhos mencionados reside, principalmente, no fato de apontarem que afeto e cognição são compreendidos como dimensões igualmente importantes para o funcionamento psíquico num esforço de superação do dualismo. O afeto, os sentimentos, as emoções deixam o lugar do distúrbio, da patologia, do erro para assumir um determinado lugar de destaque, lugar esse que provoca reformulações nos modos de pensar, conceber e conceituar, instigando novas elaborações. É no âmbito dessas discussões que o nosso trabalho se situa. Ancorados numa perspectiva histórico-cultural, iniciamos nosso estudo colocando em foco uma questão que consideramos primordial. Tal questão diz respeito ao modo como vimos compreendendo, denominando e definindo afeto, emoção, sentimento, isto é, buscamos examinar os conceitos e sentidos relacionados a esses termos no escopo de diferentes teorias.

Outra questão conceitual importante diz respeito aos modos como a compreensão desses conceitos repercutem nas práticas educacionais. Entendemos que diferentes “modos de olhar” que se configuram em diferentes modos de conceber e teorizar repercutem de modos também diferenciados nas relações de ensino. As emoções vão assim se tornando um problema das relações de ensino. Um problema da educação, um problema da pedagogia.

Aqui as questões conceituais e metodológicas se encontram, justificando a necessidade de nos atermos a uma análise cuidadosa e pontuada. Desse modo, num esforço de elaboração conceitual e adensamento teórico do tema, procuramos com a dissertação de mestrado⁹ iniciar um estudo teórico do conceito de emoção, buscando traçar os

⁹ *Emoções: uma discussão sobre modos de conceber e teorizar*, realizada na Faculdade de Educação da Unicamp, sob a orientação da prof^a. Dr^a. Ana Luiza Bustamante Smolka, defendida em outubro/2004 com apoio da CAPES.

pressupostos que sustentam algumas das diferentes posições em discussão. Detivemos-nos na análise dos trabalhos de alguns autores (cuja produção tem sido amplamente referida não só na esfera acadêmica, mas também na mídia e inclusive, tido uma repercussão no âmbito da educação), que representam importantes áreas do conhecimento como a Neurologia, a Biologia e a Psicologia: Antônio Damásio, Humberto Maturana e Fernando Gonzáles Rey.

Discutimos as propostas destes autores, pois fomos percebendo que, em suas teorias, as emoções assumem um lugar central no processo de desenvolvimento humano. Ao buscarem a superação de algumas dicotomias vigentes (razão/ emoção; afecto/intelecto), as emoções são colocadas no plano das relações e interações entre organismo e mundo, a partir de uma visão sistêmica de ser, organismo, sujeito, homem. Além disso, há uma tentativa de explicar o modo como as emoções humanas vão se diferenciando, numa passagem do biológico ao social ou cultural – ponto central que tem consistido no núcleo de nossas pesquisas e investigações, foco do estudo que aqui se delineia.

O cuidadoso estudo de Damásio, Maturana e González Rey nos levou a uma retomada dos trabalhos de três autores com os quais vimos dialogando: Vigotski, Wallon e Bakhtin, seja por uma certa coincidência no encaminhamento das questões, seja pela diferença fundamental na argumentação proposta.

Na leitura dos seis autores vimos que as emoções são compreendidas no plano do funcionamento orgânico, mental, como no plano das relações sociais, das interações entre organismo e mundo, numa tentativa de superar diversas e arraigadas dicotomias, especialmente em relação à oposição entre razão e emoção, e à oposição entre interno e externo. Fomos percebendo que as diferenças vão sendo marcadas em relação à forma como se concebe e explica consciência, linguagem e significação e sua relação com a emoção. É no sentido de avançar nesta discussão acerca da problematização do conceito de emoção pela via da significação que se colocava a proposta de continuidade do estudo sobre as emoções.

Para tanto, nos propusemos a tomar Espinosa, Freud e Marx, autores com os quais Vigotski estabeleceu intenso diálogo sobre a temática, como principais interlocutores de referência. A partir das referências feitas por Vigotski a esses autores e dos argumentos por ele desenvolvidos buscamos enfrentar algumas instigantes questões com relação à emoção e significação que vêm sendo (re)colocadas por estudiosos de sua obra como Sawaia, Clot, Pino, na discussão atual.

Assumindo uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, fundamentada no materialismo histórico e dialético, compreendemos que os conceitos e os processos se (trans)formam ao longo da história, e consideramos a necessidade de tomar as emoções na/pela obra do autor em seu movimento de (trans)formação que contemplava dois movimentos importantes:

- a interlocução de Vigotski com Espinosa, Freud e Marx;
- uma interlocução com autores contemporâneos.

Tomamos como pontos de partida alguns textos de Vigotski que, por trazerem uma discussão sobre a problemática das emoções, serviram de disparadores para o processo investigativo. Destacamos inicialmente, *Psicologia da Arte, Teoria e Método em Psicologia* e seu estudo inacabado intitulado *Teoria das Emoções*.

Nestes trabalhos, Vigotski dialoga com Freud, Espinosa e Marx, discutindo suas ideias em inúmeras referências explícitas ou não. Assim, partimos destas referências e fomos realizando várias leituras de aproximação e exploração da obra destes autores enquanto aprofundávamos o estudo dos próprios textos de Vigotski.

Não se tratava de fazer uma exegese das obras, mas de compreender o próprio processo de produção do conhecimento e elaboração conceitual em constante movimento e transformação. Assumindo, portanto, que os conceitos se (trans)formam ao longo da história, retomamos sua obra, procurando conhecer seus argumentos e reflexões com relação à temática em pauta. Vislumbramos a possibilidade de estabelecer um diálogo com os mencionados interlocutores de Vigotski, trazendo também para o debate das ideias um

núcleo conceitual que definimos em nossos estudos anteriores sobre as emoções¹⁰, e que articulava consciência-linguagem-significação.

Investigamos as possíveis articulações das ideias desses autores, e como elas impactam as elaborações de Vigotski. Imaginávamos encontrar uma explicação para a hipótese que levantamos, a partir das leituras de Vigotski, sobre a complexidade das emoções humanas que, articuladas à consciência, linguagem e significação, transformam-se e constituem-se como signos no âmbito da história e da cultura humana.

Procuramos adensar a leitura e apurar as análises com base nos argumentos que emergiram das interlocuções com os autores acima referidos e nos detivemos no estudo de um dos autores contemporâneos que vem se dedicando ao tema como Antônio Damásio numa perspectiva da neurologia e, numa perspectiva vigotskiana, Yves Clot.

Problema de método: a procura de palavras, procedimentos

Após uma intensa e apaixonada (com)vivência com a obra de Vigotski, propusemo-nos então a uma releitura analítica de suas ideias, num esforço de distanciamento e objetificação. A produção desta pesquisa se dá assim, na e pela dialogia com os textos de Vigotski, seus interlocutores, e com textos de alguns de seus críticos, entretecidos com e pelos desejos e emoções da pesquisadora.

Para além de seguir uma teoria na moda ou de, simplesmente, nos contrapormos a uma outra, uma proposta assim se delineou: ouvir e ressaltar as questões e as exigências que sua obra instiga, formula ou provoca; reconhecer quais são as interrogações deixadas em um estado de suspensão/suspeição, e tentar compreender essa suspensão/suspeição; ousar aprofundarmo-nos na irresolução e no (in)acabamento da obra que, pautada por uma

¹⁰ *Emoções: uma discussão sobre modos de conceber e teorizar*, realizada na FE Unicamp, sob a orientação da profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka, defendida em outubro/2004 com apoio da CAPES.

intrincada trama de interlocuções, que condensa, mobiliza, transforma e sintetiza pensamento e emoção.

Ao mergulharmos nas ideias, pensamentos e concepções de Vigotski para a realização de um trabalho teórico como esse, deparamo-nos com uma ampla discussão algumas insistentes indagações:

Como enfrentar a problemática das emoções tendo em vista a complexidade que envolve o tema bem como as polêmicas acerca dos modos de conceber, interpretar, conceituar e diferenciar afetos, emoções e sentimentos – ainda nos dias atuais?

Haveria um modo mais apropriado, um olhar, uma perspectiva, uma diretriz, um mirante no sentido de que nos fala Löwy? Qual seria esse modo, esse olhar, considerando ainda a toda a gama de diferentes interpretações e (re)leituras por parte de seus discípulos e estudiosos? E, para além disso, considerando que ainda há dificuldades de acesso direto aos textos de Vigotski por conta da tradução e que esse é uma problemática de pesquisa para muitos não tão explícita na obra do autor...?

Por fim, como compreender Vigotski e o modo como teoriza e concebe as emoções humanas na intersecção de áreas da ciência ou de campos do conhecimento?

Bakhtin nos dá algumas pistas para adentrar o labirinto, mergulhar na complexa trama de sentidos e significados sobre textos e emoções humanas.

No processo de compreensão da significação da língua, Bakhtin (2002) aponta a dificuldade e complexidade do problema e assinala a importância de levar em conta dois conceitos: tema e significação. O primeiro é formado não só pelas formas lingüísticas que fazem parte da composição (palavras, formas, sons, etc.), mas também pelos elementos não verbais da situação, pois todos os elementos da situação são importantes para compreender a enunciação: “O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação” (p. 128-129).

Mas, limitar-se a esse caráter historicamente único e não reiterável da enunciação concreta restringe a dialética. No interior dele há uma significação compostas de elementos da enunciação. Assim, o tema deve ser tomado em sua ligação indissolúvel com a situação concreta, não pode ser segmentado.

O tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. Bem entendido, é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa (p. 129).

Nessa perspectiva, torna-se impossível determinar a significação de uma palavra isolada, sem um tema; mas este, por outro lado, deve apoiar-se na “estabilidade” da significação. A distinção entre o tema e a significação adquire, para Bakhtin, particular clareza em conexão com o problema da compreensão, abordada por ele de maneira breve, numa crítica à compreensão passiva dos filólogos que exclui a priori a possibilidade de resposta.

Qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser ativo, deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema, pois a evolução não pode ser apreendida senão com a ajuda de um outro processo evolutivo. Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. (...) A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra.” (p. 131-132).

A significação está entre, traço de união entre os interlocutores, só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva: “[...] não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro”,

é “faísca elétrica”, de maneira que “só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação” (Bakhtin, 2002: 132).

A compreensão ativo-dialógica constitui-se, assim, numa cadeia de criatividade e de compreensão ideológica, num processo inesgotável, mas histórico de (re)produção de sentidos.

O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto). Um sentido atual não pertence a um (só) sentido mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e se contactaram. Não pode haver “sentido em si” – ele só existe para outro sentido, isto é, existe com ele. Não pode haver um sentido único (um). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir em sua totalidade. Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer. (Bakhtin, 2003: 382)

Esse processo assume um caráter bastante complicado nas ciências humanas. Nesse âmbito,

A primeira tarefa é compreender uma obra da mesma maneira como a compreendeu o próprio autor sem sair dos limites da compreensão dele. A solução dessa tarefa é muito difícil e costuma exigir a mobilização de um imenso material. A segunda tarefa é utilizar sua distância temporal e cultural. Inclusão do nosso (alheio para o autor) contexto. (Bakhtin, 2003: 381)

Isto na medida em que como aponta Bakhtin (2003) “O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”. (p. 395)

Dessa forma, a compreensão é sempre dialógica e, ainda em termos bakhtinianos, se faz *acontecente*. Mas, a compreensão só se faz possível historicamente. A compreensão, os sentidos e as relações vão se interconstituindo, entretecendo... no embate dialógico, ideológico, político, afetivo que vai sendo travado.

Numa perspectiva bakhtiniana, Amorim (2001) defende uma “interpretação dialógica” partindo desta hipótese de que em torno da questão da alteridade se tece uma grande parte do trabalho do pesquisador. A autora destaca a análise e o manejo das relações com o outro e afirma: “é exatamente ali onde a impossibilidade de diálogo é reconhecida, ali onde se admite que haverá sempre uma perda de sentido na comunicação que se constrói um objeto e que o conhecimento do humano pode se dar (p.29)”.

Estes princípios bakhtinianos, da dialogicidade, da multiplicidade e da produção de sentidos, assumem extrema relevância para a análise e o estudo das emoções da forma que nos propomos, que subentende o embate, convoca ao debate, mais que a busca pela verdade e universalidade de ideias, conceitos, opiniões...

Compreender as emoções é mergulhar na trama das significações, neste processo histórico de (re)produção de sentidos sobre este conceito que condensa sentidos historicamente produzidos (paixões, afetos, sentimentos, impulsos, pulsões...) e ao mesmo tempo individualmente (re)significados por diferentes pensadores em diferentes momentos, contextos e de diferentes áreas da ciência, campos do conhecimento e da arte. Estudar as emoções na obra de Vigotski exige de nós esse (in)tenso movimento.

Compreender o modo como Vigotski concebe e teoriza sobre as emoções é compreender historicamente como esse conceito vai se (re)constituindo na história das ideias, na teoria do conhecimento, na filosofia, na psicologia, na biologia, na arte; e compreender como o pesquisador não está nunca isento, isolado, à margem de seu objeto ou desejo de pesquisa, na vida.

Mas, além disso, na medida em que assumimos uma perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, fundamentada no materialismo histórico e dialético; e na

medida em que compreendemos que os conceitos e os processos se (trans)formam ao longo da história, faz-se necessário pensar no movimento de aprofundar as ideias e referências de Vigotski, em discussão também com autores contemporâneos que vêm trabalhando com a problemática apontada.

Tomamos como pontos de partida alguns textos de Vigotski que, por trazerem uma discussão sobre a problemática das emoções, serviram de disparadores para o processo investigativo. Destacamos inicialmente, *Psicologia da Arte, Teoria e Método em Psicologia* e seu estudo inacabado intitulado *Teoria das Emoções – um estudo histórico psicológico*.

Nestes trabalhos, Vigotski* assume a contribuição de Espinosa**, Freud*** e Marx****, aponta limites ou discute suas ideias em inúmeras referências, explícitas ou não. Assim, partimos destas referências e fomos realizando várias leituras de aproximação e exploração da obra destes autores enquanto aprofundávamos o estudo dos próprios textos de Vigotski.

Numa tentativa de enfrentamento da questão das emoções na obra de Vigotski, considerando todos os desafios anteriormente apontados, nosso trabalho de pesquisa, estudo e investigação se desdobrou em importantes movimentos de aproximação, compreensão e explicitação das ideias de Vigotski, ao mesmo tempo em que destacamos as interlocuções com Espinosa, Freud e Marx, autores cujas ideias aparecem como fundantes e procuramos compreender e situar esses autores em seu contexto dialógico.

Um primeiro mo(vi)mento: as emoções na/pela obra do autor

No desenvolvimento da pesquisa, um conjunto de argumentos nos levou a privilegiar alguns dos textos de Vigotski para análise e adensamento teórico.

Procedemos a uma organização cronológica a partir das releituras e do levantamento do índice de autores e temas nas obras completas em espanhol (*Obras Escogidas*). Deparamo-nos com a imensa quantidade de autores com quem Vigotski dialogava, em diferentes campos da ciência, perspectivas ou posições teóricas. Nesse momento, sentimos a necessidade de organizar um mapa das ideias e dos interlocutores de Vigotski (tabela I).

Frente às demandas que foram se estabelecendo, realizamos estudos mais detidos dos trabalhos que destacamos:

1. *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca* (1917)
2. *Psicologia da Arte* (1924): Arte e psicanálise; Hamlet; A arte como catarse; Psicologia da arte; Arte e vida.
3. *Psicologia Pedagógica: O comportamento emocional* (1926); *A educação estética* (1926)
4. *Psicologia Infantil: El primer año* (1932); *La crisis del primer año* (1933); *La infancia temprana* (1933)
5. *Teoria e Método em Psicologia: A consciência como problema da Psicologia do Comportamento* (1925); *O problema da consciência* (1933); *A psique, o inconsciente e a consciência* (1930); *Sobre os sistemas psicológicos* (1930)
6. *Imaginação e arte na infância* (1929)
7. *A formação social da mente* (1930)
8. *Desenvolvimento psicológico na infância* (1932): As emoções e seu desenvolvimento na infância; A imaginação e seu desenvolvimento na infância
9. *Sobre o Problema da psicologia do trabalho criativo do ator* (1932)
10. *Teoría de las emociones – um estudio histórico-psicológico* (1933)
10. *Fundamentos de Defectología: El problema del retraso mental* (1934)
11. *A construção do pensamento e da linguagem* (1934): Pensamento e palavra

Um segundo mo(vi)mento: as emoções na/pela trama de interlocuções – Freud, Espinosa e Marx

A partir da seleção das obras de Vigotski e identificação das referências, retomamos o estudo das obras mencionadas de modo articulado à (re)leitura das obras dos interlocutores destacados, procurando adensar a compreensão, exercitar o olhar analítico e apurar os argumentos.

Neste segundo momento, situamos as referências a Freud, Marx e Espinosa procurando analisar as ideias que estavam em discussão e as obras às quais Vigotski tinha acesso (quadros II e III). Tal procedimento se deu procurando levar em conta também as referências dos autores contemporâneos (Sawaia; Clot) aos trabalhos de Vigotski, e a repercussão dos autores que destacamos.

Vimos que as referências de Vigotski a Freud, Espinosa e Marx pareciam remontar basicamente às respectivas obras:

- *Conferências introdutórias à psicanálise;*
- *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade;*
- *Psicopatologia da vida cotidiana;*
- *Além do princípio do prazer;*
- *O chiste e sua relação com o inconsciente;*
- *Psicologia de grupo e análise do “eu”;*
- *O eu e o isso.*

- *Ética (parte III);*
- *Tratado sobre a correção do intelecto;*

- *O capital*
- *Manuscritos econômico-filosóficos;*
- *A ideologia alemã.*

Aqui é preciso apontar a dificuldade em relação aos autores por conta da tradução dos termos e das referidas obras. De Espinosa, por exemplo, encontramos diversas

traduções de *Tratado sobre a reforma do intelecto*, *Tratado sobre a emenda do intelecto*, *Tratado da correção do intelecto*¹¹. De Freud, defrontamo-nos com as inúmeras críticas que a tradução das obras completas em português vem sofrendo por parte de seus comentadores. Em relação a Marx a discussão girou em torno das duas últimas obras acima mencionadas e se intensificou num momento posterior, mais recente de elaboração deste trabalho por conta da interlocução que foi se estabelecendo com colegas¹² que se interessam pelo tema e pelo diálogo na produção do conhecimento.

Assim, apontamos as dificuldades em relação ao modo como as referências aparecem nos textos e nas obras analisadas. Em alguns trabalhos as citações não aparecem nas referências bibliográficas de Vigotski ou mesmo do tradutor – no caso de *Além do princípio de prazer* de Freud, a referência aparece no final em alemão com a grafia incorreta.

Há trabalhos ainda – como a *Teoria das Emoções* e *A construção do Pensamento e da Linguagem* – em que, em algumas passagens, há referências às ideias dos autores, mas não às obras. Nesse caso, procuramos identificar o assunto, a temática abordada dentro das obras às quais Vigotski teve acesso.

A partir das referências de Vigotski aos autores fomos identificando as ideias em discussão procurando pontuar as ênfases, os pontos de concordância e divergência em relação ao modo como Vigotski concebe e teoriza sobre a temática levantada. Ao mesmo tempo em que, bem ao modo de investigação vigotskiano, fomos retomando as obras dos autores procurando, dentre outras coisas, compreender o modo como esses autores elaboram as questões destacadas por Vigotski para retomar e recolocar seus argumentos.

Retomamos e nos detivemos num estudo mais aprofundado de alguns dos textos referidos por Vigotski, seja por colocarem de modo mais explícito a temática, seja pelas

¹¹ De acordo com Lívio Teixeira, tradutor da obra, Espinosa utilizou o termo *emendatio* em seu *Tratado da Reforma da Inteligência*, uma obra inacabada. *Emendatio* significa não só melhoria, mas retificação, ação de restabelecer a verdade. Correção seria a melhor tradução, ou seja, “Tratado da Correção do Intelecto”. A palavra reforma é usada para nos referirmos à melhoria do ser, assim, ela não é a mais adequada.

¹² Aproveitamos a oportunidade para a Maurício Érnica e Achilles Delari Jr.

condições de desenvolvimento da pesquisa. Nesse sentido, destacamos a *Ética* (parte III) de Espinosa – cujo estudo foi intermediado pelo contato com um especialista nos estudos sobre o autor – e os textos *Conferências introdutórias à psicanálise*, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, *Psicopatologia da vida cotidiana* e *Além do princípio do prazer*, de Freud¹³. Neste processo, estudamos a questão do afeto nos trabalhos de Freud referidos por Vigotski, levando em conta também trabalhos de alguns dos comentadores e estudiosos da obra freudiana procurando compreender e situar a discussão e algumas das inúmeras polêmicas sobre o assunto.

É importante assinalar que as referências a Marx e as repercussões de suas ideias no trabalho de Vigotski têm sido exaustivamente enfatizadas por inúmeros autores na contemporaneidade (Duarte; Elhammoumi; etc.). Assim, de Marx, procedemos primeiro a uma (re)leitura de *A ideologia alemã*, e em seguida dos *Manuscritos econômico-filosóficos*. Mais recentemente, procedemos a uma leitura mais rigorosa e apurada de *O Capital* com o intuito de refinar a compreensão dos argumentos¹⁴.

Assinalamos a necessidade de adensar e retomar os estudos por conta de uma questão que se mostra fundamental: o modo como a perspectiva materialista e histórica assumida por Vigotski aponta para uma discussão acerca da metodologia para o estudo das emoções humanas na história e na cultura. A “entrada” de Marx no embate dialógico viabiliza efetivamente um “salto qualitativo” nas elaborações de Vigotski, marcando uma diferença.

¹³ A leitura crítica e sistematizada foi ampliada pelas discussões empreendidas na disciplina sobre Filosofia da Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise e o conceito de representação em Freud e culminou com um trabalho intitulado (*O lugar e a função do(s) afeto(s) na perspectiva freudiana: algumas reflexões*) e um texto apresentado recentemente na Anped 2009 (*Afeto e emoção no diálogo de Vigotski com Freud: apontamentos para a discussão contemporânea*).

¹⁴ É importante pontuar que, em nossos estudos (tais como a pesquisa feita com Delari na lista de discussão XMCA e no diálogo com Érnica) notamos a dificuldade em delimitar as referências e leituras de Vigotski – especialmente em relação a Manuscritos Econômico-filosóficos e A Ideologia Alemã (não encontramos nenhuma referência clara especialmente ao primeiro, demonstrando que tenha sido publicado antes de 1932). Contudo, Vigotski conhecia várias línguas (dentre elas o alemão) e leu as principais referências da época sobre filosofia marxista: Pliekhhanov (com quem dialoga na Psicologia da Arte); Engels (com quem dialoga em inúmeros trabalhos como em A formação social da mente; Lênin (também referido em alguns trabalhos); e claro, O Capital (cujas referências atravessam toda a sua obra).

Algumas ideias e polêmicas repercutem mais fortemente nas elaborações de Vigotski e nos ajudam a compreender e redimensionar a problemática – tais como: a superação do dualismo; as dimensões biológica, psíquica e histórica das emoções.

Em nossa busca, apesar das críticas e contradições, fomos percebendo que o diálogo de Vigotski com Freud e os apontamentos e elaborações em relação a Espinosa, nos fornece elementos importantes não só para a psicologia da época, mas para o debate atual.

Procuramos, assim, no presente estudo, investigar as possíveis articulações das ideias desses autores, e como elas impactam as elaborações de Vigotski em sua busca por uma perspectiva para as emoções humanas – sem querer com isso, aproximar os autores.

Imaginamos encontrar uma explicação para a hipótese que levantamos, a partir das leituras de Vigotski, sobre a complexidade das emoções humanas que, articuladas à consciência, linguagem e significação, transformam-se e constituem-se como signos no âmbito da história e da cultura humana.

Nesse sentido, compreender e problematizar a questão das emoções a partir de uma perspectiva histórico-cultural e, mais especificamente, tomando como base as elaborações de Vigotski, nos coloca diante de importantes questões metodológicas ao mesmo tempo em que nos remete ao cerne de seculares indagações acerca do homem e de sua relação com o conhecimento de si, do outro, do mundo e exige algumas tarefas como aponta Bakhtin.

Um terceiro mo(vi)mento: as emoções na obra de autores contemporâneos

Este terceiro movimento marca o desenvolvimento da pesquisa e a elaboração da tese.

A partir das referências feitas por Vigotski a Freud, Marx e Espinosa, e dos argumentos por ele desenvolvidos, levando em conta as idéias desses autores, buscamos enfrentar algumas instigantes questões com relação à emoção e significação que vêm sendo

(re)colocadas por estudiosos de sua obra como Van der Veer & Valsiner, Sawaia, Clot e Pino, na contemporaneidade.

Além disso, procuramos adensar a leitura e apurar as análises com base nos argumentos que emergiram das interlocuções com os autores acima referidos; e nos detivemos no estudo de um dos autores contemporâneos que vem se dedicando ao tema: Antônio Damásio.

Colocamos em perspectiva a produção deste autor sobre a problemática dos afetos, sentimentos e emoções e, num primeiro movimento de aproximação, procuramos compreender o modo como esse autor, que traz à discussão questões bastante semelhantes às daquelas da época de Vigotski, procura enfrentá-las fundamentando a sua teoria também na filosofia espinosana.

Nos estudos e análises da problemática na discussão contemporânea, percebemos que há um modo diferenciado de conceber as emoções na perspectiva vigotskiana que acaba marcando uma importante diferença e fornecendo elementos para avançar no debate.

As discussões suscitadas em diversas reuniões científicas nas quais pudemos apresentar os resultados parciais de nossa investigação, nos fizeram pensar na necessidade de explicitar melhor a posição assumida, em termos teóricos e metodológicos. Não se trata de aproximar simplesmente os autores, buscando o que eles tem em comum, mas de compreender os argumentos, as discussões e as (o)posições num possível *diálogo*¹⁵ que se estabelece com eles, entre eles, visando adensar e implementar o debate em torno da questão em pauta: emoções.

¹⁵ Usamos aqui a noção Bakhtiniana de diálogo, o que nos permite falar do diálogo de Vigotski com Freud, com Marx e com Espinosa. Ler os textos e discutir as idéias desses autores é dialogar com eles.

* Lev Semeonovitch Vigotski (do russo Лев Семёнович Выготский às variações de tradução encontradas: Vigotski, Vygotski ou Vigotsky ; trocou de nome – Vigodski para Vigotski – por acreditar, depois de pesquisas pessoais, que sua família era originária de uma aldeia Vygotovo) (1896-1934) era filho de uma próspera família judia de Gomel. Na Rússia Czarista os estudantes judeus tinham uma cota de três por cento para admissão nas universidades de Petersburgo e Moscou, e os que obtinham a medalha, como seria o caso se Vigotski, tinham a vaga garantida. Mas na época dos exames o ministro da educação divulgou uma circular estabelecendo a matrícula por sorteio. Vigotski, um dos sorteados, começou a estudar em Moscou. A escolha das disciplinas também foi influenciada pela origem judaica, História e Filologia levavam apenas a posição de professor de escola secundária e o único emprego disponível era de professor num *Gybasium* judeu particular. Restavam direito (que possibilitava morar fora do território de assentamento – Pale) e medicina (que permitia um futuro seguro). Por insistência dos pais, Vigotski matricula-se em medicina mas um mês depois muda para direito. Também frequentou outros cursos e graduou-se em história e filosofia na Universidade do Povo de Shanjavsky, que não era oficialmente reconhecida, mas contava com cientistas renomados depois de uma greve na Universidade Imperial estudando também literatura e história. Recebendo o bacharelado em Direito em 1918, voltou para Gomel, onde havia lecionado anteriormente. Na época, preocupava-se com questões relacionadas a uma possível ligação entre a psicologia “natural”, mais quantitativa, e a psicologia “mental”, mais subjetiva. Retornou a Moscou em 1924, envolvido em vários projetos. Apesar da vida breve, foi autor de uma obra muito importante, junto com seus colaboradores Alexander Luria e Alexei Leontiev, formando a *troika* - eles foram responsáveis pela disseminação dos textos de Vigostki, muitos deles destruídos com a ascensão de Stálin ao Kremlin; devido à censura soviética seus trabalhos ganharam dimensão há pouco tempo, inclusive dentro da Rússia. No ocidente, o seu livro *Pensamento e Linguagem* foi lançado apenas em 1962 nos Estados Unidos. Os seus primeiros estudos foram voltados para a psicologia da arte – tinha entre seus amigos o grande cineasta Sergei Eisenstein, admirador de seu trabalho. Suas ideias foram desenvolvidas na União Soviética após a Revolução Russa de 1917 e refletem o desejo de reescrever a psicologia, com base no materialismo histórico e dialético, e construir uma teoria da educação adequada à nova realidade social emergida da revolução. O projeto trabalhoso e a constante ameaça da morte (a tuberculose manifestou-se desde os 19 anos de idade e foi responsável por sua morte prematura) deram a sua obra, abrangente e profunda, um caráter de urgência.

** Baruch de Espinosa – Bento ou Benedito, em português; Benedictus, em latim, acaba optando por esse último após a excomunhão da comunidade judaica – (1632,1677) vivenciou conflitos com relação a suas origens: era judeu por receber educação rabínica; português, porque seus pais eram emigrantes portugueses e holandeses porque nasceu em Amsterdã. Por conta da conversão forçada ao cristianismo e a expulsão de seu país, seus familiares tornaram-se marranos ou cristãos novos e, ainda que aceitassem a nova fé, permaneceram vinculados à tradição judaica. Espinosa foi instruído como os demais jovens marranos: estudou o hebraico, a Bíblia e a história do povo judeu, interessando-se pelos grandes problemas do judaísmo – isto, depois de ter estudado algumas ciências, denominadas profanas, como a lógica, a metafísica e a medicina. As concepções propostas por essas ciências negavam a verdade das Escrituras Bíblicas e do Deus nelas desvendado, substituindo-o por um Deus-natureza, a negação da fé e só aceitando o poder natural da razão. Espinosa coloca criticamente em contraposição o conhecimento profético e o natural (razão humana) enfatizando a oposição entre a passividade receptiva “iluminada” (a revelação), que é a

marca da profecia, e a atividade intelectual, que é a marca própria da razão. Ainda jovem, Espinosa foi convocado pela Sinagoga de Amsterdã, sofreu um intenso interrogatório, cuja finalidade foi mostrar seu ateísmo (fato de conceber Deus contra a concepção tradicional vigente, neste caso, numa denominação muito mais política do que religiosa) e a partir de então, tomou a iniciativa de afastar-se da comunidade judaica, integrando-se à vida cultural holandesa e passando a usufruir da liberdade de consciência e tolerância religiosa que o Estado holandês proporcionava. Em 1656, foi excomungado pela comunidade judaica de Amsterdã e abandonou os estudos judaicos em prol de um humanismo clássico. Assim, passa a estudar a filosofia que exerceu sobre ele uma forte influência, a doutrina de Descartes, de quem se tornou um grande crítico. Isto assinala o peso do novo racionalismo do século XVII. Mas apesar de Espinosa ser racionalista, sua filosofia se distancia dos dualismos como corpo e mente, intelecto e afeto, o que marca uma importante diferença. Sua principal obra é a *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*, concluída em 1675, mas publicada apenas em 1677, juntamente com outras que formaram o volume das Obras póstumas. A fragilidade da sua condição física por conta do trabalho como polidor de lentes exposto à inalação de substâncias provenientes do vidro, associada à tuberculose que acometeu sua saúde por quase vinte anos, levou-o à morte em 21 de Fevereiro de 1677.

*** Nascido Sigismund Schlomo Freud (1856 - 1939) (mas em 1877 abreviou seu nome para Sigmund Freud), foi um médico neurologista judeu-austriaco, fundador da psicanálise. Morou em Viena até 1938, quando, com a vinda do nazismo (Freud era judeu), foge para a Inglaterra. Era um excelente aluno, porém, por ser judeu, só poderia escolher entre os cursos de Direito ou Medicina, optando por este último. Atinha-se à pesquisa científica, inicialmente pelos estudos dos órgãos sexuais de enguias — um estranho, mas interessante presságio das teorias psicanalíticas que estariam por vir vinte anos mais tarde. Em 1877, desapontado com os resultados e talvez menos excitado em enfrentar mais dissecações de enguias, Freud vai ao laboratório de Ernst Brücke, que torna-se seu principal modelo de ciência. Freud entra em contato com a linha fisicalista da fisiologia — cujo interesse não era apenas descobrir as estruturas de órgãos ou células particulares, mas sim, suas funções. Dentre as atribuições de Freud, nesta época, estavam o estudo da anatomia e da histologia do cérebro humano. Durante os estudos, identifica várias semelhanças entre a estrutura cerebral humana e a de répteis, o que o remete ao então recente estudo de Charles Darwin sobre a evolução das espécies e à discussão da "superioridade" dos seres humanos sobre outras espécies. Por questões pessoais e financeiras abandona o laboratório e começa a trabalhar no Hospital Geral de Viena. Depois de algumas decepções com o estudo dos efeitos terapêuticos da cocaína (inclusive um episódio de morte por overdose de um amigo da época do laboratório de Brücke) Freud recebe uma licença e viaja para a França, onde trabalha com Charcot, um respeitável psiquiatra que estudava a histeria. Desde então, Freud passa a atender, na maior parte, jovens senhoras judias que sofriam de um conjunto de sintomas aparentemente neurológicos que compreendiam paralisia, cegueira parcial, alucinações, perda de controle motor e que não podiam ser diagnosticados com exames — utilizando-se do método de hipnose, e duas acepções diferentes: a sugestão pós-hipnótica e o método catártico propriamente dito. O primeiro caso clínico relatado, se deve a Breuer e descreve o tratamento dado a uma paciente que demonstrava vários sintomas clássicos de histeria. O método de tratamento consistia na chamada *cura pela fala* ou *cura catártica* que tornou-se o centro das técnicas freudianas. Freud também acreditava que as memórias ocultas ou reprimidas nas quais baseavam-se os sintomas de histeria eram sempre de natureza sexual — ponto de desacordo com Breuer que levou-os à separação após a publicação dos casos clínicos e à marginalização de seus estudos perante a classe médica em geral. Depois do falecimento de seu pai (segundo as cartas recebidas por Fliess) Freud, dedica-se a anotar e analisar seus próprios sonhos, remetendo-os à sua

própria infância e, no processo, determinando as raízes de suas próprias neuroses – o que se tornou a fonte para a obra *A Interpretação dos Sonhos*. Durante o curso desta auto-análise, mas também levando em conta a experiência clínica no tratamento das neuroses, Freud chega à conclusão de que seus próprios problemas eram devidos a uma atração por sua mãe e a uma hostilidade ao seu pai – cunhando o famoso *complexo de Édipo*. Propõe uma concepção de mente dividida em camadas ou níveis, dominada em certa medida por vontades primitivas que estão escondidas sob a consciência e que se manifestam nos lapsos e nos sonhos – cunhando o termo inconsciente. Freud procurou uma explicação à forma de operar do inconsciente, propondo uma estrutura particular, um sistema que se divide em inconsciente, pré-consciente e consciente. Ao se preocupar com o processo de da repressão, passou a adotar os conceitos de id, ego e superego. Freud estava especialmente interessado na dinâmica destas três partes da mente e argumentou que essa relação é influenciada por fatores ou energias inatas, que chamou de pulsões que estão sempre trabalhando em conjunto. Freud sofreu de câncer na mandíbula (passando por mais de trinta cirurgias) e veio a falecer supostamente por conta de uma overdose de morfina.

**** Karl Heinrich Marx (1818-1883) foi o terceiro de sete filhos de uma família judia de classe média da cidade de Tréveris, na época no Reino da Rússia. Sua mãe, Henri Pressburg (1771–1840), era judia holandesa e seu pai, Herschel Marx (1759–1834), um advogado e conselheiro de Justiça. Herschel descende de uma família de rabinos, mas se converteu ao cristianismo luterano em função das restrições impostas à presença de membros de etnia judaica no serviço público. Ingressou na carreira jurídica em 1836 na Universidade de Bonn seguindo, posteriormente para a Universidade de Berlim – onde o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), cuja obra exerceu grande influência sobre Marx, foi professor e reitor. Integrou o grupo dos jovens hegelianos e não concordando o idealismo de Hegel e interessando-se por História e Filosofia acabou desistindo de ser advogado. Em 1841 terminou o doutorado em Filosofia (com uma tese sobre as *Diferenças da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro*) e optou por seguir a carreira universitária, mas tendo de abandoná-la tornou-se redator-chefe da Gazeta Renana logo em seguida (1842-1843). Abandonou o cargo após sofrer pressões políticas e perseguições, emigrando para Paris em 1843. Exilado em Paris começa a redigir os *Manuscritos Econômico-filosóficos*, cujas ideias centrais são a essência humana e o trabalho alienado. Ainda neste mesmo ano (1844) Marx reencontra o amigo Friedrich Engels (1820-1895) com quem inicia uma estreita colaboração intelectual e política produzindo *A Sagrada Família* (1845) e *A Ideologia Alemã* (1845-1846). Por volta de 1847 Marx e Engels ingressam na Liga dos Justos, organização sediada na França, mas com ramificações internacionais (Liga Comunista) publicando no início de 1848 o conhecido *Manifesto do Partido Comunista*. Em 1852 publica O 18 Brumário de Luís Bonaparte, em que analisa os acontecimentos na França de 1848-1851. A obra máxima de Marx – *O Capital* – teve seu primeiro volume publicado apenas em 1867. Nesta obra, as premissas que foram estabelecidas em *A Ideologia Alemã* são aplicadas rigorosamente ao estudo do modo de produção capitalista, desvelando o que a “economia científica burguesa” jamais poderia explicar: a questão da exploração do homem pelo homem. Marx desenvolveu, em consequência dos problemas de saúde que suportou ao longo de toda a vida, bronquite e pleurisia, que causaram o seu falecimento em 1883.

Emoções: controvérsias e polêmicas em pauta

Ao nos questionarmos acerca do que são emoção, sentimento e afeto deparamo-nos com uma longa história acerca de (in)definições. História que constitui o homem em seu processo de tornar-se homem, sujeito, pessoa.

Podemos pensar em tudo o que nos aproxima dos animais. Instintos. Impulsos. Impulsos vitais que nos mobilizam para a ação. Instinto de agressão. Algo incontrollável, de que não se tem domínio. Irracional. Sensação intrínseca. Percepção. Sensibilidade. Tudo aquilo que sentimos, inconscientemente. Ou, por outro lado, tudo aquilo que sentimos conscientemente. Sentimento que envolve todo o ser humano. Algo que passa pelos nossos juízos. Algo individual. O que experimentamos na arte, no sentimento estético ou religioso. Forma de expressar. Motivação, motivo, necessidade. Nesse caso, o que nos difere dos animais.

Por outro lado, se as emoções podem ser ou não ser inconscientes, podem ou não ser irracionais, podem ou não ser colocadas em palavras, podem ou não ser reprimidas, são o que nos aproxima ou distancia dos animais?

Modos de pensar o sentir que nos remetem à cisão: razão e emoção; corpo e mente; natural e cultural; biológico e psíquico; interno e externo.

Percebendo a importância das contribuições de autores como Aristóteles, Descartes, Espinosa, Locke, Diderot, Kant, que se debruçaram sobre essa questão, com quem Vigotski dialoga em seus trabalhos, e cujas ideias ainda ressoam nos debates contemporâneos, nos detivemos num estudo das ideias desses autores para pontuar polêmicas que insistentemente se recolocam – razão e sensibilidade, linguagem e emoção, dentre outras.

As relações entre as paixões e a linguagem nos remetem, por exemplo, a Aristóteles. Tomando a “arte de bem falar” e o fato desta implicar um julgamento, na parte II de sua Retórica, Aristóteles discorre sobre os modos de persuasão e identifica as características

relativas ao caráter do orador, as disposições do ouvinte e ao discurso propriamente dito (*ethos*, *pathos* e *logos*). A preocupação com as paixões emerge intrinsecamente ligada à palavra, ao discurso, à linguagem, ao modo como afetam os sujeitos. “As paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e de prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários”. (Aristóteles, *Retórica das Paixões*, parte II).

Contudo, para o filósofo devem-se distinguir, relativamente a cada paixão, três pontos de vista: “em que disposições estão as pessoas em cólera, contra quem habitualmente se encolerizam, e por quais motivos”, para que possamos compreender a paixão e as possibilidades de inspirá-las. As paixões são assim definidas em relação ao motivo e ao objeto que as provocam e são estabelecidas em relação ao seu oposto: a cólera e a calma, o amor e o ódio, o temor e a confiança, a vergonha e a imprudência, e finalmente, o favor, a compaixão, a indignação e a inveja. O problema está, por outro lado, em compreender como se articulam estes dois estados emocionais contrários na faculdade impulsiva, pois Aristóteles afirma que a cólera é aumentada quando implica uma afeição prévia pelo sujeito em questão.

Se Aristóteles destaca a intrínseca relação das paixões com a linguagem, Descartes traz para o plano do indivíduo a questão existencial ao colocar o “pensar” para o sujeito – que, sobretudo, na Idade Média era governado, orientado fundamentalmente pelas leis divinas que se explicitavam com toda a força na hierarquia da igreja católica.

Em sua conhecida busca por uma ciência que trouxesse luz à verdade, afirma em relação às paixões:

considero que tudo quanto se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos uma paixão em relação ao sujeito a quem acontece, e uma ação em respeito àquele que faz com que aconteça; de sorte que embora o agente e o paciente sejam amiúde muito diferentes, a ação e a paixão não deixam de ser sempre uma mesma coisa com dois nomes, devido aos dois sujeitos aos quais podemos relacioná-la (*Id. IBID*: 77).

Desta forma, segundo o filósofo, para conhecer as “paixões da alma” é preciso distinguir entre suas funções e as do corpo, pois o que na primeira constitui-se como uma paixão, no segundo constitui-se comumente como uma ação. As funções do corpo são todas aquelas relacionadas ao calor e ao movimento e as da alma são todas aquelas relacionadas ao pensamento que, segundo o filósofo, são de dois gêneros:

[...] uns são as ações da alma, outros as suas paixões. Aquelas que chamo suas ações são todas as nossas vontades, porque sentimos que vêm diretamente da alma e parecem depender apenas dela; do mesmo modo, ao contrário, pode-se em geral, chamar suas paixões, toda espécie de percepções, ou conhecimentos existentes em nós, porque muitas vezes não é nossa alma que os faz tais como são, e porque sempre os recebe das coisas representadas (*Id. IBID*: 84).

O campo das paixões propriamente ditas já está reduzido, pois somente “as percepções que têm o corpo como causa (os nervos) merecem esse nome” (Descartes, p. 85).

Com Descartes, temos então, as cisões que marcam o pensamento ocidental, condensando sentidos que ainda hoje repercutem nos modos de conceber e teorizar sobre paixões, emoções, sentimentos... As paixões fogem ao controle do pensamento divergindo deste numa concepção dualista que subentende a cisão corpo/mente, razão/sensibilidade.

Diderot, por outro lado, explicita a tensão entre a razão e a sensibilidade, pois seu materialismo o leva a buscar na organização fisiológica a especificidade e a causalidade humanas, entretanto, essa mesma organização reafirma a irredutibilidade do homem a esquemas normalizadores. Nas palavras de Dobranski (1992), a razão vacila.

Mas, fazendo frente ao racionalismo, identificamos a emergência da experiência sensível como questão central para a Teoria do Conhecimento. Com Locke e Hume vemos emergir a concepção de que as ideias têm origem nas sensações produzidas pelo meio.

Decorrem daí alguns postulados importantes: que todo conhecimento deriva fundamentalmente da experiência sensível e a proposição da correspondência: sensação – ideia. Tal consideração demove a suspeita do emprego de um termo filosófico destituído de significação.

Não podemos deixar de pensar ainda na síntese kantiana. Indagando também sobre do entendimento humano, Kant (1987) procura, em primeiro lugar, isolar a sensibilidade separando tudo o que o entendimento pensa a partir desta capacidade mediante seus conceitos, de modo que não reste nada senão a intuição empírica. Em segundo lugar, separa tudo o que pertence à sensação propriamente dita, para que nada mais reste senão a intuição pura e a simples forma dos fenômenos. A capacidade que rege tal possibilidade, a sensibilidade, é assim definida: “A capacidade (receptividade) de obter representações mediante o modo como somos afetados por objetos denomina-se sensibilidade” (Kant, 1987: 39). Nessa perspectiva, as paixões são tidas como enfermidades da alma e não têm, portanto, uma função na psique humana.

Temos em pauta uma discussão da questão em termos de sensação/sensibilidade admitida como capacidade inata, *a priori*? Procuramos discutir tal indagação tendo em vista que diante da perspectiva do empirismo (que parte da concepção de que nenhum conhecimento é possível *a priori* da experiência), e do racionalismo (que parte da convicção de que os homens possuem ideias inatas, anteriores ao conhecimento que nos é dado pelos sentidos), há dois caminhos para se chegar ao conhecimento: a experiência (órgãos dos sentidos) e a razão (capacidade de pensar) ou inteligência (intuição e dedução) e, entre elas, a síntese kantiana (apontada por muitos como idealista). Se Locke e Hume trazem a questão da experiência sensível, instigando questões relacionadas ao significado, tanto Kant como Descartes distinguem as funções da razão e da sensibilidade, em relação à passividade e atividade.

No campo da filosofia vamos percebendo que a problemática da sensibilidade emerge relacionada ao modo como os autores discutem, compreendem e relacionam ideia, representação, imaginação, sensação, sentimento, paixão, palavra, linguagem e percepção,

conhecimento, consciência e vontade. O que, por sua vez, vai repercutindo no campo da ciência, da anatomia, da fisiologia, da biologia...

No campo da biologia, Darwin (1987), formula a hipótese de uma causa natural para a origem de todas as espécies, apresenta leis naturais que explicam todo o processo evolutivo pautado por um mecanismo de seleção natural. Preocupado em compreender o lugar das emoções no processo evolutivo, o autor volta-se para as expressões faciais que caracterizam certos estados emocionais investigando o modo como determinadas emoções aparecem no homem e em alguns animais, buscando compreender o que pode ser considerado inato ou adquirido. Suas conclusões apontam para o fato de que as principais manifestações expressivas, presentes nos homens e animais, são inatas e herdadas ao longo do processo evolutivo, sendo incorporadas ao repertório instintivo da espécie (Darwin: 2000).

Nos séculos XIX e XX surgem novas formas de estudar o homem e o conhecimento, ainda marcadas por dicotomias. Neste momento, temos a constituição da psicologia como ciência. São diversos os pesquisadores que se dedicam ao estudo, numa tentativa de explicação e compreensão da condição humana, debruçando-se sobre as características especificamente humanas.

A psicologia desta época constitui-se como ciência tendo um caráter marcadamente naturalista, influenciada pelas ciências da natureza e debate-se sobre as questões filosóficas e suas arraigadas dicotomias. A questão da consciência e do comportamento emerge como objeto de estudo e investigação em diferentes campos e abordagens, colocando em discussão os instrumentos metodológicos para solucionar essas contradições, resolver dicotomias, oposições entre natural e social, autonomia e determinação, interno e externo, corpo e mente, razão e emoção.

Tal caráter, pautado pela dicotomização, traz à psicologia desafios e obstáculos, pois, se era necessário torná-la um conhecimento objetivo, embasado pelos requisitos científicos, seus interesses e objetos de estudo implicavam em riscos consideráveis como, por exemplo, o tema das emoções.

Desdobram-se várias correntes: a psicologia experimental e introspectiva, a reflexologia, a teoria comportamentalista, baseada no estímulo-resposta, a Gestalt, e a psicanálise.

Na perspectiva de uma psicologia experimental, Wundtⁱ fundador do primeiro laboratório de psicologia experimental (1879, Leipzig, Alemanha) e seus seguidores, como Titchenerⁱⁱ (que introduz o estruturalismo na perspectiva de Wundt, alterando-a) estudam a consciência humana, e em especial as suas experiências sensoriais, segundo o modelo da física. Neste sentido, propõem uma decomposição dos processos mentais nos seus elementos mais simples (sensações, ideias) a fim de descobrir as suas combinações e conexões no sistema nervoso e as estruturas relacionadas aos mesmos – utilizando-se do método introspectivo.

A reflexologia, criada por Pavlovⁱⁱⁱ, centrou o estudo da psicologia no comportamento dos animais, procurando descobrir as respostas inatas ou adquiridas a certos estímulos do meio. A principal descoberta de Pavlov foi o reflexo condicionado – que exerceu influência marcante nos psicólogos que buscavam uma base material para o psiquismo. Os cães, por exemplo, salivavam não apenas quando viam comida (reflexo inato), mas também quando regiam a outros estímulos que eram associados à chegada de comida. Esta resposta era, portanto, aprendida por associação (reflexo condicionado). A investigação psicológica devia, segundo Pavlov, centrar-se no estudo destas respostas (reflexos inatos ou adquiridos) em relação aos estímulos do meio. A influência destas investigações foi enorme no desenvolvimento posterior da psicologia científica, em particular no *Behaviorismo*.

O Comportamentalismo, ou *Behaviorismo* (do inglês *Behaviorism*, derivado de *behavior* que significa comportamento, conduta) tem origem nas ideias de Pavlov e se desenvolve a partir de Watson^{iv}. Procura examinar do modo mais objetivo o comportamento humano e dos animais, com ênfase nos fatos objetivos (estímulos e reações), sem fazer recurso à introspecção e especulações metafísicas, filosóficas. Watson se utilizou de conceitos e ideias já existentes para a instituição do comportamentalismo, que

teve como principais influências a tradição filosófica do objetivismo e do mecanicismo de Descartes e, também, de Comte, fundador do positivismo. Enfatizava as respostas orgânicas (musculares ou glandulares) de modo que emoções, hábitos, pensamentos e mesmo a linguagem, se limitavam a respostas fisiológicas complexas a estímulos externos.

Nessa perspectiva hábitos, pensamentos, linguagem e as emoções consistem em respostas fisiológicas complexas a estímulos externos.

A Psicologia da Gestalt (relacionada à palavra *gestalt* de origem alemã que significa "forma", "configuração", "padrão" ou "estrutura") surgiu por volta de 1912, na Áustria, mas tinha ramificações em outros países europeus, como a Alemanha – tendo como principais representantes Wertheimer^v, Kohler^{vi}, Bühler^{vii}, Koffka^{viii} e Lewin^{ix}. Procura romper com a teoria associacionista para a explicação das nossas percepções como o resultado da somatória ou combinação de estímulos ou sensações. Assim, a sensação elementar não é dada de imediato à consciência – o que percebemos de imediato são totalidades, fatos organizados. A totalidade é o elemento básico do conhecimento perceptivo e prevalece sobre seus elementos constituintes. O objetivo desta corrente da psicologia era determinar a experiência consciente da percepção e as leis pelas quais esta última se apresenta como uma totalidade ou uma *gestalt*¹⁶. A totalidade determina não apenas a forma como os elementos são percebidos, mas também o seu agrupamento e a sua significação. Os gestaltistas afirmavam que os seres humanos possuem um sistema nervoso inato que está preparado para organizar a experiência sensível, facilitando a aprendizagem e o conhecimento. Defendiam que a mente humana, longe de ser passiva como acreditavam os *behavioristas*, era extremamente ativa e criativa na resolução dos problemas concretos. A conduta humana não é previsível, nem automática. Entre o momento em que o homem recebe os estímulos e aquele em que dá a resposta, existe toda uma série de processos intermediários que condicionam as respostas. Nesse contexto, emoção é compreendida como uma força, algo

¹⁶ O gestaltismo afirma que na captação das formas em que se baseia a percepção intervêm certas leis que definem a organização perceptual e determinam como se configuram os objetos na percepção: Lei da Forma e Fundo; Lei da Pregnância; Lei da Semelhança; Lei do Fechamento; Lei da Continuidade; Lei da Proximidade; Lei do Contraste; Lei da Constância Perceptiva; Lei da Simplificação; Lei da Conexão; Lei da Região Comum; Lei da Conectividade.

que fornece energia para toda ação; a expressão de nossa excitação básica que se traduz em diversos modos de expressarmos nossas escolhas, assim como de satisfazermos nossas necessidades.

Também a Psicanálise se constitui como um campo de estudo em que as emoções pareciam assumir um caráter relacionado à energia do psiquismo. Criada por Freud que, formado em medicina, debatia-se com a incapacidade desta em explicar e tratar algumas doenças nervosas. Freud inicia seus estudos interessado na anatomia do cérebro e, ao poucos, vai aprofundando-se na compreensão e tratamento destas doenças – dentre elas a histeria. Utiliza-se, num primeiro momento, da hipnose como método terapêutico para despertar nos pacientes recordações desaparecidas por algum motivo. Mas é o abandono deste método e busca por solucionar as questões que vão se impondo na experiência clínica que vai permitir a ele confirmar a existência de três níveis de atividade psíquica: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. Conversando com os pacientes, Freud acreditava que seus problemas se originavam da inaceitação cultural, sendo assim reprimidos seus desejos inconscientes e suas fantasias de natureza sexual. Assim, com o desenvolvimento de seu interesse pelo inconsciente e pelas pulsões, entre outros abandona a hipnose em favor da associação livre e da interpretação dos sonhos. Estes elementos tornaram-se as bases da psicanálise. O conceito de inconsciente fora usado por autores como Leibniz e Hegel, mas adquire uma certa originalidade ao ser introduzido por Freud, que se deve à proposição de uma realidade psíquica, característica de processos inconscientes. Freud diferencia entre o que ele chama de “pré-consciente” – uma parte dos processos psíquicos que permanece inconsciente, mas suscetível de consciência – e Inconsciente, como um sistema de processos com organização específica e que permanece sem acesso à consciência no funcionamento psíquico normal. Este inconsciente enquanto sistema na segunda tópica, apresentada em “O Eu e o Id” (1923), se torna a instância Id. A psicanálise se desenvolveu de muitas maneiras, desdobrando-se em diversas escolas ou

tendências¹⁷. Uma forma singular de pensar os afetos emerge intimamente relacionada aos impulsos e às pulsões.

Não podemos deixar de assinalar ainda pragmatismo norte-americano, representado por Willian James^x (seguido pelos trabalhos de Langue^{xi}, na Rússia) que se insere numa abordagem considerada por alguns como funcionalista. Nessa perspectiva os processos mentais são encarados como funções, cujo modo de funcionamento se procura determinar através de estudos psicológicos que incidiram quase sempre sobre atividades concretas (educação, direito, negócios, etc.). Aplicavam-se uma grande diversidade de métodos (introspecção, métodos experimentais, etc) para investigar as emoções, compreendidas fundamentalmente como manifestações corporais, alterações orgânicas e viscerais.

Marcada por esse caráter dual, dicotômico e naturalista no debate mais específico acerca das emoções duas correntes orientam o pensamento psicológico: *uma* baseada nos estudos de Spencer^{xii}, Ribot e os positivistas franceses, e na psicologia alemã de orientação biológica – que afirmava a origem biológica das emoções a partir das reações instintivas e afetivas dos animais (Teoria dos rudimentos - as emoções e os sentimentos são concebidos como resquícios de reações animais na defesa e na fuga e os movimentos expressivos que acompanham nossa ira restos que acompanhavam as reações de ataque de nossos antepassados – temor: fuga refreada, ira: rixa refreada.); *outra* baseada nos estudos de James e Langue que, buscando encontrar a fonte da vitalidade das emoções no próprio organismo, propunha uma mudança analítica dos momentos que compõem a reação emocional, afirmando que as reações orgânicas que acompanham os processos emocionais eram a fonte dos mesmos. Imediatamente após a percepção de algo (perigo) surgem mudanças orgânicas provocadas de forma reflexa (Langue: modificações viscerais – produzidas nos órgãos internos; James: modificações vasomotoras); a percepção das

¹⁷ Entre as principais dissensões, destacam-se as de C. G. Jung e Alfred Adler (com quem Vigotski dialogou), que participavam da expansão da psicanálise no começo do século XX. No entanto, a partir da teoria psicanalítica de Freud, fundou-se uma tradição de pesquisas envolvendo a psicoterapia, o inconsciente e o desenvolvimento da práxis clínica, com uma abordagem puramente psicológica.

reações orgânicas próprias é base das emoções. Assim, de acordo com James, poderíamos dizer que estamos aflitos porque choramos, estamos assustados porque trememos.

Oscilando entre um dos pólos das inúmeras dicotomias que se colocam, o estruturalismo, o funcionalismo, o pragmatismo, o comportamentalismo, a gestalt e a psicanálise, constituíram-se como esforços na busca de se compreender, cientificamente, o homem e sua relação com o mundo, o conhecimento. Os termos e conceitos diversos, princípios explicativos divergentes, vão se constituindo ao longo da história nas diferentes esferas da vida humana condensando e mobilizando sentidos igualmente diversos, divergentes, múltiplos...

É no início do século XX, no escopo destas indagações, que acontece a produção de Vigotski.

Sensível a estas oscilações, tensões e embates, Vigotski (1927/1999a) assinala a crise teórico-metodológica por que passa a psicologia e aponta alguns caminhos. Um ponto fundamental é a superação do dualismo cartesiano, o problema da separação mente e corpo.

Para o autor, não se trata apenas de apresentar o entrelaçamento do corpo e da mente, do afeto e do intelecto, do interno e do externo, ou de tomá-los como pressuposto. Tampouco de proclamar o afeto, ou a vivência afetiva numa perspectiva histórico-cultural. Enfrentar o problema implica em uma busca em superar os dualismos e dicotomias que caracterizam a crise na Psicologia, buscar uma compreensão de intelecto e afeto e suas relações.

Uma questão teórico-metodológica se configura assim, como essencial na abordagem vigotskiana e na perspectiva histórico-cultural que Vigotski propõe fundamentada no materialismo histórico e dialético – como ponto de partida (e de chegada) para tentar compreender como as emoções se tornam complexas na história e na cultura humana, compreender como isso se torna possível na ontogênese, na história do sujeito e da sociedade.

Essa questão sobre o problema da natureza e do desenvolvimento das emoções, defendemos, central para a abordagem vigotskiana, leva Vigotski (1933/2004b) a afirmar em um de seus últimos trabalhos: “La cuestión de la originalidad de las emociones del hombre en relación con las dos animales es la cuestión central de nuestro estudio y está directamente unida al problema del desarrollo de las emociones”. (p. 211).

Vigotski (1934/1997) termina um de seus últimos textos *El problema del retraso mental*, reconhecendo o enlace, a relação de interdependência ou interação entre razão e emoção. “En este hecho halla la expresión anatómica aquella circunstancia que el afecto es el alfa y el omega, el primero y último eslabón, el prólogo y el epílogo de todo el desarrollo psíquico” (p. 299).

Como podemos compreender essa afirmação de Vigotski?

(Re)colocando o desafio

Tratar a questão das emoções na obra de Vigotski é um desafio. Seja pela abrangência e persistência do tema, que atravessa toda a sua produção, seja pela interlocução com os autores nos mais diversos campos e tendências, seja pelo caráter inacabado de algumas obras.

Preocupações com os processos afetivo-volitivos e a consciência perpassam toda a obra de Vigotski. O autor nos aponta, em muitos momentos, a relevância dos aspectos volitivos, da atividade voluntária e da consciência como essenciais ao estudo e investigação do funcionamento mental. Assinalando os limites de uma explicação ancorada na reflexologia Vigotski (1925/1999a) afirma que o estudo da gênese desses processos cognitivos, das funções psicológicas superiores mostra que “qualquer processo volitivo é inicialmente social, coletivo, interpsicológico” (p. 113).

Para Vigotski a organização da inteligência se dá numa relação dinâmica, de interfuncionalidade, entre afeto e intelecto, de modo que um dos maiores limites da psicologia tradicional, é a separação entre os aspectos intelectuais e os aspectos afetivos, volitivos. Coloca-se, desse modo, a busca da superação de uma perspectiva dualista de desenvolvimento humano em defesa de uma perspectiva que não se resume simplesmente à junção de corpo e mente, matéria e espírito, mas que se constitui numa abordagem dialética (Oliveira, 1992).

Sua teoria psicológica emerge do contexto de sua relação com a arte, a literatura, o teatro – fato conhecido de todos principalmente após a publicação de seus estudos na área, nas mais diversas línguas e dos trabalhos de alguns dos estudiosos de sua obra. A arte está no âmago de suas constantes indagações sobre o processo histórico e cultural de constituição humana, produzindo reverberações que o levam a perquirir temas como a imaginação, a memória e a emoção como processos intimamente ligados à experiência histórica, social emocional e à significação – importante núcleo conceitual de sua obra.

É interessante pontuar que ao mesmo tempo em que trabalha em sua tese sobre a arte e a técnica social do sentimento em *Psicologia da Arte*, problematiza o conceito de consciência e a abordagem em psicologia em *A consciência como problema da psicologia do comportamento* e escreve sobre questões do ensino e do desenvolvimento infantil dedicando um capítulo ao desenvolvimento emocional em *Psicologia Pedagógica*. Nos trabalhos que se seguem as indagações sobre as emoções são intensificadas, alguns argumentos se tornam mais explícitos, algumas questões mais pungentes articuladas aos mais diversos temas em: *Fundamentos de Defectologia*, *Sobre os sistemas psicológicos*, *Imaginação e arte na infância e, finalmente, Desenvolvimento psicológico na infância*, *Psicologia Infantil*, *Sobre o trabalho criativo do ator*.

Dessas considerações uma indagação emerge: das elaborações sobre arte no início até as elaborações sobre questões do desenvolvimento humano e a neuropsicologia, o que permanece? O que muda?

Como as emoções não constituem o foco central, mas persistem em todos os trabalhos e se entretêm às reflexões e argumentos do autor, vamos apurando o modo como este objeto e a procura por um método se constroem no decorrer da pesquisa. Na obra, cronologicamente, ao focar as emoções, vamos identificando as nuances desse objeto (e método?) de investigação.

Vigotski faz uso de diferentes expressões ao se referir a essa problemática, tais como: paixões, afetos, emoções e sentimentos. Tal fato nos leva a indagar suas razões.

Seria uma questão semântica, terminológica, decorrente da dificuldade de compreender e definir que marca o acirrado debate já apontado na psicologia da época? Decorreria do fato de cada interlocutor, a partir de seu lugar, do campo da ciência compreender e referir-se à emoção de diferentes modos? Pensando nos modos de conceber e teorizar sobre, seria uma questão conceitual? E ainda, considerando o modo como Vigotski compreende as funções psicológicas especificamente humanas isso faria alguma diferença?

Assumindo a perspectiva histórico-cultural, considerando o fato de que o significado dos conceitos muda ao longo da história, bem como os modos de teorizar e conceber propriamente ditos, tomamos a polêmica como ponto de partida e enfatizamos a necessidade de compreender o movimento do pensamento dialético de Vigotski, as questões que formula e os embates que trava para buscar, ao mesmos, compreender as questões (re)colocadas.

Afeto, sentimento e emoção

Vigotski preocupava-se em compreender as emoções em seu processo de mudança ao longo da história humana. Nesse processo a questão da natureza e da função das emoções adquire especial relevância. Essa questão nos remete a duas outras que constituem

polêmica e são objeto de controvérsia em sua obra e/ou nos dias atuais: a (in)diferenciação dos termos da vida afetiva (afeto, sentimento e emoção) e as funções psicológicas especificamente humanas.

Os significados que as palavras emoção, sentimento, afeto e paixão assumem ao longo do tempo, foram revisados mais recentemente por Engelmann (1978), em relação à terminologia, em vários idiomas (dentre estes, francês, português, inglês, alemão, italiano).

Segundo Engelmann (1978), a palavra paixão, por exemplo, de origem portuguesa, deu origem aos primeiros vocábulos a serem usados em obras referentes aos fenômenos em questão. Inicialmente, eram atribuídos a esse vocábulos significados considerados negativos, relacionados à dor, infelicidade, sofrimento. E aqui a doutrina cartesiana é decisiva.

Descartes (1649) irá tornar o caráter de passividade o critério definidor de *passion*. *Passion* é o oposto de *action*. É um acontecimento do ponto de vista de quem o sofre e não de quem o produz; e *passion de l'âme* é algo que sucede à alma por ação do corpo sobre ela, um sinônimo de *perception*. (p. 25)

Mas, Descartes também emprega os termos sentimento e emoção e ao fazer isso outros sentidos emergem.

Pelo que se pode verificar na citação de Descartes, *émotion*, sem o predicado *l'âme*, refere-se à agitação. É este o sentido com que aparece na língua francesa no século XVI, a partir do verbo latino vulgar *emovēre*, que significa por em movimento. *Émotion*, enquanto turbulência, passa a ser usado não apenas para indicar uma agitação da alma mas também uma agitação popular, uma revolta¹⁸. (p. 26)

¹⁸ Engelmann (1978) afirma que estes sentidos de movimento e agitação associados à emoção, se mantêm na língua portuguesa tanto em Portugal como no Brasil.

O termo *sentiment*, também empregado por Descartes, engloba o sentido de sensação, impressão e percepção de um objeto pelo organismo, o que segundo o autor, vai remeter ao fato de ser ou não agradável. Percebemos que a noção de atividade vai sendo incorporada ao termo num momento posterior na medida em que o termo *emotion* passa a ser empregado.

De todo modo, Engelmann assinala que Descartes atribui um caráter de passividade ao fazer uso do termo *passions/paixões*. Esse sentido que o termo assume se mantém ao longo da história e parece estar presente na elaboração dos autores que se seguem.

Ao longo do tempo, foram ocorrendo variadas transformações semânticas que modificaram o sentido destas palavras, agregando ao seu significado tanto os estados de medo, vergonha, cólera, como também amor e calma. Os termos ligados aos estados subjetivos, à dimensão afetiva, sofrem no decorrer da história, modificações conceituais, variando de acordo com o idioma, o autor e o campo do conhecimento. A análise de Engelmann apresentava a problemática em diferentes campos (desde a filosofia à psicologia) e visava precisar o uso e o caráter destas palavras, esclarecendo as peculiaridades e particularidades de significado de cada termo, na medida em que eram, muitas vezes, utilizados como sinônimos. Contudo, o pesquisador acaba por concluir que, apesar dos diversos autores que analisaram o tema reconhecerem a necessidade de se estabelecer distinções entre os termos, não há concordância quanto às variações de seu uso e significado.

O problema da diferenciação dos termos pode ser explicado não só pela origem da palavra, mas também pelo próprio uso que fazemos dela. Também indagando-se sobre em que consiste a emoção, Solomon (2003) discorre sobre a sua definição ao longo da história no campo da filosofia, passando por Aristóteles, Descartes, Espinosa, Hume, Sartre, dentre outros e aponta para uma conceituação a partir de sua relação com a cognição. As emoções consistiriam assim em modos de estar conscientemente no mundo, estando relacionadas a julgamentos. Esses últimos requerem conceitos, e a questão é que conceitos são requeridos

para uma particular emoção. Desta forma, as emoções não seriam irracionais, mas uma espécie de julgamento básico sobre nós mesmos e os lugares que ocupamos mundo.

Assim, num sentido mais amplo, as emoções são classificadas como sensações agradáveis e desagradáveis que, de alguma forma marcam o corpo, manifestam-se através dele. Já os sentimentos são definidos como a capacidade de sentir, apreciar tudo o que apresenta valor estético ou moral.

Mais recentemente, analisando a questão da atividade e da afetividade no trabalho, Clot (2009) enfatiza a importância da criação do trabalhador, pois quando essa criação tem um papel e a atividade individual e coletiva desenvolve suas metas, quando o raio de ação do sujeito pode aumentar, as emoções e cognições tornam-se “recursos do desenvolvimento”. Em uma nota de rodapé, o autor aponta a necessidade de se fazer a distinção indispensável entre os termos afeto, emoção e sentimento e, ao mesmo tempo, a dificuldade de o fazer a partir das pesquisas em curso.

[...] podemos pelo menos considerar que o afeto resulta de um conflito imposto pela atividade e sua organização pessoal e que a emoção diz respeito mais ao repertório de instrumentos corporais através dos quais o sujeito lhe responde. A discrepância é sempre possível, pois choramos de alegria, por exemplo, ou ainda “sorrisos amarelo”. As emoções corporalmente vividas por cada um são, contudo, socialmente construídas e compartilhadas, até mesmo contagiosas. É, sem dúvida, por isso que elas são cultivadas especialmente nos sentimentos, estas representações coletivas e instrumentos sociais de pensamento que veiculam normas, ideais e valores. Os afetos são então mediados corporal e socialmente pelas emoções em que eles se enriquecem, mas muitas vezes se enquistam¹⁹. Em contrapartida, eles são um pouco a energia e a vitalidade dessas emoções e sentimentos contra o risco de ver os últimos se tornarem convencionais e sem tonalidade (2009: 8)²⁰.

¹⁹ No original em francês o autor utiliza o termo *enkistent* (ver nota seguinte) de maneira que optamos por traduzir por enquistam, do verbo enquistar. De acordo com o dicionário Michaelis *online*: en.quis.tar (en+quisto+ar2) vint 1 Criar, formar quisto. vpr 2 Converter-se em quisto. vpr 3 Encaixar-se. Ver: encistar. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=enquistar>.

²⁰ No original: “(...) on peut au moins considérer que l’affect résulte de un conflit que éprouve l’activité du sujet et son organisation personnelle alors que l’émotion concerne d’avantage la palette des instruments corporels au travers desquels ce sujet y répond. Le discordance est toujours possible lorsqu’on pleure de joie

Nessa perspectiva que, apesar de situar-se num referencial teórico comum e constituir-se para nós um ponto de suspeição e indagação²¹, temos uma elaboração que aponta para a diferenciação dos termos afeto, sentimento e emoção. A emoção está ligada aos estados corporais, que se desenvolvem e são cultivadas como sentimentos, ou representações coletivas e instrumentos sociais de pensamento. Sentimento seria então a emoção nomeada, lugar de cultivo das emoções. Finalmente, os afetos são mediados pelas emoções e consistem, em parte à energia que as (trans)forma e (i)mobiliza.

Delafosse (2004) aponta que o problema de definir as emoções está no centro do debate atual. Segundo a autora, uma revisão da literatura sobre emoções destaca as dificuldades de uma definição que abarque esse objeto multifacetado. Além disso, não é raro ver uma confusão de emoções, afetos e / ou sentimentos e paixões.

A autora afirma que a psicanálise se refere, por sua vez, a elas quase exclusivamente, utilizando o conceito de afeto – definido como um estado agradável ou doloroso que se manifesta sob a forma de uma descarga maciça ou como uma tonalidade geral.

Em psicologia clínica, a autora destaca os trabalhos de Pages (1986) que, ao contrário, seriam os mais comprometidos com uma definição precisa de um sistema emocional que não fosse confundido com o afeto. Sob a ordem da comunicação infra ou para-lingüística, uma conduta puramente semiótica baseada em sistemas de oposição corporal, que ela ritualiza e transforma em sinais emocionais e outros. Neste sistema, as emoções têm então três componentes: “1º os afetos, que indicam a qualidade da experiência

par exemple ou encore lorsqu'on « rit jaune ». Les émotions corporellement vécues par chacun sont pourtant socialement contruites et partagées, parfois même contagieuses. C'est sans doute pourquoi elles trouvent à se cultiver spécialement dans les sentiments, ces représentations collectives et instruments sociaux de la pensée qui véhiculent normes, idéaux et valeurs. Les affects sont donc médiatisés corporellement et socialement par les émotions et les sentiments où ils s'enrichissent mais aussi trop souvent s'enkistent. En retour, ils sont un peu l'énergie et la vitalité de ces émotions et sentiments contre les risques de voir ces derniers devenir atones et convenus » (Clot, 2009 : 8).

²¹ Retomaremos a discussão com o autor num capítulo posterior.

psíquica sem conteúdo, 2º a expressão emoção, que se refere aos aspectos comportamentais (gestos, mímicas, choro ...) e aspectos fisiológicos; 3º os aspectos representativos, imagens associadas às emoções” (Delafosse, 2004:2).

Apontando que em outras sub-disciplinas da psicologia, o estudo das emoções não é novo e atestando a impossibilidade de se voltar para as principais teorias correntes, a autora mantém apenas três pontos passíveis de situar o estado da questão: uma definição consensual de emoção é descritiva – processo multidimensional associado às sensações e que implicam componentes, fisiológico, o cognitivo e o expressivo; falta de acordo sobre a classificação das emoções; e a relevância de ainda dividir emoções em emoções primárias comum à espécie, e as emoções secundárias, superiores e complexas. Nesse contexto, quais seriam, então, os termos mais apropriados para abordar a problemática desse processo complexo em Vigotski?

Percebemos que os termos emoção, sentimento e afeto e seu uso e (in)diferenciação envolvem questões complicadas, marcadas por uma diversidade de fontes epistemológicas que nos coloca uma série de desafios teórico-metodológicos, ainda presentes no debate atual.

Nesse panorama, perscrutamos como isso se dá na obra de Vigotski.

Um dos primeiros textos em que encontramos a discussão sobre essa problemática é *Psicologia da Arte*. Aqui a questão é abordada a partir da problematização da reação estética e das intrincadas relações entre arte e vida, com destaque para o papel controverso da catarse.

Vigotski aponta, em sua análise, que a base da reação estética consiste em emoções suscitadas pela obra de arte. Temos um tipo de reação essencialmente emocional, marcada por uma determinada força ou energia que, concentrada no sistema nervoso central articula fantasia, representação, estados internos e externos de um modo ambivalente e contraditório que culmina num curto-circuito, numa combustão: a catarse.

Experienciar uma obra de arte, na literatura, no teatro, é viver o drama da ficção na realidade do corpo, sentir na própria pele, com seus desejos, anseios, percepções, pensamentos, memórias e, com seus próprios sentidos e significados... – como Hamlet, obra em que Vigotski considerava fundamental a identificação com a personagem para uma fruição plena da peça. Nesse ponto Vigotski problematiza também a questão da reação emocional cotidiana.

Em *A consciência como problema da psicologia do comportamento*, Vigotski se opõe a abordagem referida acima que resume tudo à reação ou reflexo e recusa-se em considerar a emoção como mera resposta ou reação. E, em *Psicologia Pedagógica*, as emoções aparecem como organizadores internos.

Voltando a *Psicologia da Arte*, numa abordagem monista, vamos percebendo que é todo organismo que reage aos estímulos do meio, de modo que o movimento das ideias e dos sentimentos é apenas uma parte deste processo complexo de reação. Nesse obra, Vigotski faz uso do termo sentimento (чувства/tchuvstvo) e suas derivações – é o termo mais empregado.

O termo afeto (аффектов/affekt) e suas derivações aparecem mais em *Pensamento e Linguagem* (embora também encontremos эмоции/emotsia) e nas conferências de *Psicologia Infantil*. Os trabalhos *Psicologia da Arte* e *Psicologia Pedagógica* já apontam o que viria se confirmar *Sobre o problema do trabalho criativo do ator* (1932/1987b): as emoções/sentimentos/afetos se desenvolvem, se complexificam na história e na cultura.

Numa busca terminológica realizada nesse trabalho de Vigotski fizemos uma comparação da versão em inglês e do original em russo e destacamos o trecho seguinte para ilustrar a utilização terminológica e seu impacto no pensamento de Vigotski.

Na versão em inglês temos:

Psychology teaches that **emotions** are not an exception different from other manifestations of our mental life. Like all other mental functions, **emotions** do not remain in the connection in which they are given initially by virtue of the biological organization of the mind. In the process of social life, **feelings** develop and former connections disintegrate; **emotions** appear in new relations with other elements of mental life, new systems develop, new alloys of mental functions and unities of a higher order appear within which special patterns, interdependencies, special forms of connection and movement are dominant. To study the order and connection of *affects* is the principal task of scientific psychology because it is not in **emotions** taken in an isolated form, but in connections combining emotions with more complex psychological systems that the solution of the paradox of the actor lies. This solution, as might be expected even now, will bring the investigators to a position that has a fundamental significance for all of the psychology of the actor. The experience of the actor, his emotions, appear not as functions of his personal mental life, but as a phenomenon that has an objective, social sense and significance that serves as a transitional stage from psychology to ideology²².

Em russo, no original²³:

Психология учит, что **эмоции** не представляют исключения из остальных проявлений нашей душевной жизни. Как и все другие психические функции, **эмоции** не остаются в той связи, в которой они даны первоначально в силу биологической организации психики. В процессе общественной жизни **чувства** развиваются и распадаются эти прежние связи; **эмоции** вступают в новые отношения с другими элементами душевной жизни, возникают новые системы, новые сплавы психических функций, возникают единства высшего

²² Em português: “A psicologia ensina que as emoções não são uma exceção, [algo] diferente de outras manifestações de nossa vida mental. Como todas as outras funções mentais, as emoções não permanecem na conexão em que elas estão dadas inicialmente em virtude da organização biológica da mente humana. No processo da vida social, as emoções desenvolvem-se e as conexões iniciais desintegram-se, emoções aparecem em novas relações com outros elementos da vida mental, novos sistemas se desenvolvem, novas ligações de funções mentais e unidades de uma ordem superior aparecem dentro de tais padrões especiais, interdependências, formas especiais de conexão e movimento são dominantes. Estudar a ordem e a conexão dos afetos é a principal tarefa da psicologia científica, porque não é nas emoções tomadas de uma forma isolada, mas em conexões com sistemas psicológicos mais complexos, que a solução do paradoxo do ator reside. Esta solução, como pode ser esperada ainda agora, conduzirá os investigadores a uma posição que tem uma significância fundamental para toda a psicologia do ator. A experiência do ator, suas emoções, aparecem não como funções de sua vida mental pessoal, mas como um fenômeno que tem uma significância e um sentido social objetivos, que servem como um estágio transicional da psicologia à ideologia” – tradução Achilles Delari Jr.

²³ Incluímos o texto numa função mais ilustrativa e aproveitamos a oportunidade para agradecermos a Achilles Delari Jr. não só pelo envio do material em russo, mas também pelo auxílio em relação ao uso dos termos em na língua russa.

порядка, внутри которых господствуют особые закономерности, взаимозависимости, особые формы связи и движения. Изучить порядок и связь **аффектов** составляет главную задачу научной психологии, ибо не в **эмоциях**, взятых в изолированном виде, но в связях, объединяющих **эмоции** с более сложными психологическими системами, заключается разгадка парадокса об актере. Эта разгадка, как можно предвидеть уже сейчас, приведет исследователей к положению, имеющему фундаментальное значение для всей психологии актера. Переживания актера, его **эмоции** выступают не как функции его личной душевной жизни, но как явление, имеющее объективный общественный смысл и значение, служащее переходной ступенью от психологии к идеологии.

Além das questões apontadas, vale à pena ressaltar ainda que, de fato, observamos em uma breve busca terminológica que na versão em russo não só o título traz o termo *эмоция/emotsia*, emoções, mas a própria referência de Vigotski ao comentar a teoria de Espinosa e sua contribuição para a compreensão da natureza das emoções (*эмоций/emotsia*), no capítulo dois de seu estudo.

O principal argumento de Vigotski era o de que as teorias existentes eram dualistas e para solucionar a questão, ele volta-se para Espinosa para buscar soluções para a neuropsicologia de sua época. Embora não tenha terminado esse estudo Vigotski produziu outro trabalho sobre Espinosa, um artigo intitulado *A Teoria das Emoções De Espinosa à Luz da Neuropsicologia Contemporânea* no qual o título traz novamente o termo (*эмоция*)²⁴ – tomando como objeto de análise a versão em inglês desse texto e comparando-a com a *Teoria das Emoções*, percebemos que se trata de um excerto deste estudo de Vigotski com algumas alterações.

Em uma passagem, inserida no epílogo do sexto volume (em inglês) das obras escolhidas de M.G.Yaroshevsky (1987), comentando o modo como Vigotski analisa o impacto da obra de Descartes na psicologia, resume a questão do uso dos termos no vocábulo *emoções* ao que se entende por afetos e sentimentos.

²⁴ “Es inevitable que el estudio de la teoría de las pasiones de Spinoza a la luz da neuropsicología contemporánea sea, en lo esencial y en la misma medida, un reexamen del estado actual del problema de la naturaleza de las emociones a la luz de la teoría de las pasiones de Spinoza; de manera que estaría plenamente justificado que estas últimas palabras fueran título de nuestro estudio.” (p. 16); (VIGOTSKI, 2003, p.16).

Sua análise sobre limitação do mecâno-determinismo histórico na abordagem não só relativa à quantidade ínfima de estados emocionais do homem, mas também no que diz respeito ao domínio integral da mente como um todo. Por este motivo, para Vygotsky, o objeto da análise histórico-metodológica é, juntamente com as emoções (sentimentos, afetos) o mais amplo complexo de problemas psicológicos radicais - psicofísicos (relação desses fenômenos de consciência do mundo físico que a gera), o psicossomático (relação desses fenômenos para o mecanismo corporal), o psicognitivos (relativos à função cognitiva do processo mental), o psicopráticos (o problema da influência da consciência e da vontade sobre o comportamento do indivíduo) (YAROSHEVSKY, 1987, p. 254)²⁵.

Verificamos que uma indiferenciação terminológica parece marcar os trabalhos de Vigotski, mas percebemos também uma tensão em *Desenvolvimento psicológico na infância*. Nessa conferência, proferida por Vigotski no mesmo ano em que este texto sobre o trabalho do ator foi publicado, o autor admite a importância da distinção que as emoções e sentimentos assumem na obra de Claparède (em seus experimentos com leões – impossibilidade da fuga perante o medo). Essa oscilação constitui um ponto de suspeita ao qual retornaremos mais adiante²⁶.

As funções psicológicas superiores e o desenvolvimento das emoções

No debate contemporâneo, Veresov (2009) defende a que questão das emoções, da experiência e de seu desenvolvimento histórico-cultural é o projeto inacabado de Vigotski,

²⁵ No original em inglês: “His analysis disclosed the historical limitedness of mechanodeterministic approach not only with respect to the emotional states of man, but also with respect to the entire sphere of mind as a whole. For this reason, for Vygotsky, the subject of the historical-methodological analysis is, together with emotions (feelings, affects) the broadest complex of radical psychological problems – psychophysical (relation of consciousness to phenomena of the physical world that generate it), the psychophysiological (relation of these phenomena to the bodily mechanism), the psychognostic (pertaining to the cognitive role of mental process), the psychopractic (the problem of the influence of consciousness and will on the behavior of the individual) (YAROSHEVSKY, 1987, p. 254).

²⁶ Ver capítulo seguinte sobre as questões na contemporaneidade

argumentando ao encontro do que vimos defendendo, que há dois pontos que trazem algumas complicações: a não diferenciação de sensação, paixão, sentimento, emoção, afeto; e o fato de ser teoria histórico-cultural uma teoria do desenvolvimento das funções psicológicas superiores (não das funções como elas são, mas do processo de desenvolvimento delas).

Nesse sentido, o autor apresenta uma determinada diferença de tradução da obra de Vigotski para o inglês. No original em russo haveria uma referência aos processos volitivos que é suprimida:

Na tradução da obra publicada em inglês temos:

"Every function in the child's cultural development appears twice: first, on the social level, and later on the individual level; first, between people (interpsychological), and then inside the child (intrapsychological)²⁷. **This applies equally to voluntary attention, to logical memory, and to the formation of concepts.** All the higher functions originate as actual relations between human individuals." (Vygotsky, 1978: 57).

No original em russo (aqui traduzido pelo autor):

"...any function in the child's cultural development appears on stage twice, that is, on two planes. It firstly appears on the social plane and then on a psychological plane. Firstly among people as an interpsychological category and then within the child as an intrapsychological category. **This is equally true with regard to voluntary attention, logical memory, the formation of concepts and the development of volition.**" (Vygotsky, 1983, p.145.)

²⁷ Outra questão levantada pelo autor, com relação ao desenvolvimento, está na parte que ressalta a utilização dos termos: level e plane, inside/within, as intrapsych category, que indicam, por exemplo, uma determinada tensão entre interno e externo.

Aqui, uma indagação acerca da complexidade das emoções humanas e seu desenvolvimento e compreensão como função psicológica superior se insinua para o autor – na medida em que elas estão intimamente ligadas à volição e, também à memória e à imaginação.

De fato, em diversos momentos Vigotski (1932/2003; 2004b) afirma sua preocupação com o desenvolvimento das funções psicológicas e das próprias emoções.

Autores contemporâneos como Van der Veer & Valsiner (2001) afirmam que Vigotski teria desistido de produzir algo sobre Espinosa por ter compreendido após esse estudo que as respostas que procurava para a questão sobre o desenvolvimento das emoções não estava em sua filosofia.

Sawaia (2000) contrapondo-se a essa versão defende a contribuição de Espinosa, fundamentando a obra de Vigotski de maneira geral e, mais especificamente, sua discussão sobre as emoções. A autora aponta seus argumentos com relação à positividade das emoções nos desdobramentos conceituais da categoria de sistema, destacando: relação entre intelecto e emoção; conexão; pensamento motivado; dinâmica do sistema; afecção do corpo; a ação mediada e a negatividade contingencial das emoções.

Um dos últimos trabalhos de Vigotski dedicado a um estudo histórico-psicológico da problemática, *Teoria das Emoções*, analisa o modo como a emoção é tratada na psicologia de sua época e aponta o problema de sua vinculação filosófica à doutrina cartesiana.

Contrapondo-se à teoria organicista de James e Langue, Vigotski defende que as emoções não podem ser separadas da consciência, pois tal fato inviabilizaria a possibilidade de desenvolvimento das mesmas e incorreria numa espécie de “absurdo biológico” que atestava a falta de funcionalidade das mesmas. Para solucionar a questão, ele volta-se para Espinosa em busca de elementos para enriquecer e adensar soluções para a neuropsicologia de sua época. Vigotski (2004b) afirma: “Os problemas de Espinosa aguardam uma solução, sem a qual é impossível um futuro para a psicologia”.

Retomando sua obra por essa ótica percebemos que uma preocupação com a concepção das emoções sempre esteve presente, uma preocupação que se desdobra em discussões acirradas com inúmeros autores acerca da natureza, da função e do desenvolvimento das emoções.

As emoções na obra de Vigotski

“Neste enleio,
Meu sangue em cada gota é convulsionado,
De amor na antiga flama eu me incendeio²⁸.”
(Dante, ao ver sua amada Beatriz)

Dante, ao sair do purgatório, depara-se com Beatriz e, em seu canto, explicita o amor que sente nos versos que nos servem de epígrafe. Se nos detivermos em suas palavras percebemos o que faz uma emoção como a paixão ou o amor em nossos corpos. O sangue, o coração que o impulsiona, o calor...

Como compreender o amor de Dante por Beatriz? Como compreender essa emoção, esse sentimento, essa paixão?

Pensemos em Descartes. Como vimos, o filósofo define as paixões como percepções, sensações e movimentos da alma, provocadas mantidas e fortalecidas pelos *espíritos animais*²⁹ (que, são corpos materiais movidos pelas leis mecânicas, finíssimas partículas de sangue, móveis e quentes, produzidas no coração por destilação) que produzem nos órgãos sensações e movimentos que orientam as funções vitais.

Na carta que escreve à princesa Isabel ou Elizabeth³⁰, Descartes explica não só o amor, mas boa parte de nossas emoções com base na percepção das alterações corporais. Descartes reconhece a dificuldade de sua tarefa admitindo que não é fácil estudar os fenômenos orgânicos correspondentes a cada paixão e argumenta que isso se dá porque, no geral, estão mesclados. Para ele é necessário decompor os fatos, buscar resultados precisos, com ajuda da estatística, da comparação e eliminação – em sua análise o amor é associado à alegria, à tristeza, etc. Para o filósofo a causa das paixões é simples: repousa no caso, da

²⁸ A Divina Comédia, Dante Alighieri – versos 46-48, Purgatório.

²⁹ Vale a pena ver a definição cartesiana em *As paixões da alma*.

³⁰ O nome da princesa aparece nas diferentes traduções da obra como Isabel ou Elizabeth, seguindo a etimologia e significado da palavra em cada língua.

tristeza e alegria, por exemplo, na atividade do estômago que é aumentada ou diminuída, na medida em que nossas primeiras paixões têm, então, uma origem alimentícia.

Recordemos o que diz James: “[...] as mudanças corporais seguem diretamente a percepção do fato excitante, e o nosso sentimento de que as alterações que ocorrem é a emoção”³¹.

James, como Descartes, explicaria amor com base somente nos versos que nos servem de epígrafe: “Neste enleio, Meu sangue em cada gota é convulsionado, De amor na antiga flama eu me incendeio”?

O que diria Vigotski?

En efecto, es inadmisible que la mera percepción de una silueta femenina provoque **automáticamente un sinfín de reacciones orgánicas de las que podría nacer un amor como el de Dante por Beatriz**, sino no se presupone el conjunto de las ideas teológicas, políticas, estéticas y científicas que conformaban la conciencia del genial Alighieri (Vigotski, 2004b: 213- 214 – grifos nossos).

Para Vigotski ao separar as emoções do sistema de representações, conceitos e valores humanos, estabelecendo sua dependência estrita da estrutura orgânica, James chega a uma concepção fatalista das emoções, que inclui tanto os animais como os homens, que as resume às mudanças corporais ou, melhor dizendo, viscerais – Langue e Kant vão para o mesmo caminho. É exatamente isso que nosso autor vai se dedicar a combater.

Numa perspectiva vigotskiana, o amor por Beatriz apareceria muito mais como fruto da poesia e da própria vida de Dante e de sua história com Beatriz no contexto da época em que viviam: Beatriz era a amada de Dante na terra, é aquela que o conduz ao paraíso.

³¹ No original: “My thesis on the contrary is that the bodily changes follow directly the Perception of the exciting fact, and that our feeling of the same changes as they occur is the emotion” (James, *What is an emotion*)

Toda emoción es una función de la personalidad, y eso es precisamente lo que pierde de vista la teoría periférica. Así, la teoría puramente naturalista de las emociones requiere a modo de complemento, una verdadera y adecuada teoría de los sentimientos humanos. Así se impone el problema de una psicología fisiológica explicativa de las emociones. Esta psicología descriptiva busca una vía científica orientada a los problemas del espíritu humano que los grandes autores resulten las novelas y tragedias. En el plano de los conceptos, ésta pretende hacer accesible a la investigación lo que los escritores tomaran como objeto de su trabajo artístico (Vigotski, 2004b: 214)

Vigotski conclui que a hipótese visceral não é capaz de explicar a diversidade e a complexidade das emoções humanas por conta da falta de uma estrutura principal e da inadequação do princípio explicativo proposto que não é capaz de encontrar **nenhum nexo lógico entre a natureza psíquica de uma emoção e as sensações orgânicas que a provocam.**

La gran idea fundamental de la doctrina consiste en reconocer el completo absurdo principal de la emoción humana, la imposibilidad principal no sólo de concebir y comprender la estructura de la experiencia emocional que le corresponde, el nexos funcional de la emoción con el resto de la vida de la consciencia, su naturaleza psíquica, sino de plantear también la cuestión de saber **lo que representa una emoción dada como estado psíquico determinado.** (ID. Ibid. p. 120-121 – grifos nossos)

Nesse embate, puxamos os primeiros fios do pensamento de Vigotski sobre as emoções.

Vigotski contrapõe-se aos autores que propuseram e defenderam um *enfoque retrospectivo* das emoções que são compreendidas como restos, resquícios de nossa origem ancestral animal, ou distúrbios, enfermidades, vícios.. Nesse embate, procura romper com inúmeras ideias em pauta, dentre as quais destacamos:

- a proximidade ou identificação das emoções humanas com as emoções animais;
- a inutilidade funcional e biológica das emoções no psiquismo humano;
- a tendência ao desaparecimento e à involução;
- a natureza estritamente biológica e corporal ou visceral das emoções humanas.

Aqui, é preciso uma advertência. Vigotski emprega os termos utilizados no vocabulário corrente dependendo do campo e dos interlocutores, mas os sentidos que os termos assumem vão se tornando diferenciados em sua elaboração – a trama conceitual é transformada. Em outras palavras, a colcha de retalhos assume a forma de fuxicos. É preciso, então, com Vigotski, atentar sempre aos modos como temas, conceitos e problemáticas são constantemente recolocados, reformulados e reelaborados, frente às inúmeras contribuições e interlocuções que vão se estabelecendo. Este procedimento marca a elaboração teórica vigotskiana e dele desdobram-se importantes considerações metodológicas; seja pela abrangência e persistência do tema, que atravessa toda a sua produção, seja pela interlocução com os autores nos mais diversos campos e tendências.

A crítica a respeito do idealismo, dualismo e naturalismo presentes na doutrina das emoções de seu tempo é apresentada por Vigotski ao longo de sua obra como um modo de enfrentar o problema da natureza das emoções e de sua função e de sua relação com as demais funções psicológicas.

Nesse processo, algumas definições emergem na discussão de Vigotski (1926/2004a) sobre as emoções. Na crítica a James e Langue encontramos em um de seus primeiros textos *Psicologia pedagógica*, uma preocupação com a natureza psicológica das emoções e a sua característica ativa e sua função ou lugar no psiquismo:

Toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela. (...) As emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém o seu papel de organizador interno de nosso comportamento (p. 139).

Essa preocupação persiste. É retomada, recolocada, reformulada, elaborada ao longo da obra acompanhada por uma mudança na terminologia empregada, como percebemos *Teoria das emoções*:

Pero, dicha distinción referente al objeto no es suficiente para diferenciar las propias sensaciones según su naturaleza psicológica, y por eso la antigua teoría se vio condenada a considerar la emoción, esencialmente, como un proceso pasivo, sensorial, debido a su naturaleza psicológica, como una sensación de una especie particular, y a dejar de lado todos os elementos do proceso emocional – la motivación, la tendencia a la acción, el impulso –, estrechamente imbricados en esos procesos y que hacen de nuestras emociones **motivaciones muy fuertes que influyen en nuestro comportamiento** (Vigotski, 2004b: 77 – grifos nossos).

Mas, é em *Sobre os sistemas psicológicos*, que Vigotski afirma de forma mais categórica: “Por conseguinte, as *emoções complexas aparecem somente historicamente e são a combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções*” (p.126-127 - – grifos nossos).

Como compreender esse processo complexo que emerge historicamente, de caráter não só passivo, mas ativo e que organiza nosso comportamento, na obra de vigotskiana?

Os primeiros fios que puxamos dizem respeito aos estudos no campo da neurologia – trazemos alguns experimentos comentados por Vigotski e seus apontamentos. Em seguida nos detemos em Espinosa e na psicanálise de Freud. Finalmente, entramos também em diálogo com Marx.

Dentre os pontos que nos ajudam nesta compreensão, podemos destacar alguns que orientam o nosso olhar. Procuramos, em meio à trama de interlocuções, relevar aspectos que dizem respeito à natureza e função das emoções humanas: o biológico e o psíquico, o corporal e o mental; às emoções e demais funções psicológicas: relações dialéticas no

sistema dinâmico e funcional do psiquismo humano; e questões relacionadas à consciência, à linguagem e à significação

Assim, considerando esses aspectos e procurando explorar os sentidos que as emoções assumem na obra do autor, pontuamos alguns núcleos de discussão que nos permitam avançar na compreensão do que Vigotski denomina “emoções complexas”.

Natureza e função das emoções humanas: o biológico e o psíquico, o corporal e o mental

A questão do problema da natureza, função e desenvolvimento das emoções, coloca-se como central para a abordagem vigotskiana. Tendo em mente o desafio lançado, tomamos como ponto de partida a questão da natureza das emoções humanas e a possibilidade de (re)pensar o seu estatuto, seu lugar, papel ou função no psiquismo.

Na perspectiva de James e Langue, a teoria das emoções só concerne ao homem, na medida em que é um animal superior, um ser biológico, de modo que consiste, como afirma Vigotski, numa zoopsicologia das emoções:

Ello aparece de manera indudable en la teoría del origen animal de las pasiones humanas, en la afirmación del carácter común de las principales emociones de los animales y del hombre, y por último en la presentación fundamental de toda la teoría de la naturaleza innata, refleja y animal de las emociones (p. 211).

Para Vigotski, essa teoria, alvo de exame de diferentes correntes psicológicas (psicologia americana do comportamento, psicologia objetiva russa, psicologia soviética), era considerada por muitos como a única construção teórica completa e válida que permitiria uma passagem da antiga à moderna psicologia. Isso se daria por conta de dois

motivos. Primeiro, resolveria de maneira satisfatória a questão da natureza das emoções com simplicidade, abundância de provas factuais verificáveis cotidianamente. Posteriormente, para explicar as emoções, colocava-se em primeiro plano as bases orgânicas numa concepção fisiológica, objetiva e materialista.

De fato, estes autores explicam as emoções a partir de fundamentos biológicos e estritamente orgânicos, o que seria importante. E, para tanto, definem, como vimos, o seguinte caminho percorrido pela emoção: a percepção, a expressão corporal e um sentimento. Contudo, nesta perspectiva cuja base dos problemas teóricos era que, a partir do aspecto biológico a emoção é o reflexo dos estados fisiológicos na consciência e, que haveria estados específicos para distintas emoções, os sentimentos nasceriam das expressões corporais e desapareceriam se estas fossem reprimidas.

E são os experimentos realizados pelos próprios laboratórios de fisiologia e neurologia, de Cannon, Bard, Sherrington e Marañon que contradizem a teoria James-Langue.

Nos experimentos de Cannon com gatos, cachorros, mamíferos sobre a relação das emoções com mudanças no estado do organismo (órgãos internos, vísceras) verifica-se que emoções distintas podem ter uma mesma expressão orgânica e nega-se a correspondência da emoção e sua expressão corporal: **esta não é específica da natureza psíquica das emoções**. Experimentos de extirpar o sistema nervoso simpático em uma gata, por exemplo, e compará-la a outra “normal” apontam como conclusão sobre a expressão das emoções o fato de as duas gatas se comportarem da mesma maneira em situações análogas. Refuta-se, assim, a tese sobre a subtração mental dos sintomas das emoções; A emoção persiste, mesmo quando se retira no animal a possibilidade das reações vegetativas.

Em relação à mecânica fisiológica a que a teoria organicista recorre para explicar a natureza das emoções, os experimentos de Cannon e Sherrington demonstram, segundo Vigotski, uma determinada uniformidade das reações viscerais que indicam o papel não tão significativo dos fatores viscerais como origem das diferenças nos estados emocionais. Bard, em sua avaliação da teoria organicista e sua hipótese visceral, também faz uma

revisão do trabalho de James acerca da possibilidade de diferenciação das emoções tomando por base as modificações corporais, apesar de os fatores viscerais continuarem a ser a causa essencial de todo estado afetivo em uma reação emocional íntegra.

Os trabalhos de Cannon e Sherrington trazem algo de fundamental: deslocam o núcleo da vida emocional da periferia para o centro – substrato material das emoções inclui também um mecanismo cerebral.

Por consiguiente, el fondo de la cuestión no reside en la existencia en sí de modificaciones durante las emociones sino, por un lado, en la relación existente entre esas modificaciones corporales y el contenido psíquico y la estructura de las emociones y, por el otro, en su significado funcional. (Vigotski, 2004b: 17)

Se esses autores demonstram a relativa importância dos componentes orgânicos, das manifestações e modificações corporais, os estudos de Marañoñ comprovam, de acordo com Vigotski, o inverso de Cannon e Sherrington: injeções fortes de adrenalina não provocam nos sujeitos experiências emocionais propriamente ditas, apesar das modificações corporais. E aqui Vigotski assinala ainda uma novidade nestes experimentos: a introspecção que dá mostra da vivência emocional imediata dos sujeitos, uma vantagem em relação aos experimentos com animais. Nesses experimentos o objetivo e subjetivo são, para Vigotski, partes integrantes e igualmente importantes do processo, de modo que o investigador podia constatar as modificações operadas na consciência do sujeito, as manifestações corporais das emoções e estudar sua relação mútua. Num dos casos, apesar do estado afetivo, o sujeito carece de emoção real e se sente como se experimentasse uma emoção³².

A modo de balance de sus investigaciones, Marañoñ señala una clara **diferencia entre la percepción de los fenómenos periféricos de la emoción vegetativa, es**

³² A esse respeito é interessante ver Damásio (1996) e sua abordagem do *sentimento como se*.

decir, las modificaciones corporales, y la emoción propiamente psíquica, que no aparecía en sus sujetos, y cuya ausencia permitía dar cuenta de la sensación de un síndrome de vegetativo con una serenidad absoluta, sin un sentimiento real.” (Id. Ibid. p. 38 – grifos nossos)

Em alguns casos, Vigotski assinala, aparecia alguma emoção autêntica, mas apenas quando havia uma predisposição emocional do sujeito – como o seria o caso do hipertireoidismo³³.

(...) una **estrechísima imbricación de los componentes psíquicos y orgánicos** o, más precisamente cerebrales e somáticos de la reacción emocional. Sobre ese punto, los experimentos de Marañon muestran non sólo la independencia relativa de unos y otros, y la posibilidad de provocarlos separadamente, sino también que algunos de ellos pueden facilitar o desarrollo y el refuerzo de los otros, que pueden apoyarse mutuamente, imbricarse, provocando con ello un afecto íntegro, indudable por lo que autenticidad se refiere, tanto en el plano de la vivencia como en el de sus manifestaciones corporales.” (p. 39 – grifos nossos)

Quando se observa nos experimentos de Marañon o desenvolvimento desse afeto íntegro e autêntico, os componentes psíquicos e somáticos, provocados de diversas maneiras, se encontram produzindo, em seu ponto de intersecção, um processo emocional. Aqui, Vigotski ressalta que, paralelamente às modificações corporais, temos uma tendência à ação, um elemento que caracteriza, por exemplo, não só o estado da consciência diante dos órgãos internos e dos músculos de um homem encolerizado, como também a vivência que difere radicalmente as sensações das manifestações corporais da emoção, mas que em geral uma tendência pode ser mais que uma simples sensação ou percepção. Mas há um ponto de desequilíbrio com relação a isso na teoria de James: “la emoción no es

³³ A glândula tireóide garante um funcionamento harmônico do organismo. Situa-se na parte inferior do pescoço, apoiada na traquéia e ao lado da artéria carótida. Possui dois lobos, o esquerdo e o direito, que juntos assumem o formato de uma borboleta de asas abertas ou de um escudo – na verdade, seu nome vem da palavra grega *thureós* que significa escudo. Os hormônios liberados pela tireóide são responsáveis por uma série de funções orgânicas. A superprodução dos hormônios tireoidianos provoca no organismo um distúrbio, o hipertireoidismo, que se caracteriza por acelerar o metabolismo corporal – isso ocorre quando há hormônio tireoideo em demasia no sangue.

simplemente la suma de las sensaciones de las reacciones orgánicas sino, principalmente una tendencia a actuar en una dirección determinada” (p. 40).

Assim, os experimentos de Marañon confirmam a teoria James-Langue, ao mesmo tempo que a contradizem na medida em que ao injetar adrenalina esta provocaria manifestações corporais típicas das emoções fortes, mas estas **são experimentadas como sensações e não como emoções**, ou seja **a emoção no sentido verdadeiramente psicológico não existia**.

Vigotski conclui, em meio a tudo isso, que a hipótese visceral não é capaz de explicar a diversidade e a complexidade das emoções humanas por conta da falta de uma estrutura principal e da inadequação de um **princípio explicativo** que não é capaz de encontrar nenhum **nexo lógico entre a natureza psíquica de uma emoção e as sensações orgânicas que a provocam**.

Por outro lado, Darwin, segundo Vigotski, leva às últimas consequências a tradição da biologia ao estabelecer uma conexão geral entre as emoções do homem e as reações afetivas e instintivas correspondentes que se observam no reino animal, numa valorização de sua idéia evolutiva fundamental. Os sentimentos do homem, antes considerados como o “sancta sanctorum”, o interior da alma humana, passam a ser considerados em sua origem animal, assim como o homem, em sua totalidade, o que estabelece uma relação de continuidade entre as expressões emocionais do homem e dos animais superiores próximos a ele (Vigotski, 2000: 79-80).

Assim sendo, as emoções humanas, numa perspectiva vigotskiana, não se resumem a sensações viscerais, à percepção dos estados do corpo, à sua natureza orgânica, biológica que as identificaria às emoções animais – Vigotski assume a contribuição de Darwin, mas a redimensiona em busca de uma explicação para a especificidade das emoções humanas.

Na discussão que Vigotski estabelece com os autores acima apresentados, ao analisar seus trabalhos e experimentos sobre a natureza biológica ou psíquica das emoções, algumas indagações emergem: qual é a fonte, a origem ou a natureza das emoções humanas, seu substrato corporal ou mental? O que diferencia a sensação, a reação corporal, fisiológica da emoção propriamente dita?

Em seu estudo *Teoria das Emoções*, Vigotski procura analisar e discutir as diversas correntes e perspectivas sobre as emoções humanas focalizando o problema da natureza e desenvolvimento. De maneira geral, nesse estudo, argumenta Vigotski (2004b), o problema das sensibilidades associado ao estudo dos valores é considerado inacessível à psicologia que se dedica ao estudo psicofísico e psicológico dos processos elementares da consciência e de seu substrato corporal. Por isso, da inconsistência de uma psicologia explicativa das emoções nasce uma psicologia teleológica que descreve as sensibilidades superiores. Assim, a psicologia deveria romper com a psicologia naturalista, causal (de James, por exemplo) em busca de outros caminhos.

Alguns destes caminhos são apontados por Vigotski quando faz referência a Espinosa e a Freud. No sentido de dar visibilidade aos seus argumentos e (re)colocar a discussão vamos começar por explorar a questão, analisando o modo como Vigotski discute e assume a filosofia espinosana ao analisar e criticar os trabalhos sobre o tema e as perspectivas teóricas de sua época – desde James e Langue a Freud.

Como Espinosa afeta Vigotski

Vigotski busca elementos e desenvolve argumentos para pensar a natureza das emoções propriamente ditas.

O autor procura apontar os fatos que colocam as investigações experimentais em psicologia numa articulação com a filosofia espinosana, especialmente com relação à teoria organicista. Contudo, Vigotski, permanecendo fiel ao espírito da investigação crítica, dedicaseu estudo das emoções para provar o contrário.

Langue (assim como vimos anteriormente em James) tenta reduzir todas as manifestações fisiológicas que acompanham as emoções a uma única fonte comum (modificações funcionais gerais do sistema vasomotor) e, portanto, estabelecer uma relação de reciprocidade entre esses fenômenos. Há uma primazia dada à reação vasomotora como fonte e base essencial de todo processo emocional. Assim, o verdadeiro problema científico desta série de fenômenos está na definição exata da reação emocional do sistema vasomotor a diferentes tipos de influências.

Langue ao citar Espinosa como antecessor de sua teoria organicista das emoções e utilizar-se de sua definição de afeto o faz porque o filósofo “no supedita a expresión física de las emociones a un movimiento del alma; por el contrario, sitúa los dos fenómenos al mismo nivel y otorga el primer lugar al hecho fisiológico” (1896). Mas, apesar dessa materialidade orgânica o mecanismo psicofísico continua sendo o cartesiano. Vejamos como isso é demonstrado por Vigotski.

A teoria organicista, segundo Vigotski, na medida em que não se preocupa com relações das emoções com a consciência, fundamenta-se na falta de um enlace íntegro dos componentes periféricos e cerebrais³⁴, simplifica ao máximo o conjunto da relação e facilita

³⁴ Nesse ponto os experimentos de Wilson também informam casos contrários de pacientes que experimentam uma sensação e têm consciência, mas nada expressam em seu rosto. Wilson resume suas conclusões como tese geral: (...) desde el punto de vista de los clínicos, se debe suscribir la opinión de los fisiólogos cuando dicen que las modificaciones orgánicas tienen relativamente poca importancia respecto a las modificaciones cerebrales a las que están asociados los componentes psíquicos de la reacción emocional (p. 46). Bard aponta que estes têm ainda maior importância em pacientes com imobilidade completa dos músculos faciais frente a uma via emocional normal; e Dana em que conserva-se as reações subjetivas normais – no exemplo de uma mulher com lesão na terceira vértebra e desenvolve uma paralisia, fica difícil compreender, do ponto de vista da teoria periférica, porque sua afetividade não havia sofrido nenhuma modificação, enquanto o sistema muscular do esqueleto havia sido praticamente eliminado e seu sistema simpático suprimido.

sua concepção fisiológica que reduz as emoções a sensações, reflexos dos estados corporais na consciência, percepções passivas³⁵ – o que a identifica a Descartes.

Com isso Vigotski aponta os problemas de se considerar a teoria organicista como espinosana e atesta que sua investigação está consagrada a demonstrar o contrário do que dizem os autores que aproximam a teoria organicista de Espinosa e dos que o definem como cartesiano – como é o caso de Fischer³⁶.

Vigotski (2004b) atesta que Espinosa opõe seu ponto de vista ao de Descartes precisamente no seguinte ponto: **a teoria de natureza psicofísica das paixões**. Espinosa opôs uma antítese à doutrina de Descartes, mas uma antítese materialista que se opõe ao pensamento filosófico idealista.

³⁵De acordo com Vigotski há uma diferença essencial entre James e Langue que se reduz a dois pontos secundários para o ponto de vista defendido. O primeiro diz respeito ao fato de que Langue baseia as mudanças no materialismo, James diz que não há mais materialismo do que em qualquer outro processo condicionado com os processos nervosos (assim, ele aponta que sua teoria pode ser associada inclusive com a psicologia platônica de lógica idealista). O segundo, ao mecanismo fisiológico das reações emocionais – James destaca a função dos órgãos internos e dos músculos do esqueleto; Langue a função do sistema vasomotor.

³⁶ Segundo a análise de Vigotski, Fischer coloca que o critério de classificação de semelhante visão de mundo de Espinosa e Descartes se acha na ideia de uma oposição do pensamento e da extensão, na ideia de um paralelismo psicofísico. Assim, a teoria psicológica de Espinosa em sua investigação sobre a natureza dos afetos, na doutrina da servidão humana, ou da força dos afetos, do poder da razão sobre os mesmos, ou da liberdade do homem expressaria um paralelismo que aproximaria do cartesianismo. Vigotski afirma: “Nos parece que, incluso en el caso del Tratado Breve, el hecho que Spinoza vaya tras los pasos de Descartes cuando enumera las pasiones primarias y particulares es una cuestión de método de investigación relativo a los afectos, antes que la sustancia principal de su teoría, mientras que el hecho de que Spinoza entre abiertamente en contradicción con Descartes cuando niega la libertad de la voluntad, cuando estudia la influencia y el destino de las pasiones, su dinámica en la vida general de la consciencia, las relaciones de las pasiones con el conocimiento y la voluntad, y, por último, cuando examina su naturaleza psicofísica, es precisamente la cuestión de la sustancia principal de la teoría de Spinoza. (p. 87) Com isso, para Vigotski, Espinosa não só não é um cartesiano que desenvolve e transforma o sistema do mestre colocando em evidência suas contradições, mas declara-se um anticartesiano – isto já no início, no *Breve Tratado*, deixando mais claro na *Ética*. Dessa forma, a originalidade de Espinosa não está em seu método de argumentação, mas em seu conteúdo principal, adverte Vigotski pois no Prefácio, *Ética* V, “Do poder do entendimento ou da liberdade humana”, Espinosa opõe com maior clareza seu pensamento ao de Descartes que, defende a união do corpo e da alma por meio da glândula pineal, a opinião errônea de que os afetos dependem totalmente de sua vontade que pode governá-los de maneira ilimitada.

[...] Es cierto que la impresión puede ser otra, en vista de que ambos pensadores estudian el mismo problema, con, al parecer, lo mismo objetivo: resolver la cuestión de la libertad humana. Pero, como hemos visto, **Spinoza pone en duda principalmente la tesis cartesiana de la libertad de la voluntad.** (p. 93 – grifos nossos)

Desse modo, segundo Vigotski, a diferença não reside apenas no fato de que Espinosa não reduz a explicação das paixões pela união do corpo e da alma na glândula pineal por um mecanismo fisiológico, defendendo que os afetos dependem totalmente da vontade que pode governá-los de maneira ilimitada como faz Descartes. Vigotski atesta que Espinosa as emoções como um fenômeno psíquico condicionado pelo nosso modo de conhecimento³⁷.

Para Vigotski, Langue e os demais autores, quando recorrem à definição de afeto, não atentam para esse fato e tampouco compreendem as outras duas definições que complementam a de afeto: passividade e atividade; causa adequada e inadequada.

Com relação às definições, vejamos o que Espinosa diz.

A primeira definição diz respeito às causas. Denomina-se *causa adequada* aquela cujo efeito pode ser clara e distintamente percebido por ela mesma e *causa inadequada* ou *parcial* aquela cujo efeito não pode ser entendido apenas por ela mesma (*Ética* III, Definição 1).

Por conseguinte, Espinosa se detém à definição de atividade e passividade. O filósofo afirma que os homens são *ativos* ou agem quando dentro ou fora deles se produz algo que eles mesmos sejam “causa adequada” – quando se segue da natureza do homem (dentro ou fora dele) qualquer coisa que possa ser inteligível apenas pela sua natureza com clareza e distinção. Ao contrário, os homens são *passivos* ou padecem quando qualquer coisa neles se produz ou de sua natureza se segue, de que eles sejam unicamente causa parcial (*Ética* III, Definição 2).

³⁷ Importante atentar para a distinção sobre os níveis ou gêneros do conhecimento que Espinosa faz.

Na terceira definição, tratando do *afeto*, Espinosa afirma: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, assim como as ideias dessas afecções (*Ética* III, Definição 3)”.

Num primeiro momento deparamo-nos nesta definição de Espinosa com uma identificação dos afetos às afecções corporais, ou seja, às modificações pelas quais passa um corpo³⁸. Entretanto, conforme explicou o filósofo, embora sejam afecções do corpo (modo do atributo extensão), os afetos compreendem também as ideias dessas afecções (no atributo pensamento, do qual a mente é um modo). Desse modo, é preciso ressaltar que, a esta definição, Espinosa acrescenta um adendo: “Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo então uma ação; nos outros casos, uma paixão (*Ética* III, Definição 3)”.

Notamos que esse último adendo colocado por Espinosa parece reunir todas as três definições numa só expressão. Uma paixão é dada, portanto, quando o homem é causa inadequada do que se produz dentro ou fora dele – temos um afeto passivo ou uma paixão triste. De modo inverso, uma ação é dada quando o que se produz dentro ou fora do homem pode ser clara e distintamente conhecida ou compreendida apenas por ele – temos um afeto ativo ou uma paixão alegre.

Espinosa afirma na proposição 14 que ideia é afeto – o que se torna mais claro na discussão sobre a imaginação e os gêneros do conhecimento. Assim, quando Espinosa utiliza o termo *affectus* ele está chamando a atenção para o estado em que se encontra o

³⁸ Nesta parte III da *Ética*, convém ainda ressaltar os postulados que antecedem as proposições e que dizem respeito ao corpo humano. O primeiro afirma: “O corpo humano pode ser afetado de numerosas maneiras pelas quais a sua potência de agir é aumentada ou diminuída; e, ainda, por outras que não aumentam nem diminuem a sua potência de agir”. E o segundo afirma: “O corpo humano pode sofrer numerosas transformações e conservar, todavia, as impressões ou vestígios dos objetos (...) e, conseqüentemente, as imagens das coisas (...)”. Para esclarecer, caberia ainda retomar como Espinosa opera a dedução de um conceito essencial em sua filosofia, o *conatus*. Este é tido como apetite, desejo, impulso, esforço, mas significa propriamente a essência atual da coisa, que não envolve tempo finito, mas indefinido. Sendo essência, o *conatus* faz do ser humano uma singularidade por sua própria essência; trata-se, por conseguinte, de uma essência não porque ela realiza, no particular, uma determinada natureza humana que seja universal. O *conatus* não é meramente uma essência, mas uma essência atual, isto é, uma força em ação constante, e não uma inclinação ou tendência em potência.

corpo em relação à potência de ação– alegria, tristeza... – diferentemente de *affectio* que implica considerar o movimento dinâmico propriamente dito, em termos de atividade e passividade e a causa (adequada ou inadequada).

Tomando a *Ética* encontramos em nossos estudos³⁹, dois termos: *affectus* e *affectio* que, foram tidas como equivalentes (pois alguns tradutores tratavam ambas por afecção), mas parecem apontar coisas diferentes⁴⁰. Quando Espinosa utiliza o termo *affectus* ele parece estar chamando a atenção para o estado em que se encontra o corpo em relação à potência de ação– alegria, tristeza... – diferentemente de *affectio* que implica considerar o movimento dinâmico propriamente dito, em termos de atividade e passividade e a causa (adequada ou inadequada).

Deleuze⁴¹ nos ajuda a compreender essa questão ao defender que há uma dinâmica de mútua implicação (1978) e assinala a importância da diferenciação de *affectio* e *affectus*, como dois termos que designam coisas diferentes. Quando se utiliza o termo “afeto” ele remete ao “*affectus*” de Espinosa, diferentemente de “afecção” que remete a “*affectio*” (traduzida no francês por *affection*)⁴².

Chauí (2005) traz importantes apontamentos para essa discussão em termos de ideia e afeto.

³⁹ Trabalho apresentado pela primeira vez no II Seminário de Epistemologia e Teorias da Educação, realizado de 11 a 13 de dezembro de 2006 na Faculdade de Educação da UNICAMP, sob o título: “A Teoria das Afecções de Espinosa na Construção do Estudo Histórico-psicológico da Teoria das Emoções de Vigotski” – em parceria com Fernando Bonadia de Oliveira, mestre em Educação pela Unicamp com a dissertação de mestrado *O lugar da educação na filosofia de Espinosa*.

⁴⁰ A última tradução da *Ética*, realizada por Tomás Tadeu da Silva traz o original em latim o que permite tal comparação.

Abbagnano (2007) admite que o termo afecção é utilizado por Espinosa para definir o que o filósofo chama de *affectus*, e que nós chamaríamos de emoções ou sentimentos.

⁴¹ Em sua obra podemos perceber tal emprego do vocábulo: “Os perceptos não mais são percepções, são independentes dos estados daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e de afectos.” (Deleuze, 1992: 213). E ainda: “O afecto não é uma passagem de um estado vivido a um outro, mas o devir não humano do homem” (Deleuze, 1997: 224).

⁴² Deleuze, G. Aula sobre Espinosa em 24/01/78, disponível em [http:// www.webdeleuze.com](http://www.webdeleuze.com).

No pensamento de Espinosa, o termo “ideia” é tomado em dois sentidos principais: a ideia como um conceito que nossa mente forma (*ter ideia* de alguma coisa); a ideia como a natureza de nossa própria alma (*ser ideia* do corpo e *ser ideia* de si mesma). Nos dois casos, porém, há um traço comum: uma ideia é um ato (ato do intelecto para ter ideia; e a existência da mente ou alma como força para ser ideia, isto é, um *modo* do atributo Pensamento). No sentido de ter ideia, há dois tipos de ideias: as imaginativas ou inadequadas e as intelectivas ou adequadas (p. 99, grifos da autora).

A autora aponta que Espinosa define paixão como “afetos ou sentimentos causados em nós por coisas ou causas exteriores a nós e das quais somos os receptores passivos” (p.101). A definição de afecção aparece como “toda mudança, alteração ou modificação de alguma coisa, seja produzida por ela mesma, seja causada por outra coisa” (p.98), argumentando que, na alma, as afecções do corpo se realizam como ideias afetivas ou sentimentos, derivando desse fenômeno o emprego de dois termos – afecções e afetos – o que marca uma diferença entre eles.

A separação artificial entre ideia e afeto produz uma desintegração do processo emocional que implica a capacidade de afetar e ser afetado na relação dos processos de atividade e passividade que se produzem no ser humano – em seu corpo e mente concomitantemente.

As emoções não podem ter em nós causa adequada ou total, na medida em que estão sempre relacionadas a algo, a um objeto ou uma pessoa. Por outro lado as emoções não podem ter em nós causa parcial porque estão sempre relacionadas com um sujeito que se emociona, nós, no caso. Há uma concepção dialética que se faz fundamental. As emoções são então da ordem do encontro, da experiência e da relação entre os seres no mundo, com o mundo. Assim, a compreensão deste processo implica pensar que o conceito de *afectio* abarca *ao mesmo tempo* atividade e passividade, causa adequada e não adequada, afeto e ideia.

Parece ser precisamente aqui que se encontra um ponto importante do pensamento de Espinosa a que se atém Vigotski ao elaborar sua teoria das emoções.

Algumas indagações poderiam emergir... em Espinosa o conceito de emoção estaria no mesmo nível de compreensão que *affectio*? Dessa maneira, *ação* e *paixão* poderiam ser compreendidos como modos ou momentos distintos da emoção? E, por outro lado, o que diria Vigotski sobre esse processo?

A noção de *passagem* (no original *transitio*) de um estado afetivo a outro marca o conceito de afecção espinosano, como uma modificação no corpo e na mente, e servirá para fundamentar a teoria histórico-psicológica das emoções, como um processo complexo de (trans)formação que se constitui numa relação inter-funcional, une ideia e afeto, corpo e mente

Vigotski assume a contribuição de Espinosa e procura pensar a emoção num processo ativo e passivo, como um processo complexo. Mas, é preciso esclarecer que os conceitos de passividade e atividade não estão, necessariamente, relacionados a estar sob o domínio da nossa vontade – como atestava Descartes⁴³. Esse aliás é um ponto crucial sobre qual, como vimos, incide a crítica de Espinosa a Descartes e de Vigotski aos autores da psicologia.

Mas, se Espinosa defendia isso no campo da filosofia, Freud vai constatando mais ou menos isso no campo da clínica psicanalítica.

Um diálogo com Freud

Mas se Espinosa posiciona-se explicitamente contra a separação corpo e mente, razão e emoção... E Freud? Assumindo que esse movimento de superação do dualismo

⁴³ Ver em capítulo anterior as considerações sobre a análise de Engelmann.

pudesse fazer parte da elaboração do psicanalista, como Vigotski se posicionaria com relação a Freud?

Essa questão nos parece bastante delicada. No que se refere à junção de sistemas metodológicos distintos, Vigotski, de fato, tece diversas críticas a psicanálise em diversos momentos.

Por exemplo, no artigo de A. R. Luria se apresenta a psicanálise como ‘sistema de psicologia monista’, cuja metodologia ‘coincide com a metodologia do marxismo’ (1925, p. 55). Para demonstrá-lo, se operam transformações verdadeiramente ingênuas em ambos os sistemas, como resultado das quais acabam ‘coincidindo’. Vejamos brevemente estas transformações. Antes de tudo, no artigo se inclui ao marxismo na metodologia geral da época (junto com Darwin, Kant, Pavlov, Einstein, todos os quais estabelecem o fundamento metodológico da época). O papel e a importância de cada um dos mencionados autores são, claro está, profundamente distintos por princípio. E o papel do materialismo dialético é absolutamente diferente por sua própria natureza. Não conhecer isso implicaria, em geral, excluir mecanicamente o método somativo dos ‘grandes logros científicos’. Basta reduzir a um denominador comum todos estes nomes e o marxismo para que não resulte difícil a adesão a este último de qualquer ‘grande logro científico’, porque essa é precisamente a premissa; porque é precisamente nela e não na conclusão onde se encerra a ‘coincidência’ que se busca. A ‘metodologia fundamental da época’ está integrada pela soma dos descobrimentos de Pavlov, Einstein, etc.; o marxismo é um dos descobrimentos que formam parte do ‘grupo de princípios obrigatórios para todas as ciências conexas’. Assim, quer dizer, na primeira página se poderiam dar por terminados todos os raciocínios: basta como citar juntos a Einstein e a Freud (porque este também representa um ‘grande logro científico’ e participa, portanto, no ‘fundamento metodológico geral da época’). (VIGOTSKI, 1991, p. 298)

Vigotski vai argumentando e se contrapondo ao fato de a psicologia de sua época, ao procurar uma base material para os processos psíquicos humanos, fazer uma junção de diversas correntes teóricas e metodológicas – especialmente entre Freud e Marx⁴⁴.

⁴⁴ Na Rússia pós-revolução da época de Vigotski a psicologia é marcada por uma tentativa de encontrar a base material do psiquismo humano. Essa tendência se traduz numa perspectiva freudo-marxista, assumida por muitos pesquisadores, dentre eles, Luria em um determinado momento. Vigotski parece manter um interesse vivo pelas ideias de Freud (como de fato percebemos em relação ao problema do afeto e das emoções) mas,

Discutindo a suposição de ser a psicanálise um sistema monista, uma continuação do materialismo histórico e dialético, coloca que Freud não se declarava materialista, monista ou dialético e assinala a importância de:

[...] aclarar com precisão as bases metodológicas da doutrina, estabelecer como a concebem e como a tem desenvolvido seus autores, e depois desmentir com clareza os fundamentos {299:} da mesma e indicar de que bases se serviu a psicanálise para desenvolver um sistema de metodologia alheia aos seus autores. Em lugar disso, sem uma só análise dos conceitos principais de Freud, sem pesar e iluminar criticamente suas premissas e pontos de partida, sem ilustrar criticamente a gênese de suas ideias, inclusive a simples informação de como concebe de fato Freud os fundamentos filosóficos de seu sistema, se afirma mediante a acumulação lógico-formal de fatos a identidade dos dois sistemas [psicanálise e marxismo]. (VIGOTSKI, 1991, P. 298-299)

Diante dos fatos, vamos nos voltar para o modo como Vigotski compreende essas questões e as elaborações de Freud (às quais teve acesso) com relação às emoções.

É um fato (não só não desmentido, senão que sequer analisado pelos autores da ‘coincidência’) que a doutrina de Freud sobre o papel primário das paixões cegas, papel que se reflete de forma inconsciente e desvirtuado na consciência, remonta diretamente à metafísica idealista da vontade e às representações de Schopenhauer. Em suas conclusões mais extremas, o próprio Freud assinala que se acha perto de Schopenhauer. Mas também em suas premissas fundamentais, assim como nas linhas determinantes de seu sistema, está ligado à filosofia do grande pessimista, como pode por de manifesto a análise mais simples. (VIGOTSKI, 1991, p. 299)

Vigotski assinala que, segundo Freud, para essa psicologia se impõe um enfoque muito diferente do problema das sensibilidades do que se constituiu dentro da psicologia

ao mesmo tempo, desenvolve uma postura bastante crítica com relação a Freud e essa tendência de unir a abordagem psicanalítica à marxista (Van der Veer & Valsiner).

didática oficial, em especial, a psicologia médica. Tal teoria coloca a questão não só de dentro do intelectualismo, mas da vida psíquica em geral.

Aparentemente – dice Freud –, lo que interesa ante todo de esta última es saber cuáles son las vías anatómicas por las que cursa el estado de miedo. Al decir que había consagrado mucho tiempo y trabajo al estudio del miedo, Freud señala que no conoce nada más indiferente al estudio de la psicología del miedo que el conocimiento de la vía nerviosa por donde cursa la estimulación. (Vigotski, 2004b: 214)

Vamos percebendo que a discussão que permeia o debate relaciona-se a outro problema central na psicologia: a natureza dos processos, funções ou fenômenos psicológicos e sua base biológica e/ou psicológica.

Nas primeiras das *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise*, a discussão é recolocada por Freud, ligada ao estado neurótico.

Por ‘ansiedade’ geralmente entendemos o estado subjetivo de que somos tomados ao perceber o ‘surgimento da ansiedade’, e a isto chamamos afeto. E o que é um afeto, no sentido dinâmico? Em todo caso, é algo muito complexo. Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme dizemos, dão ao afeto seu traço predominante. (Freud, 1986: 102)

Freud recoloca o problema em relação ao modo como a psicologia e a psicanálise (clínica) tratam a questão frente ao desconhecimento da problemática, assumindo perspectivas absolutamente diferentes.

Aquilo que, a partir da psicologia, os senhores podem reunir acerca dos afetos - a teoria de James-Langue, por exemplo - para nós, psicanalistas, está muito além do entendimento ou do debate. Também não consideramos muito firmados nossos conhecimentos a respeito dos afetos; esta é uma primeira tentativa de encontrar nossa orientação nessa região obscura. (Id. IBID.102)

Vigotski discute as colocações de Freud sobre o que representa o afeto no plano dinâmico retomando as inervações motoras, refluxos ou energias, mas ressalta a sensação de dupla natureza (percepção das atividades motoras realizadas e a sensação direta de prazer ou desprazer) que dá ao afeto uma determinada tonalidade, mas que não demonstra a essência de um afeto.

Em outros afetos estudados de maneira mais profunda, ressalta Vigotski, encontramos um núcleo que unifica o conjunto mencionado por Freud. Isto chama a atenção de Vigotski em sua busca por uma explicação monista, materialista e dinâmica do processo emocional integral.

Vemos na elaboração de Freud sobre o chiste e o seu efeito uma perspectiva de transformação do prazer em desprazer⁴⁵ que é ressaltada por Vigotski. Segundo Vigotski através de uma abordagem minuciosa da técnica do chiste, Freud consegue, com ajuda de uma forma objetiva, chegar à compreensão das origens psicológicas do cômico e do humor.

⁴⁵ Clot aponta também a aproximação de Vigotski e Freud em relação à questão da palavra. Vigotski assinala que o ponto fraco da psicanálise é procurar agir sobre os processos não-verbalizados do inconsciente por intermédio de reações verbais. “A-t-il assez perçu que la symbolisation dont la cure est le théâtre repose sur une expérience relationnelle et transférentielle techniquement réglée qui fait de la psychanalyse une activité ou plutôt une co-activité pas seulement d’expression mais de « réalisation » de la pensée ? ». O autor destaca a contradição entre alguns textos. E, atesta que em 1925, Vigotski assinala a importância do método psicanalítico para se estudar os processos inibidos, porque é justamente a palavra pronunciada a o suporte indispensável do pensamento, sua realização tangível. (p.28-29). Apesar da crítica precisa (à qual retornará e ampliará) há marcas de admiração de Vigotski a Freud – especialmente nos momentos em que ele se interroga sobre a elaboração dos métodos indiretos de análise dos processos psicológicos. Esse artigo de 1930 é importante porque, recusando-se a ver o inconsciente como uma coisa, como uma pulsação escondida sob nossas condutas, mas tomando-o como uma atividade desligada, um pensamento desligado de palavras, Vigotski se prepara para escrever as mais belas páginas de Pensamento e Linguagem – particularmente quando o desenvolvimento da significação no contexto é descrito como um movimento em direções opostas: o vai-e-vem da palavra ao pensamento.

Analizando os chistes e sua relação com o inconsciente, Freud observa que os processos de condensação, com ou sem formação de substitutivos desempenham papel importante na produção dos chistes e mostram uma concordância com os processos de elaboração onírica; a análise destes fornece elementos para a compreensão daqueles. Tal análise leva também a uma aproximação dos problemas do cômico cuja explicação remete à fisiologia por tratar de processos da ideação que partem de inervações em direção aos músculos. Nas relações entre os motivos do riso mediante movimentos exagerados e inconvenientes de uma pessoa e a despesa psíquica relacionada adquirimos a ideia de um movimento de tamanho particular executando o movimento ou imitando-o. Aprendemos através desta ação, um padrão para o movimento em nossas sensações inervatórias.

Mas, Freud indica que, apesar de os afetos estarem relacionados aos movimentos expressivos e à quantidade de energia, não se restringem a isto. Argumentando que a necessidade mimética não está relacionada apenas aos requisitos da comunicação de algo, mas ocorre também quando o sujeito forma a ideia para si próprio, nos dá mais algumas pistas. Uma definição das emoções se esboça: “Se mantenho o ponto de vista de que se deve acrescentar à ‘expressão das emoções’, bem conhecida como concomitante físico dos processos mentais, a ‘expressão do conteúdo ideacional’, posso verificar claramente que meus comentários relativos às categorias de grande e pequeno não exaurem o assunto” (p. 125).

Emergindo de um processo de sinalização nas relações entre os processos psíquicos (in)inconscientes e na dinâmica das relações entre corpo e mente, linguagem e consciência, o afeto parece estar ligado também à dinâmica da representação. De fato, Freud afirma que a representação é indissociável de um componente afetivo. A vinculação entre representação e afeto é, portanto, essencial na psicanálise. Em relação aos lapsos da fala, por exemplo, Freud argumenta que podem ser explicados pela interferência de uma ideia meio suprimida que está fora do contexto intencionado, vindo carregada de um afeto que se insinua.

O que parece estar em discussão aqui é a indissociabilidade entre afeto e representação, as relações das emoções/afetos/sentimentos com a ideia/representação que, sendo tratadas em seu imbricamento com o inconsciente e sua compreensão em termos de corpo e mente são retomadas em inúmeros trabalhos.

O conceito de pulsão, ao condensar a relação afeto-ideia, parece ser o lugar de elaboração desta questão. Esse conceito emerge em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* como “o representante psíquico de uma fonte de estímulos endógenos continuamente a fluir(...) um conceito que se acha na fronteira entre o mental e o físico” (p. 102). Até os trabalhos de 1915 distinguem-se as pulsões sexuais (relacionadas à conservação da espécie) e as egóicas (relacionadas à conservação da vida). Tal elaboração conhecida como o primeiro dualismo pulsional, é modificada no artigo *A Repressão*. A partir daí Freud passa a definir a pulsão, não mais como a “representação” no psíquico de um estímulo corporal, mas como o próprio estímulo que é representado no psíquico por uma representação. Essa ideia é repensada em *Além do princípio do prazer*, daí emergindo as pulsões de vida e morte com uma suposta ênfase dada à segunda.

Vamos percebendo que Vigotski parece sensível às mudanças e oscilações do pensamento freudiano no campo dos processos psíquicos e de sua natureza – fazendo referência a momentos importantes da elaboração dessa problemática na obra de Freud - *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, *A Repressão* e finalmente, *Além do princípio do prazer*⁴⁶.

A interlocução mostra que Vigotski acompanha a elaboração freudiana sobre afeto e representação, sobre o conceito de pulsão no enfrentamento das dicotomias vigentes

⁴⁶ Vigotski refere-se à discussão trazida por Freud nesse artigo sobre o papel da repressão em alguns momentos demonstrando conhecimento sobre o assunto, mas não podemos afirmar com certeza que tenha lido o mesmo, na medida em que as notas bibliográficas disponíveis mencionam a referência apenas a uma coletânea de artigos psicanalíticos traduzidos para o russo. As referências explícitas de Vigotski a Freud (que constam das traduções em português dos textos vigotskianos analisados) remontam basicamente às *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, *Leonardo da Vinci*, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, *A interpretação dos sonhos*, *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, *Além do princípio do prazer*, *O chiste e sua relação com o inconsciente*, *Psicologia de grupo e análise do ego*, *O Ego e o Id*.

(biológico e psicológico, interno e externo, corpo e mente). Essas questões ainda constituem polêmica entre os estudiosos da obra de Freud⁴⁷.

Vigotski assinala o fato de que Freud foi o primeiro a formular a questão de que essa doutrina tradicional da utilidade estritamente biológica das emoções deveria ser questionada. Segundo Vigotski, ao investigar o estado neurótico da idade infantil e adulta, Freud se depara com o fato de que uma pessoa neurótica e uma criança são um modelo de vida espiritual, transtornada em decorrência da alteração da atividade emocional. Mas, enquanto Freud considerava a dificuldade de se estudar de forma experimental esse estado considerando-o como “profundidade psicológica”, Claparède, Lewin e Cannon fornecem algumas pistas.

O primeiro por inverter a questão posta: se o significado funcional mais importante das emoções se limita a sua utilidade biológica, como é possível explicar a diversidade das emoções humanas em seu desenvolvimento histórico, produzindo as alterações na vida psíquica a que se refere Freud, mas para além disso, toda uma diversidade de conteúdo desta vida psíquica do homem?

Por que cada passo do desenvolvimento humano provoca a atuação desses processos “biológicos”, por que as vivências intelectuais do homem se refletem em fortes sensações emocionais, por que, finalmente diz Claparède, cada guinada importante no destino da criança e do homem está tão impregnada de elementos emocionais? (p. 101)

Claparède⁴⁸ em seus experimentos com lebres acaba separando as emoções entendidas como processos biológicos úteis, dos sentimentos entendidos como “catástrofes no comportamento”, processos que surgem quando uma “reação adequada” à determinada

⁴⁷ A esse respeito ver: Assoun (1983), Carropreso (2006), Ricouer (1977).

⁴⁸ Engelmann (1978) afirma que para Claparède emoção e sentimento eram rótulos para a consciência da atitude do organismo: “[...] fala em *feeling* quando a atitude é adaptativa e em *emotion*, quando não o é”. (p. 32).

situação não é possível – como no exemplo da lebre que, ao ser acometida pelo medo, foge. O mesmo aconteceria ao homem, mas neste caso, deparamo-nos com processos que assumem um papel totalmente distinto em seu aspecto interno, embora pareçam extremamente semelhantes em seu aspecto externo. Finalmente, segundo Vigotski, os experimentos de Claparède afirmam a existência de processos psicológicos distintos quanto a sua **natureza psicológica**.

O mesmo acontece com o homem; neste caso, encontramos-nos diante de processos que desempenham um papel totalmente distinto se os considerarmos em seu aspecto interno, embora pareçam semelhantes se o fizermos quanto a seu aspecto externo. [...] em ambos os casos, ocorrerão processos psicológicos distintos quanto a sua natureza psicológica. O experimento de Claparède estuda reações com diversas soluções, e isso o leva a dividir a vida afetiva em emoções e sentimentos. Esta diferenciação tem uma grande importância precisamente porque na velha psicologia os traços das emoções e dos sentimentos se misturavam **mecanicamente** e eram atribuídos a processos iguais, que na verdade não existem (p. 102 – grifo nosso).

Vigotski parece concordar com a diferenciação proposta. Mas, ao longo de sua obra isto não se verifica, como vimos. O que ajuda a elucidar a questão é o fato de ele apontar que esses são “processos que se misturavam **mecanicamente** e eram atribuídos a processos iguais, que na verdade não existem”.

Se nos voltarmos a Espinosa e sua definição de afeto mencionada anteriormente, a questão parece se esclarecer ao compreendermos que a afecção implica a relação corpo e mente, ideia e afeto.

Mas se, como assinalamos, aqui se encontra um ponto importante do pensamento de Espinosa, a que se atém Vigotski ao elaborar sua teoria das emoções – em termos da da noção de *passagem* (no original *transitio*) de um estado afetivo a outro - percebemos essa possibilidade também em relação ao conceito de pulsão de Freud. Esse conceito, como vimos, se caracteriza essencialmente pelo modo como dá visibilidade à passagem do somático ao psíquico. Em suas elaborações, Freud o define ora como “o representante

psíquico dos estímulos somáticos” ora como “o próprio estímulo corporal que é representado no psíquico”. Mas, além disso, o psicanalista afirma também que o representante de pulsão é constituído por uma representação/ideia e por uma quota de afeto. Diante disto, indagamos: há um monismo e um materialismo em Freud?

Essa questão é um tanto polêmica. Para Vigotski, Freud se situa no terreno do materialismo ao introduzir a ideia de um forte determinismo nas manifestações psíquicas, cuja base fica reduzida ao nível orgânico e biológico, ou em termos concretos, ao instinto de conservação da espécie.

Essa explicação biológica é destaca por Vigotski e Luria no Prefácio da tradução russa de *Além do princípio do prazer*. Se a tendência biológica conservadora para preservar o equilíbrio inorgânico é ocultada nas camadas mais profundas da vida psíquica, como é possível “explicar o desenvolvimento da humanidade a partir de formas elementares até formas superiores?” E ainda: “Onde buscamos a raiz da tempestuosa progressão do processo histórico?” (p. 16, tradução nossa).

Freud forneceria uma resposta muito interessante e profundamente materialista:

[...] se nos recessos profundos da psique humana persistem ainda tendências conservadoras primordiais da biologia e se, em última análise, mesmo Eros é impelido para elas, então as únicas forças que tornam possível escaparmos deste estado de conservação biológica e que podem impulsionar-nos ao progresso e à atividade, são forças externas, nos nossos termos, as condições externas do ambiente material no qual o indivíduo existe. São elas que representam a verdadeira base do progresso, pois são elas que criam a verdadeira personalidade e fazem-no adaptar e trabalhar com novas formas de vida psíquica; finalmente são o que reprimem e transferem os vestígios da antiga conservadora biologia. A este respeito a psicologia de Freud é completamente sociológica e cabe aos psicólogos materialistas que se encontram em melhores condições do que Freud revelar e validar o objeto dos fundamentos materialistas desta teoria (Vigotski&Luria, 1994 : 16; tradução nossa)

Assim, Vigotski e Luria ressaltam que, de acordo com Freud, a história da psique humana incorpora duas tendências, a conservadora-biológica e a progressivo-sociológica que compõem a dialética do organismo e são responsáveis pelo distintivo espiral do desenvolvimento do ser humano.

Desse modo, Freud parece abrir caminho para uma compreensão dos afetos/sentimentos/emoções numa perspectiva de interação entre ideia e afeto, corpo e mente, ainda que isso não signifique uma compreensão materialista, histórica e dialética como Vigotski vai defender.

Vigotski (2003) discute o problema das emoções e seu desenvolvimento na infância, analisando a concepção de inúmeros autores, pontuando limites e possibilidades. Destaca a contribuição de Freud na análise que revela a ambivalência das emoções nas primeiras etapas do desenvolvimento em que ocorre uma diferenciação do núcleo, que encerra sentimentos contraditórios – reafirmando alguns aspectos salientados na discussão sobre arte e catarse. A análise da psicopatologia da vida cotidiana demonstra, segundo Vigotski, que o mais importante no estudo das emoções não são os componentes orgânicos que as acompanham, mas a dinâmica da vida emocional.

Essa tese era importante em outro sentido: desenhava certas possibilidades simples na interpretação do movimento da vida emocional. Mas o principal mérito de Freud no mencionado campo é ter demonstrado que as emoções não foram sempre o que são agora, que em diversos momentos, nas etapas precoces do desenvolvimento infantil, foram distintas das do homem adulto. Demonstrou que não são “um estado dentro de outro”, e que só podem ser compreendidas no contexto de toda a dinâmica da vida humana. É só aí que ganham sentido e significado os processos emocionais (p. 96).

Cannon⁴⁹, de outro modo, demonstra que não é a emoção que morre, desaparece, mas os componentes instintivos. É nesse sentido que Vigotski (1932/2003) conclui: “(...) o

⁴⁹ Experimentos com gatos.

papel das emoções na psique humana é outro; isolam-se cada vez mais do reino dos instintos e se deslocam para um plano totalmente novo” (p. 94).

Mas, apesar de Freud atestar que a reação emocional é fruto de uma estrutura concreta do processo psíquico, continua um naturalista para Vigotski.

As emoções e demais funções psicológicas: relações dialéticas no sistema dinâmico e funcional do psiquismo humano

Como vimos, na elaboração de Vigotski, as emoções assumem um lugar, uma função no psiquismo humano e têm um estatuto psicológico.

Assim sendo, Vigotski procura problematizar a sua relação com as demais funções psicológicas – dentre estas, podemos destacar a imaginação, o pensamento e a linguagem na dinâmica da consciência e da experiência humana.

Ao comentar a natureza da emoção concebida como dispêndio de energia pela teoria da empatia de Herder^{xiii} e Lipps^{xiv}, Vigotski começa a problematizar a natureza e o funcionamento da reação estética. De acordo com essa teoria, não é a obra de arte que desperta no público os sentimentos, assim como as teclas do piano, produzem o som, mas o público que projeta nos objetos artísticos seus sentimentos e emoções, empatizando, sofrendo com o herói, participando de seu drama – como vemos em Hamlet⁵⁰. Embora essa teoria trouxesse muitos defeitos, representava, segundo Vigotski, um avanço em relação à ideia de Christiansen de que o objeto estético infunde no público suas tonalidades emocionais.

⁵⁰ Primeiro trabalho importante em análise literária *A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca, de Shakespeare* e aparece como apêndice à 3ª edição russa de *A psicologia da arte* (1925/1986), sua tese (publicada mais tarde em diferentes versões em russo - 1965, 1968, 1986, 1987 e em outras línguas a partir de 1971) (Van der Veer&Valsiner).

Vigotski (1925/2001b; 1929-30/1987a), procurando uma superação da dualidade, da dicotomia vigente, defende, em contrapartida que o foco deveria se voltar para o entrelaçamento da problemática da sensibilidade e da imaginação, ressaltando a necessidade de estudos e investigações que se debrucem sobre as questões relativas à emoção e à fantasia – apontadas em inúmeros trabalhos como campos mais problemáticos e desconhecidos da psicologia de sua época.

Desse modo, para tratar da questão da relação entre emoção/sentimento e fantasia/imaginação Vigotski se refere à *Lei da Dupla Expressão Emocional* formulada por Zienkovski. E, além disso, discute a concepção de Ribot^{xv}, na qual demonstrava-se que toda emoção faz uso da imaginação para (re)elaborar/transformar uma série de representações e imagens da fantasia, que por sua vez evocavam uma segunda expressão do sentimento⁵¹. Tomando por base essa dupla expressão do sentimento, por meio da imaginação, Vigotski apresenta a *Lei da Realidade dos Sentimentos*⁵².

Se pela noite em casa confundo um paletó pendurado com um homem, meu erro é evidente, já que minha vivência é falsa e não corresponde a nenhum conteúdo real. Mas o medo que experimento neste caso é verdadeiro. Deste modo, todas nossas vivências fantásticas e irreais se desenvolvem sobre uma base emocional completamente real. Por conseguinte, o sentimento e a fantasia não são dois processos isolados um do outro, mas de fato representam o mesmo processo, e temos direito de considerar a fantasia como a expressão central da reação emocional (Vigotski, 2001b: 258).

Tal elaboração acaba por destacar a união de sentimento e fantasia polemizando com uma compreensão da suposta diferença entre o sentimento artístico e o sentimento comum, cotidiano. Vigotski observa que tanto no jogo do “faz-de-conta” infantil como nos

⁵¹ A discussão aqui apresentada é retomada por Vigotski em diversos trabalhos (*Psicologia Pedagógica, La imaginación y el arte en la infancia, Desenvolvimento psicológico na infância*) assumindo algumas nuances.

⁵² Indagamos aqui, se essa sua *Lei da Realidade dos Sentimentos* não pode ter sido influenciada pela interlocução no meio artístico e as discussões sobre a problemática da interpretação – Eiseinstein, Stanislavski, etc. E, pontuamos que esta questão aparece em outras obras sendo (re)dimensionada.

processos de representação artística ocorre uma determinada retenção da reação emocional – questão que nos remete a Freud e a Espinosa. O sentimento artístico se constitui e se mantém por meio da imaginação, que o reforça, e isso faz com que a expressão dos sentimentos e emoções suscitados também pelos jogos e “faz-de-conta” infantil (Vigotski, 1997, 2003, 2001b), pelo teatro ou pela obra de arte sejam contidos, controlados e recalcados – numa clara alusão ao pensamento psicanalítico. Mas, por conta de sua intensidade, sua força contraditória e da “elevada atividade do psiquismo”, Vigotski (2001b) acrescenta, também transformados. Para ele, “as emoções da arte são emoções inteligentes” (p. 260) – aqui percebemos o uso que faz da concepção espinosana de afeto ativo, marcado pela razão.

Podemos perceber o embate e a incorporação das ideias em diversos momentos – com Freud, quando Vigotski discute a obra de arte, a fantasia e a brincadeira infantil não só nas discussões em *Psicologia da Arte*, mas na *Psicologia Infantil*. Com relação a Espinosa, Vigotski faz uma referência explícita na discussão sobre o “brinquedo” em *A formação social da mente*, demonstrando a relação que se estabelece entre a regra e o prazer com relação à ideia que se transforma em desejo e o conceito que se transforma em afeto⁵³.

Voltando a Vigotski, na discussão sobre arte, ele demonstra que na reação estética se configura uma contradição original⁵⁴ – retomada em diversos momentos. No intuito de explicar tal contradição, Vigotski apóia-se no princípio de antítese dos movimentos expressivos de Darwin (assumido por diversos autores no debate da época) segundo o qual determinados atos, ao se associarem a certas sensações ou sentimentos, causavam atos

⁵³No texto em português aparece o termo paixão, que consideramos não ser corretamente empregado pelo tradutor porque contraria a concepção de Espinosa. No texto traduzido: “As noções de Spinoza de que ‘uma ideia que se tornou um desejo, um conceito que se transformou numa **paixão**’, encontram seu protótipo no brinquedo, que é o reino da espontaneidade e liberdade” (VIGOTSKI, 2000, p. 131; grifo nosso).

⁵⁴O que era expresso exemplarmente por Diderot no *Paradoxo do comediante*, no qual se desvela que o ator chorava com lágrimas de verdade, mas que suas lágrimas brotavam de seu cérebro.

involuntários em decorrência da associação gerada com o *hábito*⁵⁵ do efeito daquelas sensações e daqueles sentimentos.

Em seus estudos da fábula, do conto e da tragédia Vigotski acreditava ter demonstrado como essa contradição afetiva suscitava sentimentos opostos e contraditórios, provocando um curto-circuito que os transformava. Era esse o marco característico de toda e qualquer criação artística, como atividade criadora humana, e, por conseguinte, da reação estética. Nesse momento, ele aponta a especificidade do sentimento artístico, a diferença específica da reação estética. Essa “reação,” especificamente humana, obtida a partir da contradição de sentimentos, é o fundamento de sua elaboração sobre o conceito de catarse.

Afirmando que não pretende com a palavra catarse se deter no conceito de Aristóteles⁵⁶ ou tampouco elucidar o significado que o filósofo lhe atribuía, Vigotski comenta sobre diferentes interpretações em trabalhos de inúmeros autores⁵⁷ advertindo que essas interpretações apenas demonstravam o caráter incompleto e inacabado do conceito, enfatizando:

[...] o fato, central para a reação estética, de que as emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas a certa descarga, à sua destruição e transformação em contrários, e de que a reação estética como tal se reduz, no fundo, a essa catarse, ou seja, à **complexa transformação dos sentimentos**. Ainda sabemos muito pouco de fidedigno sobre o próprio processo da catarse, mas mesmo assim, conhecemos o essencial, isto é, sabemos que a descarga de energia nervosa, que constitui a essência de todo sentimento, realiza-se nesse processo em sentido oposto ao habitual, e que a arte assim se transforma em um poderosíssimo meio para atingir as descargas de energia nervosa mais úteis e importantes. Achamos que a

⁵⁵ Vale à pena retomar e assinalar a discussão de Darwin (2000): “certos estados de espírito levam a algumas ações habituais que são úteis, mas quando um estado de espírito oposto é induzido, há uma tendência forte e involuntária à realização de movimentos de natureza contrária, ainda que estes não tenham utilidade; e esses movimentos são, em alguns casos, fortemente expressivos” (p. 36-37).

⁵⁶ Interessante notar que Freud (1986), ao discutir o jogo e a obra de arte e a fruição do prazer que estes proporcionam, também faz referência a Aristóteles: “De fato, Aristóteles considerou a alegria (procedente) do reconhecimento como o fundamento do prazer estético, e é indiscutível que não se deva desconsiderar esse princípio mesmo que ele não possua a abrangente importância que lhe foi atribuída por Aristóteles” (p. 81).

⁵⁷ Lessing (ação moral da tragédia, a conversão das paixões em inclinações virtuosas), E. Müller (a passagem do desprazer ao prazer), Bernays (cura e purificação no sentido médico) e Zeller (anestesia do sentimento).

base desse processo é a **natureza contraditória que subjaz à estrutura de toda obra de arte** (Vigotski, 2001b: 112; grifos nosso/nossos).

Vigotski afirma ainda que a catarse não é o objetivo do seu estudo, mas contribui para redimensionar esse aspecto central da natureza da reação estética. Isso demonstra uma busca por um princípio explicativo que fundamente suas investigações⁵⁸. Essa busca não acontece só em termos do funcionamento mental subjacente à criação e recepção estéticas e a natureza das emoções artísticas, mas em termos de um aprofundamento de estudos da psicologia humana. Na discussão sobre a lei da reação estética – divergência interior entre conteúdo e forma – algumas questões emergem:

Poderíamos dizer que a base da reação estética são as emoções que suscitadas pela arte e por nós vivenciadas com toda realidade e força, mas encontram sua descarga naquela atividade da fantasia que sempre requer de nós a percepção da arte. Graças a esta descarga central, retém-se e recalca-se extraordinariamente o aspecto motor externo da emoção, e começa a parecer que experimentamos apenas sentimentos ilusórios. É nessa unidade de sentimento e fantasia que se baseia qualquer arte. Sua peculiaridade imediata consiste em que, ao nos suscitar emoções voltadas para sentidos opostos, só pelo princípio da antítese retém a expressão motora das emoções e, ao pôr em choque impulsos contrários, destrói as emoções do conteúdo, as emoções da forma, acarretando a explosão e a descarga da energia nervosa (Vigotski, 2001b: 272).

Em *Psicologia Pedagógica* Vigotski afirma a importância das emoções no comportamento da criança e a necessidade de uma educação dos sentimentos, ressaltando que “A emoção não é um agente menor do que o pensamento” (p. 144).

⁵⁸ Apresenta Hamlet em outro momento da discussão, por considerar bastante nítida a contradição entre o caráter e as ações da personagem, herói da tragédia – exemplo que demonstram o desenvolvimento dinâmico do caráter da personagem em função da estrutura da obra de arte, sendo que o drama revela esse caráter encontrado na dinâmica da vida cotidiana de cada um. Tais elaborações nos remeteriam ainda a Bakhtin e suas elaborações sobre o autor e o herói ou a personagem, e a sua problematização das dimensões ética e estética (2003).

Essa concepção reaparece em diversos momentos, quando o autor discute a relação destas com o pensamento na atividade da criança, do pensamento com a linguagem.

Em *A construção do pensamento e da linguagem* Vigotski reafirma essa dinâmica de mútua afetação, interconstituição dialética:

Como se sabe, a separação entre a parte intelectual de nossa consciência e a sua parte afetiva e volitiva é um dos defeitos radicais de toda psicologia tradicional. (...) Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento neste ou naquele aspecto. De igual maneira, quem separou o pensamento do afeto inviabilizou de antemão o estudo da influência reflexa do pensamento sobre a parte afetiva e volitiva da vida psíquica, uma vez que o exame determinista da vida do psiquismo exclui, como atribuição do pensamento, a força mágica de determinar o comportamento do homem através do seu próprio sistema, assim como a transformação do pensamento em apêndice indispensável do comportamento, em sua sombra impotente e inútil. (Vigotski, 2001a: 16)

Para Vigotski, pensamento e ação real não são dois campos separados por um abismo, pensamento e linguagem compõem sistemas dinâmicos que integram o psiquismo. Numa atividade podemos observar um processo de transformação da dinâmica fluida do pensamento na rígida e coagulada dinâmica da ação e vice-versa, num movimento em que pensamento e afeto são mutuamente afetados.

Así como nuestras acciones no nacen sin causa, sino que son movidas por determinados procesos dinámicos, necesidades y estímulos afectivos también nuestro pensamiento siempre es motivado, siempre está psicológicamente condicionado, siempre deriva de algún estímulo afectivo por el cual es puesto en movimiento y orientado. El pensamiento no motivado dinámicamente es tan imposible como una acción sin causa. En este sentido, ya Spinoza define el afecto como algo que aumenta o disminuye la capacidad de nuestro corpo para la acción y obliga al pensamiento a moverse en una dirección determinada ((Vigotski, 1997: 266).

Se isso acontece com o intelecto, que dizer das funções afetivo-volitivas?

Vigotski (1934/1997) defende que as funções psicológicas superiores são ao mesmo tempo intelectuais e volitivas.

En todo lo que constituye uno de los principios básicos de nuestra teoría, es decir, en el estudio sobre las funciones psicológicas superiores, está inserta por entero la unidad de los sistemas dinámicos semánticos. Una función consciente adquiere también distintas posibilidades de acción. Tomar conciencia significa en cierta medida dominar. En el mismo grado es propia de las funciones psicológicas superiores una naturaleza intelectual distinta y una naturaleza afectiva distinta. Todo reside en el hecho de que el pensamiento y el afecto representan partes de un todo único – la conciencia humana (p. 268).

Podemos compreender com Vigotski que tudo o que pensamos não muda de lugar pelo simples fato de pensarmos nisto; mas o afeto e as funções ligadas ao mesmo modificam-se no momento em que estamos conscientes. Isto porque, colocam-se numa outra relação com a consciência e com outro afeto e, por conseguinte, mudam sua relação com o todo e sua unidade. Desse modo, a qualquer etapa no desenvolvimento do pensamento corresponde a uma etapa também no desenvolvimento do afeto.

Temos uma participação do pensamento e do afeto na ação na medida em que a dinâmica do pensamento não é a relação dinâmica, especularmente refletida, que domina na situação real. Afinal, se o pensamento não mudasse nada na ação dinâmica seria absolutamente desnecessário.

Em alguns textos (1930/1999a; 2004b) assumindo mais explicitamente as contribuições de Espinosa, Vigotski coloca a relação entre as funções psicológicas superiores e o conceito específico de personalidade, de natureza mais complexa e integral.

A ideia principal (extraordinariamente simples) consiste em que durante o processo de desenvolvimento do comportamento, especialmente no processo de seu

desenvolvimento histórico, o que muda não são tanto as funções, tal com tínhamos considerado anteriormente (era esse o nosso erro), mas que o que muda e se modifica são precisamente as relações, ou seja, o nexo das funções entre si, de maneira que surgem novos agrupamentos desconhecidos no nível anterior. É por isso, que quando se passa de um nível a outro, com frequência a diferença essencial não decorre da mudança intrafuncional, mas das mudanças interfuncionais, as mudanças nos nexos interfuncionais, da estrutura interfuncional (Vigotski, 1999a: 105).

Vigotski se propõe a começar pelas funções tidas como mais simples: as relações entre os processos sensoriais e motores, e critica a psicologia antiga cujo problema consistia em estabelecer os tipos de associações entre as funções e a psicologia moderna de sua época, como se ajustam entre si. Considerações teóricas e linha experimental mostram que a sensório-motricidade constitui um conjunto psicofisiológico único – defendido pelos gestaltistas. Ideia da unidade sensório-motora é confirmada em animais, crianças muito pequenas ou adultos, para quem estes processos estejam muito próximos dos afetivos. Contudo, uma mudança surpreendente se produz no processo de desenvolvimento ontogenético: os processos motores e sensoriais, interpretados no plano psicológico adquirem relativa independência; a percepção da criança adquire certa independência. Nas palavras de Vigotski (1930/1999a): “A motricidade do adulto é caracterizada pelas novas conexões, novas relações em que a motricidade se acha com outras esferas da personalidade, com as demais funções” (p. 108).

Assim, diferentemente do que acontece com o animal, há a possibilidade de contemplação e ação numa complicada síntese com outras funções, concretamente com a da linguagem – tão complexa que, ainda segundo Vigotski, salvo nos casos patológicos, se torna impossível estabelecer a estrutura básica da percepção.

A percepção é, então, sempre emocional, carregada de valor, afeto, sentimento e emoção. A conexão inicial, característica da relação entre as funções, se desintegra e surge uma nova conexão: ao mesmo tempo em que conheço, penso-sinto. Para Vigotski, os meios de comunicação social (signos) são centrais para as complexas funções psicológicas que

surgem quando estas se transformam em individuais, em uma forma de comportamento da própria pessoa.

Na discussão sobre a relação entre os problemas da esquizofrenia e a idade de transição Vigotski (1930/1999a) afirma que a essência da questão localiza-se nesse caso não tanto nas mudanças intelectuais e efetivas, mas na elevação das conexões existentes. Na inabilidade afetiva, quando a vida emocional se empobrece, todo o pensamento do esquizofrênico começa a ser regido apenas por seus afetos. Num processo psicológico alterado ocorre a desintegração de todos os sistemas complexos alcançados como resultado da vida coletiva, a desintegração dos sistemas de formação mais recente. “As ideias e os sentimentos não variam, mas perdem a função que desempenhavam no sistema complexo” (p. 125). Fato especialmente patente na esquizofrenia é que se conservam as funções (memória, atenção e percepção), mas ocorre a desintegração do sistema que aparece em certas circunstâncias históricas. Há uma “desintegração dos sistemas que são de origem social” (p. 126)⁵⁹.

A problematização de Vigotski sobre a emoção, sua natureza e relação com as demais funções psicológicas nos leva ao problema do desenvolvimento e sua relação com a consciência: o problema do desenvolvimento, da transformação dos processos elementares em complexo – problema que vamos abordar a seguir.

Nas discussões sobre a *Psicologia Infantil* essa questão se intensifica. Vigotski (1932-34/1996) discute o papel e a função do afeto no desenvolvimento infantil criticando a tese que relaciona a importância dos afetos com o mecanismo subcortical da consciência e do comportamento do bebê deduzindo que são próprios de uma psique primitiva,

⁵⁹ Essa discussão incita a retomada do trabalho de Freud *Sobre a concepção das afasias* em que esse autor e procura explicar as lesões com base numa organização sistêmica e dinâmica do psiquismo. Freud critica o localizacionismo em seus primeiros artigos, como Sobre a concepção das afasias ao colocar o modelo de funcionamento da linguagem (esquematizado pela associação representação-objeto e representação-palavra) em busca de uma explicação dinâmica. Com Lúria (neuropsicólogo russo) Vigotski, desenvolveu estudos sobre a constituição histórico-cultural das funções psicológicas humanas. Lúria propôs uma abordagem sistêmica e dinâmica do cérebro em três unidades funcionais que deu origem a diversas teorias, influenciando neurologistas atuais.

correspondente a um estado inferior de desenvolvimento de maneira que o grau de afetividade do comportamento da criança se torna critério para o primitivismo. Ao, contrário, ele afirma:

O estado inicial e primitivo, só se caracteriza pela importância das tendências afetivas que se conservam ao longo de todo o desenvolvimento da criança por dois fatores: 1) a supremacia dos afetos de natureza mais primitiva, diretamente relacionados com as atrações e impulsos instintivos, ou seja, afetos inferiores; 2) a supremacia dos afetos primitivos se produz quando o restante aparato psíquico, relacionado com as funções sensoriais, intelectuais e motoras não está desenvolvido. (Vigotski, 1996: 299 – tradução nossa)

O afeto acompanha o desenvolvimento da criança, está presente em cada uma de suas etapas mudando de lugar, alterando as conexões que se estabelecem entre as funções, finalmente, está no início e no fim do desenvolvimento psíquico e da formação da personalidade:

Não é casual, portanto que as funções afetivas estejam em relação direta tanto com os centros subcorticais mais antigos, que são os primeiros a se desenvolver e encontram na base do cérebro, como com as formações cerebrais mais novas e especificamente humanas (lobos frontais) que são os últimos a configurar-se. Neste fato se acha a expressão anatômica, aquela circunstância em que o afeto é o alfa e o ômega, o primeiro e o último elo, o prólogo e o epílogo do desenvolvimento psíquico. (Vigotski, 1996: 299 – tradução nossa)

O afeto marca cada nova etapa do desenvolvimento da criança, relacionado à linguagem, à consciência e à vontade. Em suma, o afeto, o sentimento, a emoção, têm um lugar, uma função: organizam, orientam, transformam a atividade, o comportamento e a personalidade.

Vigotski (1927/2004a) procura ressaltar que as emoções devem ser compreendidas em relação ao modo como influenciam e modificam o comportamento humano num

determinado contexto. Nesse sentido, para compreendermos como as emoções podem influenciar, alterar e transformar o comportamento humano é preciso levar em consideração a interação entre o indivíduo e o meio. Vigotski assinala três modos: aquele em que o indivíduo domina ou exerce influência sobre o meio (força maior é do indivíduo); aquele em que o meio domina ou exerce maior influência no indivíduo (força maior é do meio; e, finalmente, aquele em que há equilíbrio entre ambos (forças iguais).

Em que consistiria então, a natureza psicológica das emoções, nesse momento?

Para Vigotski, estaria na relação entre o comportamento do indivíduo e o meio: “As emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento” (2004a, p. 139). Para Vigotski “toda emoção é uma função da personalidade” (1931-33/2004 – p. 214).

Na perspectiva vigotskiana as emoções humanas deixam de ter um estatuto estritamente biológico que aproximaria ou identificaria às emoções animais e assumem uma função no psiquismo humano. Mas, de uma função especificamente orgânica e biológica a emoção assume uma função socialmente orientada: de regulação dos estados internos à orientação do comportamento e (trans)formação da personalidade.

A análise que decompõe a totalidade complexa em unidades reencaminha a solução desse problema vitalmente importante para todas as teorias aqui examinadas. Ela mostra que existe um sistema dinâmico que representa a unidade dos processos afetivos e intelectuais, que em toda ideia existe, em forma elaborada, uma relação afetiva do homem com a realidade representada nessa ideia. Ela permite revelar o movimento direto que vai da necessidade e das motivações do homem a um determinado sentido do seu pensamento, e o movimento inverso da dinâmica do pensamento à dinâmica do comportamento e à atividade concreta do indivíduo (Vigotski, 1934/2001a, p.16-17)

Assim, nesta discussão sobre a natureza e a função das emoções vemos emergir outro problema central na perspectiva vigotskiana: as conexões e as relações entre as funções psicológicas e a possibilidade de desenvolvimento histórico.

Possibilidade de desenvolvimento histórico das emoções: o impacto de Marx

Ao comentar o erro metodológico radical da teoria de Lewin – a separação do problema da dinâmica do problema do intelecto, desconsiderando os nexos entre as funções – Vigotski aponta que este problema ocorre não só na teoria do retardo mental, mas em toda sua teoria geral do afeto e da vontade. Nesse momento o autor aponta a questão da liberdade na formação de propósitos, inclusive sem sentido, e das dinâmicas correspondentes como uma característica do homem, um diferencial, muito mais que o intelecto elevado.

Apesar de sua referência a Espinosa e sua compreensão das emoções em uma característica ativa, tal como vimos anteriormente na discussão sobre a natureza psicológica das emoções, Vigotski faz referência também a Marx e Engels:

En efecto, las nuevas posibilidades de la acción racional y libre, de las que dispone el hombre, son, evidentemente, su rasgo distintivo de los animales. A esto se refiere Engels cuando dice que ningún animal há podido poner a la naturaleza el sello de su voluntad y que sólo el hombre pudo hacerlo (C. Marx, F. Engels, Obras, t 20) (Vigotski, 1997: 268).

O desenvolvimento do intelecto para Vigotski, tal como apontam Marx e Engels, é fruto da vida e história do homem, das possibilidades novas de atividade e de trabalho.

A vida determina a consciência, esta nasce da vida. Uma vez nascido o pensamento determina a vida; a vida pensante se determina a si mesma através da consciência. Enquanto separamos o pensamento da vida, da dinâmica e da necessidade, o privamos de toda atividade fechamos as possibilidades da missão mais importante do pensamento: determinar o modo de vida e conduta, modificar nossas ações, dar-lhes uma direção e liberá-las da dominação da situação concreta (ID. IBID. p. 269).

Retornemos por um momento a Marx. Ao destacar o papel da produção da vida material pelos homens, Marx coloca o trabalho, atividade especificamente humana que diferencia o homem dos animais e o faz um ser histórico, no cerne das condições de vida e consciência humana. Atividade e trabalho são concebidos em relação aos conceitos de estranhamento, alienação num primeiro momento, e aos valores sociais e a própria sociedade.

A produção de idéias, de concepções, da consciência é de início diretamente entrelaçada com a atividade material e com a interação material dos homens, a linguagem da vida real. O conceber, o pensar, a interação intelectual dos homens aparecem neste estágio com uma emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale para a produção espiritual expressa na linguagem da política, das leis, da religião, da metafísica, etc. de um povo. Os homens são os produtores de suas concepções, idéias etc. – homens reais, ativos, tal como são condicionados por um desenvolvimento determinado das forças produtivas e da interação correspondente a estas, até suas formas mais avançadas. A consciência nunca pode ser outra coisa senão existência consciente (Marx e Engels, 2007: 47).

Durante um processo dialético, contraditório de constituição subjetiva do homem, suas formas de pensar, sentir e agir vão se desenvolvendo. Assim, Marx define o homem como ser social, e este, ao mesmo tempo em que é produzido pela sociedade, também a produz. No modo como Marx entende o homem, está presente um importante apontamento:

Todas as suas relações humanas ao mundo – visão, audição, olfato, gosto, percepção, pensamento, observação, sensação, vontade, atividade, amor – em suma, todos os órgãos da sua individualidade [...] são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento perante o objeto a apropriação do sobredito objeto, a apropriação da realidade humana. (MARX, 1993: 197).

Assim, no e pelo movimento autotransformador da natureza humana, Marx que abrange modificação, não só das formas de trabalho e organização prática de vida, mas também dos próprios órgãos dos sentidos e das percepções, sensações, consciência e vontade: “A formação dos cinco sentidos é trabalho de toda a história passada” (Marx 1993: 197).

Nesse sentido, numa perspectiva vigotskiana das emoções, fundamentada no materialismo histórico e dialético, as emoções também não se desenvolveriam historicamente?

Acreditamos que sim. Acreditamos que é importante pensarmos então que a conduta humana, as emoções, a vontade são (trans)formadas numa perspectiva vigotskiana, nas relações sociais humanas, marcadas por ideologia e poder, na e pela cultura e história humana. Mas, para esclarecer esse ponto, vale a pena retomar o que Vigotski aponta em relação ao problema do desenvolvimento das emoções humanas Vigotski e sua crítica à teoria organicista e à filosofia cartesiana por considerar a fatalidade lógica intrínseca a esse modo de colocar o problema e de sua solução.

Essa questão, argumenta Vigotski (2004b), não radica na aversão anti-histórica de todos os que assumem a concepção mecanicista de mundo, desde Descartes (Darwin assinalou a dificuldade de, por esta aversão, se explicar a incapacidade de uma teoria empírica para resolver o problema do desenvolvimento, mas como apontamos anteriormente, limitou-se às semelhanças entre as emoções animais e humanas), mas na lógica da própria teoria que traz em si uma tendência anti-histórica que acaba por paralisar seus investigadores.

Vigotski demonstra que há um núcleo anti-histórico que exclui qualquer possibilidade de uma história das emoções humanas e de seu desenvolvimento. Tal núcleo constitui-se, nas palavras de Vigotski, por duas membranas.

A primeira fundamenta-se na ideia de que as modificações reflexas e periféricas dos órgãos internos e do sistema muscular são **a fonte e a causa efetiva das emoções**, de maneira que essas manifestações são mais perceptivas quanto mais grosseiras; por conseguinte, quanto mais primitiva a emoção, menor seu grau de desenvolvimento, quanto mais arcaica, mais se manifestam as características da verdadeira paixão. Esta seria a primeira membrana que recobre este núcleo.

Así, según el espíritu de la tesis fundamental de la teoría, las emociones deben remitirse al periodo prehistórico más lejano, al periodo prehumano de la evolución psíquica. En el hombre, éstas desempeñan únicamente o papel de rudimentos, absurdos vestigios de la oscura herencia de antepasados animales. En la historia del psiquismo humano, no sólo es imposible cualquier perspectiva de desarrollo de las emociones, sino que, por el contrario, éstas están condenadas a una regresión y, en última instancia, a la muerte (Vigotski, 2004b: 135).

As manifestações emocionais que constituem a substância das emoções são mais ricas e claras nos animais do que nos homens, nas crianças do que no adulto. Trata-se de um processo de redução e involução se admitimos a hipótese visceral.

A segunda membrana que recobre este núcleo é a separação das emoções da consciência.

Al separar las emociones del cerebro y remitirlas a la periferia, al atribuir las a las modificaciones periféricas de los órganos de los músculos internos, la teoría crea para ellas, de manera hipotética, un sustrato orgánico diferente y separado del sustrato material del resto de la consciencia. Puesto que los órganos internos – el corazón, el estómago y los pulmones – constituyen esta parte del organismo que, desde el punto de vista de su participación en el desarrollo histórico del hombre, no puede igualar de

ninguna manera al sistema nervoso central, en particular, al córtex del encéfalo (Id. Ibid. p. 136).

Vigotski (2004b) analisa então o desenvolvimento histórico da consciência humana, unido em primeiro lugar do córtex cerebral (o que não significa, para ele, que o organismo em seu conjunto e cada órgão não participem desta evolução) e enfatiza que as emoções são vistas pela teoria periférica como uma ilha separada de todo o continente da consciência, cercadas por oceanos de processo puramente orgânicos, vegetativos, animais em cujo contexto adquirem significado.

Sin embargo, es difícil que puedan surgir dudas en cuanto al hecho de que, cuando hablamos de desarrollo histórico de la consciencia humana, nos referimos en primer lugar y sobre todo, precisamente al córtex del encéfalo, en cuanto base material del desarrollo y que, a este respecto, se distingue cualitativamente de todas las demás partes del organismo al estar unido, de manera inmediata y directa, al desarrollo psíquico del hombre. En todo caso, esta tesis se admite universalmente para todas las funciones superiores, específicamente humanas de la consciencia (p. 136).

Aquí, podemos indagar, para as emoções também?

Vejamos a argumentação de Vigotski.

Par ao autor, a equivalência entre emoções e percepções e o mecanismo psicofísico situa no mesmo plano a teoria James-Langue e a teoria cartesiana – aqui as emoções são percepções ou sensações, estados passivos por natureza, daí o termo paixões.

Ainda segundo Vigotski, esse núcleo anti-histórico é fundamentado na filosofia cartesiana (caracterizado pela natureza sensorial e reflexa das emoções e pela negação de sua relação com os processos intelectuais), de modo que, considerada como epifenômeno, a emoção seria inútil do ponto de vista biológico na perspectiva de James e Langue. Além disso, o problema do desenvolvimento das emoções, considerando-se a sua natureza, faz com que a teoria organicista acabe por tratá-las com base em uma distinção entre emoções

superiores e inferiores, animais e humanas, instintivas – distinção esta que se faz presente na psicologia da época e também no debate atual como veremos a seguir.

O nexo entre o sentimento e o restante da vida consciente, psíquica, subjetiva (que confere sentido e significado ao sentimento), não é levado em conta por nenhuma das correntes psicológicas em pauta, pois, segundo Vigotski (1999a), há uma separação radical entre a vivência emocional e o sentimento, entendido estritamente como sensação. Assim, ele adverte que *“para preservar a vida do sentimento, rechaça-se o seu sentido ou então, para preservar sua vivência e seu sentido, rechaça-se a vida”*.

As colocações de Vigotski acerca dos debates sobre o problema da vinculação filosófica da teoria organicista de James e Langue, trazem à tona uma tentativa de elaboração de uma concepção integrada de afetos, sentimentos e emoções, por meio da qual seria possível compreender melhor suas expressões, seu lugar no psiquismo humano frente ao processo de desenvolvimento histórico – evidenciando a necessidade de concentrar esforços nas relações que se estabelecem entre as emoções e a consciência.

Freud, também contrapondo-se a James e Langue, assume uma perspectiva evolucionista e é importante porque compreende a transformação e se opõe ao enfoque retrospectivo. A teoria organicista acaba por configurar-se como um retrocesso em relação a Darwin, porque, segundo Vigotski (1932/2003; 2004), acopla as emoções aos órgãos mais baixos, invariáveis, menos evoluídos e separa as emoções da consciência.

Assumindo a contribuição de Freud, Espinosa e Marx, Vigotski ressalta a necessidade de (re)pensar a relação do afeto com o inconsciente e a consciência, a linguagem e emerge a questão da significação.

Consciência, linguagem e a emergência da significação

Na problematização da reação estética, arte e catarse no *drama* da personalidade, vemos um questionamento sobre a relação do afeto e da ideia, da emoção com a imaginação e nos leva ao problema da consciência.

De acordo com Vigotski (2001b), toda a psicologia dedicada à arte encontrava-se estritamente vinculada à discussão pautada pelas teorias da percepção, do sentimento ou da imaginação/fantasia. Vigotski argumenta que a abordagem psicológica da criação artística deveria partir do estudo e aprofundamento desses três aspectos da psicologia humana, de uma forma articulada.

O problema da dicotomia e da dualidade dos afetos, sentimentos, emoções é assinalado por Vigotski trazendo uma questão sobre o modo de concepção e teorização sobre o sentimento, sua natureza e sua função (dispêndio de energia psíquica, economizador e preservador na economia da vida do psiquismo). Nesse debate, tendo Freud como interlocutor, Vigotski enfatiza que é preciso atentar para uma noção exata da natureza da reação estética, problematizando o conceito de afeto e sua relação com o inconsciente⁶⁰.

Freud, que é provavelmente o maior defensor do inconsciente, diz: “Porque a essência do sentimento consiste em ser experimentado, ou seja, conhecido da consciência. Assim, para os sentimentos, sensações e afetos, desaparece inteiramente a possibilidade de inconsciente” (119, p. 135). É verdade que o próprio Freud faz objeção a essa afirmação elementar e tenta esclarecer se faz sentido falar de uma vivência como o medo paradoxal e inconsciente. Posteriormente ele elucida que, embora a psicanálise fale de afetos inconscientes, a inconsciência desses afetos difere da inconsciência das representações, uma vez que o afeto inconsciente corresponde unicamente ao embrião do afeto como possibilidade que não atinge sua evolução posterior (Vigotski, 2001b: 251).

⁶⁰ Suas referências retomam uma discussão acerca da essência do afeto também nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise*: “Por ‘ansiedade’ geralmente entendemos o estado subjetivo de que somos tomados ao perceber o ‘surgimento da ansiedade’, e a isto chamamos afeto. E o que é um afeto, no sentido dinâmico? Em todo caso, é algo muito complexo. Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme dizemos, dão ao afeto seu traço predominante. Não penso, todavia, que com essa enumeração tenhamos chegado à essência de um afeto. Parece-me ver em maior profundidade no caso de alguns afetos e reconhecer que o cerne que reúne a combinação que descrevemos é a repetição de alguma experiência significativa determinada” (Freud, 1986 p.102).

Diante desta aparente contradição (de um lado, o sentimento carece necessariamente de clareza consciente, e de outro, não pode ser de maneira nenhuma consciente) estabelecida na psicologia empírica. Vigotski argumenta que se faz necessário tentar inicialmente situar e caracterizar, em termos gerais, o sentimento enquanto processo nervoso, que propriedades objetivas podemos atribuir a esse processo. Para muitos autores que se detêm nos mecanismos nervosos, o sentimento aparece como processo de consumo ou descarga de energia nervosa cuja expressão final se percebe como sensação.

Em meio a essa discussão sobre o confronto de opiniões e concepções sobre o sentimento e os mecanismos mentais que a emoção (im)possibilita, colocando em cheque a dicotomia consciência-inconsciência que marcava o debate em pauta. Do ponto de vista de uma psicologia objetiva, a teoria da empatia acaba por colocar a reação estética como mera reação, a resposta ao estímulo e se encontrava assim, mais próxima das leis da reflexologia. Para Vigotski, contudo, a reação estética se fundamenta em mecanismos complexos de percepção da integralidade da obra de arte que implicam forma e conteúdo. Assim sendo, tal processo não pode ser compreendido e explicado apenas pelo esquema estímulo-resposta.

Defendendo o problema da consciência como um problema da psicologia do comportamento, Vigotski (1925/1999a) afirma que a consciência emerge da relação com o outro: “Tenho consciência de mim mesmo somente na medida em que para mim sou outro, ou seja, porque posso perceber outra vez os reflexos próprios como novos excitantes” (p. 82). Como consequência desta hipótese, temos a afirmação vigotskiana da socialização de toda a consciência.

A vertente individual se constrói como derivada e secundária sobre a base do social e segundo seu exato modelo. Vem daí a dualidade da consciência: a ideia do duplo é a mais próxima da ideia real da consciência. O que não deixa de ter uma certa afinidade com a divisão da personalidade em “ego” e “id” que S. Freud descobre analiticamente. O “ego” se comporta em relação ao “id” de modo semelhante a um

cavaleiro, diz Freud, que deve domar um magnífico cavalo, com a única diferença de que o cavaleiro terá de realizá-lo com suas próprias forças, ao passo que o “ego” deve fazê-lo com forças emprestadas. Essa comparação pode ser levada a diante. Assim como o cavaleiro que, se não quiser se separar do cavalo, não terá outro remédio senão conduzi-lo aonde este queira ir, também o “ego” transforma em geral em ação a vontade do “id”, como se se tratasse da sua própria (Vigotski: 1999a, p.82).

Essas ponderações de Vigotski nos remetem a outras formulações desenvolvidas paralelamente sobre o problema da consciência, do inconsciente e da psique. Ele argumenta que muitos trabalhos em psicologia excluem a consciência do campo da psicologia científica e a sua constata que, desse modo, permanecem intactos o dualismo e o espiritualismo de uma psicologia subjetiva anterior. Ao mesmo tempo, a eliminação da consciência da psicologia incorre num absurdo biológico que ele sintetiza no erro de considerar fenômenos subjetivos como secundários, posto que na natureza o que é secundário se atrofia ou se destrói.

Assim, reflexologistas e reactologistas com quem Vigotski (1925/1999a) também dialoga, trazem uma concepção de que o comportamento e todos os seus componentes limitam-se a uma soma de reflexos: “O que é a sensação? É um reflexo. O que são a linguagem, os gestos, a mímica? Também são reflexos. E os instintos, os lapsos, as emoções? São também reflexos” (p.61). Tal como nos estudos da arte, tudo se reduz à sensação.

Nos estudos que desenvolve na intersecção dos campos da arte, psicologia e educação, Vigotski enfatiza as relações intrincadas entre palavra e emoção. Afirma: “As mesmas palavras, porém pronunciadas com sentimento, agem sobre nós de modo diferente daquelas pronunciadas sem vida” (Vigotski, 2004a: 135).

Vigotski Indaga-se, em diversos momentos, sobre o poder da palavra que afeta o homem: “Mas de onde vem a função volitiva da palavra para nós, por que a palavra subordina a si as reações motoras? De onde vem o poder da palavra sobre a conduta?” (Vigotski, 2000a: 25).

O primeiro experimento de Vigotski versava sobre isso. Seu interesse em compreender a dinâmica dos sentimentos durante a leitura e declamação da literatura e poesia remeteme-nos à época em que lecionava literatura em Gomel (1917-1924): fazer com que seus alunos compreendessem literatura tornara-se um problema e Vigotski se dedica a palestras sobre métodos de ensino de literatura e experimentos psicológicos.

Já em *Psicologia da Arte*, ao se debruçar sobre a análise *Respirar tranquilo*, um conto de Bunin, Vigotski retoma os conceitos formalistas de material e forma, mas os redimensiona em sua abordagem. Orienta-se por uma concepção dialética da estrutura da obra de arte, na qual uma nova qualidade é conferida à dinâmica das relações entre material e forma e ressalta o fato de o conto de Bunin possibilitar que o leitor "respire tranquilo," de modo semelhante ao da protagonista ao longo da narrativa (sobre o assassinato da estudante adolescente Olya Meshcherskaja). Isso acontece, segundo ele, por conta da articulação dos elementos estruturais do conto que dá um ritmo especial no desenvolvimento do argumento. Mas, Vigotski assinala, primordialmente o fato de o autor, num ritmo de fria serenidade, relatar um assassinato movido por uma intensa paixão, produzindo um efeito estético a partir do "choque" entre o material e a forma.

Encontramos também em Freud uma preocupação com o problema da arte⁶¹. Freud também investiga o poder da palavra que afeta. Seus estudos tematizam a vinculação da palavra com o afeto.

Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens. Assim, não depreciaremos o uso das palavras na psicoterapia, e nos agradará ouvir as palavras trocadas entre o analista e seu paciente. (Freud, 1986: 10)

⁶¹ Não abordaremos aqui o acirrado debate que Vigotski estabelece com Freud sobre a arte, o devaneio, a fantasia tecendo várias críticas ao modo como a psicanálise compreende e explica a criação artística, a obra de arte e a reação estética com base na energia sexual.

Embora no diálogo com Freud, Vigotski (1998) não apresente uma discussão elaborada sobre a questão da linguagem⁶², ao problematizar os limites da investigação psicológica, e indagar acerca do limite entre a palavra pronunciada e a não-pronunciada, afirma: “É na elaboração desses procedimentos que se assenta uma das mais importantes tarefas da metodologia psicológica. Um dos procedimentos elaborados é a psicanálise” (p. 76).

Vigotski ressalta a necessidade de introduzir nos experimentos o controle dos reflexos não-manifestos que se impõem, dos movimentos internos. Entre a palavra escutada, palavra pronunciada (excitante pode se transforma em reação, vice-versa) o autor aponta a importância dos reflexos reversíveis: reflexos e excitantes que podem, por sua vez, ser criados pelo homem.

São eles que criam a base do comportamento social, servem de coordenação coletiva do comportamento. “Dentro de toda a massa de excitantes há um grupo que, a meu ver, se destaca com clareza: a dos excitantes sociais, que provêm das pessoas. (...) No sentido amplo da palavra é na linguagem que se encontra precisamente a fonte do comportamento social e da consciência” (p. 81).

Tais considerações demonstram uma determinada proximidade no modo como os autores discutem a relação entre emoção e linguagem e o papel desta na transformação ou elaboração do afeto e das emoções – apesar das diferenças, sobretudo em relação à concepção de linguagem e, como já apontado, ao princípio explicativo assumido por Vigotski fundamentado no materialismo histórico e dialético.

Vigotski e Freud apontam o papel da palavra na constituição/transformação da emoção ou do afeto. A palavra incide sobre a dinâmica afetiva e a altera. Na medida em que são inconscientes as representações dissociadas de palavras, Freud coloca a ação do

⁶² A esse respeito ver CLOT (2003).

recalque como uma espécie de defeito de tradução – os signos associados originariamente à satisfação da pulsão, indicam uma recusa à inscrição no sistema mnemônico que os colocariam à disposição da consciência, são recalcados e “se atolam num simbolismo corporal”. Esse processo de separação da ideia e do afeto levaria este ao campo do inconsciente e ao risco de um desligamento no sistema inter-funcional da consciência.

Essa discussão de fato, nos remete às elaborações de Espinosa – e aqui indagamos acerca das influências do filósofo na obra do psicanalista. Na terceira definição, de afeto, como vimos, o filósofo afirma: “Por afeto entendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entrevada, assim como as ideias dessas afecções” (Ética III, Definição 3).

Como já pontuamos, Espinosa identifica os afetos às afecções corporais, isto é, às modificações pelas quais passa um corpo. Porém, embora sejam afecções do corpo (modo do atributo extensão), os afetos compreendem também as ideias dessas afecções (no atributo pensamento, do qual a mente é um modo), de maneira que a concepção de corpo está ligada à de ideia e mente. Mas, Freud parece deixar de lado essas especulações “metafísicas” e sua postura parece ser muito mais consistente com um monismo materialista. Mas, aqui é preciso uma ressalva. Segundo Vigotski, essa unidade (corpo e mente) não deve levar à identificação dos processos físicos e psíquicos numa filosofia idealista ou num materialismo mecanicista em que os processos psíquicos equivalem aos processos fisiológicos nervosos – tal como apontava já nos estudos da arte. Além disso, como vimos, Vigotski defende a relação entre as funções psicológicas superiores e o conceito específico de personalidade, de natureza mais complexa e integral – não encara o afeto encerrado na esfera da causalidade psíquica.

Vigotski (1930/1999a; 1933/2004b) traz em diversos momentos a contribuição de Espinosa em suas elaborações acerca das relações que se estabelecem entre as emoções e seu lugar no psiquismo e a tomada de consciência e o conhecimento, as relações entre razão e emoção.

A teoria fundamental de Spinoza (1911) é a seguinte. Ele era um determinista⁶³ e, distinguindo-se os estóicos, afirmava que o homem tem poder sobre os afetos, que a razão pode alterar a ordem e as conexões das emoções e fazer com que concordem com a ordem e as conexões dadas pela razão. Spinoza manifestava uma atitude genética correta. No processo de desenvolvimento ontogenético, as emoções humanas entram em conexão com as normas gerais relativas tanto à autoconsciência da personalidade quanto à consciência da realidade. Meu desprezo por outra pessoa entra em conexão com a valoração dessa pessoa, com a compreensão dela. E é nessa complicada síntese que transcorre a nossa vida. O desenvolvimento histórico dos afetos ou das emoções consiste fundamentalmente em que se alteram as conexões iniciais em que se produziram e surgem uma nova ordem e novas conexões.

Já dissemos que, como expressava corretamente Spinoza, o conhecimento de nosso afeto altera este, transformando-o de um estado passivo em outro ativo. O fato de eu pensar coisas que estão fora de mim não altera nada nelas, ao passo que o fato de pensar nos afetos, situando-os em outras relações com meu intelecto e outras instâncias, altera muito minha vida psíquica. (Vigotski, 1999a: 126-127).

E ainda:

Para a psicologia dialética a psique não é, como expressara Spinoza, algo que jaz além da natureza, um Estado dentro do outro, mas uma parte da própria natureza, ligada diretamente às funções da matéria altamente organizada de nosso cérebro. Assim como o resto da natureza, não foi criada, mas surgiu num processo de desenvolvimento. Suas formas embrionárias estão presentes desde o princípio: na própria célula viva mantêm-se as propriedades de mudar sob influência de ações externas e de reagir a elas (Vigotski, 1999a: 144).

Espinoza posiciona-se contra a separação corpo e mente, razão e emoção... Freud vai constatando isso empiricamente: toda representação traz um afeto. Vigotski se volta para isso porque Freud é um dos poucos pensadores que se dedicava à questão.

Com Espinoza, podemos pensar em aumento e diminuição da potência no processo de afecção, mas só um afeto mais forte e contrário pode transformar outro afeto numa tentativa de esclarecer que a profunda diferença entre os problemas psíquicos e fisiológicos

⁶³ O determinismo que aparece nessa citação nos traz a indagações na medida em que essa afirmação parece ser bastante contraditória. Trata-se de um problema de tradução? Ou do modo de dizer?

– que já se insinua na discussão sobre arte e se desenvolve em *Teoria das Emoções* – não pode ser superada pelo pensamento metafísico.

Vigotski coloca o acirrado debate acerca dos modos de compreender os processos do psiquismo humano em termos de processos fisiológicos, processos psíquicos ou de uma justaposição dos mesmos compreendidos como psicofisiológicos. Mas a mudança na nomenclatura não resolve o problema. Sua proposta seria pensar tais processos com base em uma psicologia dialética. Aqui se explicita a influência do materialismo histórico e dialético, que marca uma importante diferença nos princípios explicativos das perspectivas teóricas.

Para Vigotski, uma irredutibilidade de uns processos aos outros não constitui obstáculo para o pensamento dialético, que analisa os processos de desenvolvimento por um lado como processos contínuos e, por outro, como processos que são acompanhados por mudanças, pelo aparecimento de novas qualidades. Por meio da abstração, o processo psíquico se separa ou se subtrai do psicofisiológico, mas é apenas *no seio deste que adquire sentido e significado*, assinala Vigotski, frente a uma exigência metodológica nova de se considerar os processos em sua totalidade (objetiva e subjetiva) que poderia por fim aos reducionismos.

A problematização sobre a emoção e sua relação com a consciência a linguagem coloca-nos diante da emergência da significação revelando uma preocupação que está no âmago das elaborações e indagações de Vigotski em relação às funções psicológicas especificamente humanas: o problema do desenvolvimento, da transformação dos processos elementares em complexos.

Nas críticas que Vigotski vai tecendo ao modo como os autores reduzem às emoções à sensação, ao modo como as compreendem desvinculadas de outras funções psicológicas e isoladas da consciência e da vida psíquica, ao modo como relevam e explicam seu caráter de contágio e, dentre outras coisas, ao problematizar o impacto da obra de arte, vamos percebendo em sua reflexão a busca por um princípio explicativo diferenciado.

Assim, argumentamos que aqui, na discussão sobre as emoções, se encontram os primeiros indícios de sua reflexão sobre a mediação semiótica e o princípio de significação afirmando: “a arte como o social em nós”, a arte como “técnica do sentimento” – que vai se adensando com as elaborações acerca da linguagem e significação, sobretudo no diálogo com Marx.

A saída dialética proposta por Vigotski ao assumir o materialismo histórico se mostra como uma possibilidade de avançar na discussão sobre as emoções e seu processo de desenvolvimento. Contribuição que se faz, aos nossos olhos, essencial ainda nos dias de hoje. Assim, vamos adentrar a trama das discussões que traz em seu bojo algumas das diversas questões colocadas que continuam ainda sem solução.

(Re)colocando o problema na discussão contemporânea

“Recebi uma lição de um de meus filhos, antes dele fazer 14 anos. Haviam me telefonado avisando que uma moça que eu conheci ia tocar na televisão, transmitido pelo Ministério da Educação. Liguei a televisão mas em grande dúvida. Eu conhecera essa moça pessoalmente e ela era excessivamente suave, com voz de criança, e de um feminino-infantil. E eu me perguntava: terá ela força no piano? Eu a conhecera num momento muito importante: quando ela ia escolher a "camisola do dia" para o casamento. As perguntas que me fazia eram de uma franqueza ingênua que me surpreendia. Tocaria ela piano? Começou. E, Deus, ela possuía a força. Seu rosto era um outro, irreconhecível. Nos momentos de violência apertava violentamente os lábios. Nos instantes de doçura entreabria a boca, dando-se inteira. E suave, da testa escorria para o rosto o suor. De surpresa de descobrir uma alma insuspeita, fiquei com os olhos cheios de água, na verdade eu chorava. Percebi que meu filho, quase uma criança, notara, expliquei: estou emocionada, vou tomar um calmante. E ele: --Você não sabe diferenciar emoção de nervosismo? Você está tendo uma emoção. Entendi, aceitei, e disse-lhe: -- Não vou tomar nenhum calmante. E vivi o que era para ser vivido”.

("Lição de Filho", de Clarice Lispector - in *Jornal do Brasil*, 1968)

As questões deixadas em aberto por Vigotski remetem a problemas com os quais a ciência ainda hoje se debate e dizem respeito essencialmente à natureza, à função e ao desenvolvimento das emoções.

Diversos autores vêm se dedicando ao tema em diferentes campos. Numa abordagem biológica das emoções poderíamos citar, por exemplo, Humberto Maturana. Numa perspectiva antropológica das emoções poderíamos destacar Lutz e Le Breton. No campo da sociologia numa abordagem histórica das emoções temos Solomom, Elias, Reddy. No campo da neurologia Edelman, Hinde, Damásio. Na psicologia poderíamos ainda pontuar inúmeros autores nas mais diversas abordagens.

Delafosse (2004) apontando que em outras sub-disciplinas da psicologia, o estudo das emoções não é novo e atestando a impossibilidade de se voltar para as principais teorias correntes, a autora mantém apenas três pontos passíveis de situar o estado da questão: uma

definição consensual de emoção é descritiva – processo multidimensional associado às sensações e que implicam componentes, fisiológico, o cognitivo e o expressivo; falta de acordo sobre a classificação das emoções; e a relevância de ainda dividir emoções em emoções primárias comum à espécie, e as emoções secundárias, superiores e complexas, reiterando o que é chamado de erro de Descartes – como aponta Damásio.

Nesse último ponto, a autora refere-se a Vigotski e Damásio, aludindo a uma aproximação entre os autores. Em seguida destaca o interesse deste último em investigar a função das emoções e nas possibilidades que introduzem na regulação e na plasticidade das condutas humanas.

Damásio (2005), dedicando-se ao estudo das emoções e ao problema da consciência, em seu mais recente livro afirma que os sentimentos de dor ou prazer constituem os alicerces da mente humana e atesta:

As frases de Espinosa, simples e sem qualquer adorno, revelam como entreviu uma arquitetura para a regulação da vida semelhante àquela que William James, Claude Bernard e Sigmund Freud viriam a propor dois séculos mais tarde. Mas a modernidade de Espinosa não termina aí. Espinosa recusou-se a reconhecer uma finalidade nos planos da natureza e concebeu corpos e mentes como construídos a partir de componentes que se podiam combinar em diversos padrões e formar diferentes espécies. Assim, Espinosa é compatível com o pensamento evolucionário de Charles Darwin (p. 21-22)

Essa referência de Damásio reunindo Espinosa, James, Freud autores com os quais Vigotski dialogou profundamente torna-se para nós extremamente provocativa e acirra o debate mostrando, dentre outras coisas, a atualidade de seu pensamento.

Esse autor, apesar das inúmeras diferenças em relação ao modo como concebe e teoriza sobre as emoções (já apontadas em estudos anteriores) nos convoca à discussão por várias razões. Em primeiro lugar, por dedicar-se às questões também enfrentadas por Vigotski. Depois, porque o faz a partir de dados empíricos, sob rigor acadêmico, num

campo ao qual Vigotski também se detinha – das análises e estudos da patologia. Além disso, porque sua obra acaba repercutindo e impactando o campo educacional.

Mas, um fato decisivo é o de Damásio assumir a filosofia espinosana para fundamentar seus estudos e elaborações sobre as emoções humanas, como também fazia Vigotski há quase um século.

Contrapondo-se à teoria organicista de James e Langue, Vigotski defendia que as emoções não poderiam ser separadas da consciência, pois tal fato inviabilizaria a possibilidade de desenvolvimento das mesmas e incorreria numa espécie de “absurdo biológico” que atestava a falta de funcionalidade das mesmas. Para solucionar a questão, ele volta-se para Espinosa em busca de elementos para enriquecer e adensar soluções para a neuropsicologia de sua época, com vimos. Contudo, tal como foi assinalado em outros momentos, o estudo de Vigotski sobre as emoções com base na teoria dos afetos de Espinosa é deixado inacabado, suscitando dentre os estudiosos de sua obra indagações e polêmicas.

A leitura de Damásio e o movimento de compreensão e explicitação de sua posição nos ajuda a, por um lado, compreender algumas das polêmicas apontadas anteriormente, bem como as suas implicações e, por outro, a explicitar alguns elementos para adensar o debate.

Apesar das críticas que vimos tecendo em outros momentos (Magiolino, 2004), das limitações e das diferenças nos princípios e posições assumidas,

vamos nos deter em algumas questões que Damásio procura enfrentar que dizem respeito ao problema da função e da natureza dos afetos assumindo a contribuição de Espinosa.

Para começar, vamos enfocar o modo como Damásio compreende e procura incorporar as contribuições de Espinosa detendo-nos nas elaborações sobre a distinção entre emoção, sentimento e afeto retomando questões apontadas em seus estudos anteriores, mas procurando destacar a concepção presentes em seu livro mais recente (sobre Espinosa).

Em *O Erro de Descartes*, Damásio já atestava a relevância das emoções para a racionalidade encontrando seu substrato neural e sua função biológica: reguladora da sobrevivência e orientadora dos processos cognitivos à medida que estes estão relacionados com tal regulação biológica. Damásio (1996) coloca em pauta a interligação dos processos racionais e não racionais alinhados respectivamente com as estruturas corticais e subcorticais no cérebro humano, a partir de uma ampla discussão acerca dos processos de regulação biológica, defendendo que as emoções e os sentimentos, constituindo aspectos centrais da regulação biológica, “estabelecem uma ponte entre os processos racionais, entre a estruturas corticais e subcorticais” (p.157). Frente a essas considerações, Damásio elabora a “hipótese do marcador somático” para referir-se ao modo como os estados do corpo, ao marcarem uma imagem no cérebro, influenciam o processo de tomada de decisões. Emoções e os sentimentos são essenciais para a racionalidade, na medida em que funcionam como marcadores somáticos unindo os processos mentais aos de regulação biológica básica – se pensarmos em Vigotski e sua concepção de emoção como organizadores internos do comportamento temos uma possível aproximação no que se refere à função das emoções.

Damásio (1996) aventa, assim, a existência de uma “modulação na maquinaria básica das emoções”, ressaltando a importância de se estudar as emoções numa perspectiva

⁶⁴ Em nossos estudos anteriores, na dissertação de mestrado, havíamos tomado como objeto de investigação dois livros de Damásio que haviam sido publicados e estavam traduzidos para o português *O Erro de Descartes* e *O Mistério da Consciência*. Agora nos detemos também no seu livro mais recente *Em Busca de Espinosa*, procurando problematizar as implicações deste no estudo das emoções humanas.

denominada pelo autor como “história individual”: emoções da infância e as emoções dos adultos. As emoções primárias compreendem as chamadas emoções universais (felicidade, tristeza, cólera, medo e nojo) e se restringem a repostas do corpo, sendo basicamente, reações emocionais. As emoções secundárias ou sociais são, mais complexas, dão continuidade ao processo de reação (a simpatia, a compaixão, o embaraço, a vergonha, a culpa, o orgulho, o ciúme, a inveja, a gratidão, a admiração e o espanto, a indignação e o desprezo).

Para explicitar tal conceito Damásio (1996) nos apresenta um exemplo retirado da experiência de um adulto. Suas formulações se voltam para explicar o que sucede ao corpo (vísceras), a partir das deliberações do cérebro (não da “mente”) relacionados ao equilíbrio funcional, que é dinâmico, e contempla uma seqüência contínua de alterações desses padrões (homeostase), assinalando que o processo compreende também uma avaliação cognitiva do conteúdo dos acontecimentos, considerações deliberadas e conscientes que encontram expressão como imagens mentais (verbais ou não) organizadas num processo de pensamento e representações dispositivas adquiridas (sob a base das inatas).

Numerosas reações regulatórias, bem como componentes das emoções primárias, são partes integrantes, em diversas combinações, das emoções sociais. O encaixamento de componentes mais simples é observável, por exemplo, quando o desprezo utiliza as expressões faciais do nojo, uma emoção primária que evolui em associação com a rejeição automática e benéfica de alimentos potencialmente tóxicos. As emoções primárias têm um mecanismo de funcionamento que compreende os setores menos evoluídos do cérebro – tal como a amígdala. E o mecanismo das emoções secundárias compreenderia além destes, o córtex e o neocórtex. Estas últimas se desenvolvem com base no mecanismo das primeiras – o que nos leva a indagar sobre a possibilidade de visualizar o mecanismo de funcionamento das funções psicológicas de Vigotski que também compreende em dois níveis: os elementares e os superiores que só se desenvolvem na interação com os primeiros.

Mas, ao contrário de muitos autores que se dedicam ao tema – e ao contrário do que percebemos em Vigotski – Damásio (1996; 2001;2005) concebe emoção e sentimento como categorias distintas, pois considera que apesar de alguns sentimentos estarem relacionados às emoções, sendo provenientes destas, muitos não estão – existem sentimentos de emoções universais básicas; sentimentos de emoções universais sutis; sentimentos de fundo; sentimentos de fome. Os sentimentos seriam estariam no topo do processo de desenvolvimento filogenético.

O processo de sentir um sentimento depende, essencialmente, da recepção de um conjunto amplo de sinais sobre o estado do corpo nas zonas cerebrais apropriadas (somatosensitivas) e, como sugere ainda o autor ao discutir as imagens mentais, de uma correlação entre a representação do corpo que está em curso e as representações neurais que constituem o eu (estado neurobiológico perpetuamente recriado – *self*). Essas e outras constatações o levam à problematização da consciência humana, fornecendo importantes indícios para a compreensão do funcionamento mental, da psique e das emoções – conceito de *self* e *proto-self* à discussão.

Para o neurologista, os sentimentos de dor e os sentimentos de prazer constituem alicerces da mente humana⁶⁵. Mas, apesar de sua importância vital, há, na ciência, uma profunda dificuldade em seu estudo.

Atendendo pacientes com lesões neurológicas, Damásio vai constatando uma incapacidade de sentir determinadas emoções e não outras, o que o leva a pensar que certas espécies de sentimentos podem ser bloqueadas pela lesão de um determinado setor cerebral, de maneira que sistemas cerebrais diferentes controlam diferentes sentimentos. Assim, perder a capacidade de exprimir uma certa emoção implicava na perda da capacidade também de senti-la. Mas, por outro lado, certos pacientes incapazes de certos sentimentos eram capazes de exprimir a emoção correspondente: exibir uma expressão de medo, mas não sentir medo.

⁶⁵ Isto nos remete a Freud que, também a partir da experiência clínica, traz uma concepção de afeto como, “um processo de descarga acompanhado de sensações de prazer e desprazer”.

O neurologista conclui, então, que a emoção e o sentimento são irmãos gêmeos, mas a emoção vem primeiro, e o sentimento a acompanha como uma sombra⁶⁶.

A técnica de neuroimagem – que consiste na criação de imagens da anatomia e atividade do cérebro humano – é utilizada para mapear a geografia do cérebro que sente e tem como meta elucidar a cadeia de mecanismos que permitem aos nossos pensamentos desencadear estados emocionais e construir sentimentos.

Elucidar a neurobiologia dos sentimentos e das emoções que os percebem altera nossa visão do problema mente-corpo, um problema cujo debate é central para a nossa compreensão daquilo que somos. A emoção e as várias reações com ela relacionadas estão alinhadas com o corpo, enquanto os sentimentos estão alinhados com a mente. A investigação da forma como pensamentos desencadeiam as emoções e de como as modificações do corpo durante as emoções se transformam nos fenômenos a que chamamos sentimentos abre um panorama novo sobre o corpo e sobre a mente, duas manifestações aparentemente separadas de um organismo integrado e singular (Damásio, 2004: 15-16).

Mas, além disso, há uma contribuição importante no modo como o autor encontra respostas nas elaborações de Espinosa em sua *Ética* para suas formulações sobre o *self* – senso ou sentido de si, consciência de si.

Damásio procura trabalhar a partir da noção de Espinosa considerada mais importante: de que corpo e mente são atributos paralelos de uma mesma substância.

Ainda mais fascinante, contudo, era a sua noção de que a mente humana é a ideia do corpo humano. Articuladas dessa forma, essas palavras levantavam a possibilidade de que Espinosa talvez tivesse entrevisto princípios que se escondem por trás de mecanismos naturais responsáveis pelas manifestações paralelas do corpo e do espírito. Como indicarei logo adiante, estou convencido de que os processos mentais se alicerçam nos mapeamentos do corpo que o cérebro constrói,

⁶⁶ Aqui outro ponto se abre à discussão se retomarmos a análise de Vigotski dos experimentos de Cannon e Sherrington.

as coleções de padrões neurais que retratam as respostas aos estímulos que causam emoções e sentimentos. (Id. IBID.p. 21)

Também visando tal superação Damásio (2004) coloca a relevância de Espinosa para a discussão:

Espinosa considerava as pulsões (drives) e motivações, emoções e sentimentos – o conjunto que Espinosa designava como afetos – um aspecto central da humanidade. A alegria e a tristeza foram dois conceitos fundamentais na sua tentativa de compreender os seres humanos e sugerir maneiras de a vida ser bem mais vivida. (Id. IBID. p.16-17).

Espinosa, segundo Damásio, vislumbrava soluções que só agora a ciência consegue oferecer em relação a dois pontos:

Por exemplo, quando Espinosa dizia que o amor nada mais é que um estado agradável, a alegria, acompanhada pela ideia de uma causa exterior, Espinosa estava **separando com grande clareza o processo do sentir do processo de ter uma ideia** sobre um objeto que pode causar uma emoção. (...) Alegria ou tristeza, bem como a ideia dos objetos que causavam uma ou outra, iriam juntar-se na mente, por fim, mas começavam distintos. Espinosa mostra um fato que a ciência moderna está revelando: **os organismos vivos são dotados de capacidade de reagir emocionalmente**. (Id. IBID. p. 20 – grifos nossos)

Para Damásio, Espinosa demonstra que os organismos vivos são dotados de capacidade de reagir emocionalmente. Emoções e sentimentos fazem parte da sua natureza orgânica dos seres humanos e caracterizam um processo complexo: o afeto⁶⁷. E, como vimos, para o neurologista Espinosa permite pensar a separação entre o processo de sentir

⁶⁷ Na versão original do livro de Damásio, em inglês, a palavra é "affects": "Spinoza saw drives, motivations, emotions, and feelings - an ensemble Spinoza called affects - as a central aspect of humanity" (p. 8).

do processo de ter uma ideia, mas esses processos que começam separados unem-se na mente, no afeto.

Nesse processo, Damásio coloca a possibilidade de superar o problema da dicotomia razão e emoção e do dualismo corpo e mente.

Ao assumir essa contribuição, há um movimento de conceber a emoção em uma relação com a consciência de forma monista (corpo e mente) o que leva a pensar na função dos afetos não só no nível “corporal”, visceral, mas mental – nas relações entre o cortical e o subcortical. Isto nos leva a pensar também na natureza e no desenvolvimento de um processo integral – questão central também para Vigotski. Para Damásio, não são as emoções, especificamente, mas estas e o sentimento que ocupam o topo da cadeia evolutiva, ou melhor dizendo, o afeto que evolui e têm uma função diferenciada.

Como já apontamos anteriormente encontramos dois termos em Espinosa *affectus* e *affectio* que são tidos como equivalentes por alguns estudiosos mas, apontam coisas diferentes⁶⁸ - *affectus*: estado em que se encontra o corpo em relação à potência de ação – alegria, tristeza; *affectio* o movimento dinâmico propriamente dito, em termos de atividade e passividade e a causa (adequada ou inadequada).

Para Damásio, esse conjunto parece apontar para uma compreensão de uma função complexa, na qual corpo e mente interagem a todo momento, que só é possível de ser compreendido nessa interação – mudança, alteração, (trans)formação de estados afetivos e sua expressão.

A concepção de Espinosa da substância única (mente-corpo) serve de base para a superação do dualismo cartesiano da substância, mas o verdadeiro avanço, diz Damásio, refere ao modo como o filósofo entendia a mente como a ideia do corpo:

⁶⁸ Ver nota 12, p. 44.

Essa formação de ideias ocorre, na formulação espinosiana, do lado mental da substância, mas em realidade, na perspectiva moderna que estamos apresentando, o processo também pode ser descrito dentro do setor cerebral do organismo, ou seja, dentro do setor cerebral do corpo. [...] A noção de “ideias de ideias” é importante por diversas razões. Por exemplo, formar ideias de ideias abre caminho para a representação e a criação de símbolos. De forma não menos importante abre um caminho para a criação da ideia de um *self*. Em *O mistério da consciência*, sugeri que a espécie mais básica do *self* é uma ideia de segunda ordem. Por que de “segunda ordem”? Por que essa ideia tem como base duas ideias de “primeira ordem”. Uma dessas ideias de primeira ordem é a do objeto cuja percepção estamos construindo; a outra ideia de primeira ordem é a do nosso corpo à medida que é modificada pela percepção do objeto. A ideia de segunda ordem é a ideia da relação entre essas duas ideias – objeto que se tem percepção e corpo modificado pela percepção”. (Damásio, 2004: 227-228 – grifos do autor)

Apesar de admitir não se saber ainda como os mapas neurais se transformam em imagens mentais, Damásio defende que a possibilidade de criar e evocar imagens é essencial na mente humana – tanto aquelas que denomina imagens da carne (mapas dos estados corporais) como imagens das sondas sensitivas especializadas (mapas neurais das regiões somatossensitivas: SI e SII, córtex do cíngulo, ínsula, tronco cerebral). Isto, graças também, ainda segundo o neurologista, a nossa imaginação criadora, é o que permite ao homem simbolizar.

Essa formulação fundamentada em Espinosa é, para Damásio, a base da compreensão e análise da consciência humana. A formação de imagens, a formação de ideias de ideias que incluem uma representação do que acontece no corpo abrem caminho à representação e à simbolização... Aqui reencontramos Freud?

Damásio, em seus estudos e análises, utiliza-se de dados empíricos de pacientes que possuem alguma doença ou que sofreram alguma lesão cerebral. E o faz assumindo as contribuições de Espinosa, buscando compreender e demonstrar a função das emoções e sentimentos, o lugar do afeto e relacionando-os à consciência... Por outro lado, ao assumir a contribuição de James (a quem Vigotski criticava pelo cartesianismo) em termos da explicação do mecanismo emocional como reação quais seriam as implicações?

Damásio (2004) relata o caso de uma paciente que sofria de mal de Parkinson – uma senhora de sessenta e cinco anos que, segundo o neurologista, não sofria de depressão e não tinha nenhum caso de problemas psiquiátricos na família. Após inúmeras tentativas para aliviar os sintomas com um tratamento à base de medicação que não fazia mais efeito, os médicos resolvem recorrer à colocação de eletrodos. A implantação de pequenos eletrodos no tronco cerebral permite a passagem de uma corrente elétrica de baixa intensidade e alta frequência que modifica o funcionamento dos núcleos motores suspendendo os sintomas e possibilitando que os pacientes voltem a mexer as mãos, a andar...⁶⁹

A paciente permanece consciente enquanto os médicos vão, através dos eletrodos, estimulando determinadas regiões do cérebro. Quando se atinge uma determinada região eis o que relata Damásio:

De repente, a doente suspendeu a conversa que estava tendo, olhou para o lado direito e para o chão, inclinou-se ligeiramente para a direita e transformou radicalmente a sua expressão facial numa máscara de tristeza. Alguns segundos mais tarde começou a chorar. As lágrimas corriam e o seu comportamento revelava um pesar profundo. Pouco depois, começou a soluçar e, um pouco mais tarde ainda, recomeçou a falar, dessa vez para confessar a grande tristeza que a estava invadindo, a exaustão que estava sentindo e o desespero que não lhe permitia continuar vivendo dessa maneira. Quando lhe perguntaram o que estava acontecendo, as suas palavras não podiam ser mais claras:

Estou caindo dentro da minha própria cabeça, já não quero mais viver, nem ver nada, nem ouvir nada, nem sentir nada...

Estou farta da vida, já chega... já não quero viver mais, tenho nojo da vida...

É tudo inútil... não presto para nada...

Tenho medo deste mundo...

Quero esconder-me num canto... claro que estou chorando por mim mesma... Perdi a esperança, porque é que os estou aborrecendo com tudo isto?
(Damásio, 2004: 75-76 – grifos do autor)

⁶⁹ A colocação exata é chave do sucesso deste procedimento, o que requer o uso de um dispositivo esterotáxico, um aparelho que permite a localização das estruturas cerebrais em espaços tridimensionais.

Damásio aponta que o médico, ao perceber que esse episódio estava sendo causado pela corrente elétrica suspende a estimulação e cerca de noventa segundos depois a paciente volta ao normal, afirmando que se sentira mal, mas não sabia por quê.

Indagamos... o que o neurocientista leva em conta em seu relato e em sua análise? Como ele explica o processo em que as emoções emergem na mente? O processo que, como vimos, Espinosa denominava afeto?

Vamos às palavras do autor:

[...] a corrente [elétrica] tinha sido dirigida para um ou mais núcleos do tronco cerebral que controlam as ações que, no seu conjunto, produzem a emoção a que chamamos tristeza. Esse repertório de ações inclui movimentos de boca, faringe, laringe e diafragma, necessários para chorar e soluçar e diversas ações que resultam na produção e eliminação de lágrimas. Tudo se tinha passado como se um interruptor tivesse sido ligado dentro do cérebro em resposta ao interruptor que tinha sido ligado no aparelho. Tudo tinha se passado como num concerto instrumental, cada compasso executado na altura própria, de tal modo que o repertório de ações parecia manifestar a presença de pensamentos capazes de causar tristeza. Mas, como sabemos, nada indica que a paciente tenha tido qualquer pensamento capaz de produzir tristeza nos instantes que precedem o episódio. Pelo contrário, a conversa que estava tendo antes do episódio tinha sido bem-humorada. Também sabemos que a paciente não tinha nenhuma tendência depressiva. Os pensamentos relacionados com a tristeza só aparecem *depois* de a emoção começar. (Damásio, 2004: 76-77 – grifo do autor)

É interessante que a seguir o neurologista fala de Shakespeare, mais especificamente Hamlet, comentando sobre a capacidade que os atores demonstram quando produzem uma emoção sem com ela terem qualquer espécie de causa pessoal, para explicitar alguns pontos.

Não é então monstruoso que esse ator, numa ficção, num sonho de paixão, seja capaz de forçar a sua alma a obedecer um certo conceito, e daí que a sua fisionomia se desvaneça, que apareçam lágrimas nos seus olhos, que a voz fique entrecortada e

que seu corpo inteiro se acomode às formas desse conceito?” O ator não tem nenhuma causa pessoal para a sua emoção – o ator está falando do destino de um personagem chamado Hécuba e, tal como diz Hamlet, “o que é que Hécuba tem a ver com ele ou ele com Hécuba?”. E apesar disso, o ator constrói na sua mente os pensamentos que lhe permitem desencadear a emoção e que o seu talento consequentemente refina. Mas nada de semelhante passou com a mulher com mal de Parkinson. **Não houve nenhum “conceito” antes da sua emoção.** Não houve **nenhuma espécie de pensamento** capaz de induzir o comportamento, **nenhum ideia** perturbadora que tivesse surgido no seu cérebro espontaneamente, nem ninguém lhe pediu que conjurasse qualquer ideia perturbadora. A **exibição** de tristeza, com toda a sua complexidade, apareceu do nada. E foi **apenas depois de a exibição de tristeza se organizar e estar em curso que ela começou a ter o sentimento de tristeza.** Só depois de indicar que se sentia triste é que começou também a ter pensamentos consoantes com a tristeza – preocupação com a sua doença, fadiga, desespero, desejo de morrer. (Damásio, 2004: 77 – grifos nossos)

O neurocientista adverte ainda que é o mecanismo fascinante da memória que permite a evocação de pensamentos ligados a tristeza, dado que a emoção e o sentimento não tiveram sua motivação habitual. Isto ocorre graças à nossa experiência passada e à aprendizagem que associa emoções e pensamentos. De fato, Damásio ajuda a enxergar o processo dinâmico de transição afetiva que também encontramos em Freud – e tal como vimos apontando é fruto, em parte, da pretensa fundamentação filosófica presente em ambos: Espinosa. Mas... ao analisar o que acontece à paciente Damásio afirma que “não havia conceito ou pensamento antes da emoção”, tampouco uma “ideia perturbadora surgira em seu cérebro espontaneamente de modo que a **exibição** de tristeza, com toda a sua complexidade, aparece do nada e, só depois desta exibição de tristeza se organizar e estar em curso que ela começou a ter o *sentimento* de tristeza”.

Esse modo de compreensão e análise do afeto explicita-se aqui, numa separação sentimento/emoção – estado corporal/estado mental. Isto nos leva a indagar se não reencontramos então a separação corpo-mente que reflete não o paralelismo espinosano, mas o dualismo cartesiano apesar de se dizer que se trata de uma substância *una*?

Como vimos argumentando, a noção de passagem (no original *transitio*) de um estado afetivo a outro marca o conceito de afecção espinosano, como uma modificação no corpo e **também** na mente – e é isto o que Vigotski parece sugerir que servirá para

fundamentar a teoria histórico-psicológica das emoções, como um processo complexo de (trans)formação que se constitui numa relação inter-funcional, une ideia e afeto na mente, na consciência humana, e que visa superar a dicotomia e o dualismo existente.

Mas, enquanto Damásio se detém nesta separação o que Vigotski levaria em conta?

Num exercício do olhar investigativo, retomemos alguns pontos colocados por Vigotski ao longo de sua obra.

Vigotski tece algumas críticas a James e à teoria organicista e sua explicação estritamente biológica, estritamente orgânica das emoções. Vigotski pondera que, uma expressão corporal nem sempre pode gerar um sentimento: “Não basta haver lágrimas nos olhos para que logo venha a tristeza, porque a tristeza não consiste em simples lágrimas mas em toda uma série de sintomas internos e externos que em dado momento estão ausentes.” (2004a,p. 130). Isto, claro, apesar de um sentimento pode ser provocado por substâncias ingeridas pelo organismo, pois “ao introduzir essas substâncias, agimos sobre o próprio nervo das reações emocionais” (2004a,p. 131).

Essa crítica é retomada, como vimos, quando Vigotski (1932/2003; 1933/2004b) aponta o papel traiçoeiro dos laboratórios de fisiologia e destaca os experimentos de Cannon e Sherrington que, contradizem a teoria James-Lange cuja base dos problemas teóricos era que, a partir do aspecto biológico a emoção é o reflexo dos estados fisiológicos na consciência; estados específicos para distintas emoções. Conclusões gerais destes estudos apontavam, segundo Vigotski, para a dificuldade de compreender para que servem biologicamente essas profundas mudanças corporais denominadas emoções.

Isso parece não acontecer com Damásio, na medida em que ele aponta a dupla função das emoções: reguladora da sobrevivência e orientadora dos processos cognitivos à medida que estes estão relacionados com tal regulação biológica.

Damásio parece realizar algo que Vigotski apontava com relação aos estudos de Cannon: desloca o núcleo da vida emocional da periferia para o centro – substrato material das emoções é um mecanismo cerebral, cortical – e aponta a estreitíssima relação e

dependência entre o desenvolvimento das emoções e o de outros aspectos da vida psíquica do homem – como a consciência (apesar da diferença na concepção dos dois autores).

Mas, para além disso, desse mecanismo de funcionamento, Vigotski procura ressaltar que as emoções devem ser compreendidas em relação ao modo como influenciam e modificam o comportamento humano num determinado **contexto**. Desse modo, para compreendermos como as emoções podem influenciar, alterar e transformar o comportamento humano é preciso levar em consideração o de interação entre o **indivíduo e o meio**⁷⁰. As emoções são compreendidas como um organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações (como em Freud, como em Damásio), mas estão relacionadas com o contexto.

Buscando compreender a natureza desse processo de sentir e se emocionar, Damásio ressaltava a hipótese de Willian James acerca das emoções, enfatizando que, apesar de esse autor ter postulado “a existência de um mecanismo básico em que determinados estímulos no meio ambiente excitam, por meio de um mecanismo inflexível e congênito, um padrão específico de reação do corpo”, pouco ou nada tem a dizer sobre as possíveis funções da emoção na cognição e no comportamento.

É, portanto, numa busca pela compreensão e explicação destas funções que o autor se detém, procurando formular um conceito de emoção. Apesar de concordar com James em muitos pontos, Damásio adverte que há muitas circunstâncias em nossas vidas em que, como seres sociais, as emoções só são desencadeadas após um processo de avaliação mental que não é automático, mas voluntário. Em decorrência da natureza da experiência humana, um amplo espectro de estímulos e situações se associam aos estímulos inatamente selecionados para causar emoções. Assim sendo, as reações a esse amplo espectro de estímulos e situações podem ser filtradas por um processo de avaliação ponderada.

Mas o que faz a diferença?

⁷⁰ Vigotski (2001) assinala três modos: aquele em que o indivíduo domina ou exerce influência sobre o meio (força maior é do indivíduo); aquele em que o meio domina ou exerce maior influência no indivíduo (força maior é do meio; e, finalmente, aquele em que há equilíbrio entre ambos (forças iguais).

Alguns aspectos relacionados ao modo como os autores compreendem essa transformação ao longo da filogênese e da ontogênese e o estatuto da história e da linguagem – questões anunciadas por Vigotski no que diz respeito à emoção – ajudam-nos a responder a questão.

Não podemos dizer que a história da paciente não é levada em conta pelo neurocientista. Damásio começa dizendo que ela não tinha um quadro de depressão, que também não existia em sua família. Mas isso não é incorporado ao princípio explicativo.

Isto fica claro quando, ao indagar-se acerca da origem deste mecanismo, Damásio coloca a questão da cultura e sua influência:

Só agora começamos a perceber como o cérebro desencadeia e executa as emoções sociais. Dado que a palavra “social” recorda inevitavelmente as noções de sociedade e cultura, é importante notar que as emoções sociais não se confinam, de forma nenhuma, aos seres humanos. [...] Dado que é improvável que algum desses animais tenha sido ensinado a exibir essas emoções, tudo indica que a disposição que permite uma emoção social está profundamente gravada no cérebro desses organismos, pronta para ser utilizada quando chega o momento apropriado. Não há dúvida que o arranjo social que permite tais comportamentos sofisticados, na ausência de linguagem e instrumentos de cultura, é um notável dom do genoma de certas espécies. É um dom que faz parte da lista dos dispositivos inatos da regulação automática da vida, na linha dos vários dispositivos que descrevemos acima. (Damásio, 2004: 54-55)

Questionando se esse caráter inato é admitido para todas as emoções, Damásio afirma: “Em certos casos, as emoções são de fato inteiramente inatas. Noutros casos, requerem um grau mínimo de exposição apropriada ao ambiente” (p. 55).

Então, o autor comenta o trabalho de Robert Hinde sobre o “medo inato” que supostamente os macacos têm de cobras e que só aparece depois de ter visto em sua mãe a expressão de medo. É a exposição que permite que o medo seja ativado.

É muito provável que a existência de emoções sociais tenha tido um papel no desenvolvimento dos mecanismos culturais da regulação social. É também verdade que algumas das emoções sociais humanas são provocadas sem que o estímulo seja imediatamente aparente nem para observadores nem para quem exhibe a emoção. As reações de dominância ou submissão social são um exemplo notável que encontramos a cada passo no mundo do esporte, da política e nos locais de trabalho em geral. Uma das razões porque algumas pessoas se tornam líderes e outras seguidoras, porque algumas impõem respeito e outras se acovardam, tem muitas vezes pouco a ver com conhecimentos ou aptidões dessas pessoas, mas muitíssimo a ver com qualidades físicas que promovem certas respostas emocionais nos outros. Para quem observa tais respostas e, por vezes, para quem exhibe, essas emoções aparecem sem qualquer motivo aparente porque a sua origem reside nos mecanismos automáticos da emoção social. Devemos agradecer a Darwin, uma vez mais, por ter nos orientado para a história evolucionária desse processo. (Damásio, 2004: 56)

Assumindo a interação mente-corpo, baseando-se em Espinosa, Damásio afirma que é razoável conceber a mente como um fenômeno que emerge das diversas regiões cerebrais, com base na acumulação de pormenores que dizem respeito aos estados do corpo. Para Damásio, Espinosa demonstra que: os organismos vivos são dotados de capacidade de reagir emocionalmente; emoções e sentimentos fazem parte da sua natureza orgânica dos seres humanos e caracterizam um processo complexo: o afeto, como vimos.

Vigotski fala de significação, uso e criação de símbolos e instrumentos, natureza histórica e cultural das funções psicológicas especificamente humanas. Notamos uma diferença em relação aos termos utilizados, mas para além disso, uma diferença em relação ao princípio teórico-metodológico e ao princípio explicativo (tal como apontamos em estudos anteriores).

Damásio explica o processo emocional como um **mecanismo** que se desenvolve e se complexifica (inclusive em termos neurais) até chegar no nível dos sentimentos durante a evolução.

Sem prescindir de uma perspectiva evolucionista, mas diferentemente de Damásio, Vigotski defende que as emoções, como **processos** complexos, desenvolvem-se na e pela história humana, são impregnadas de valor no processo de tomada de consciência na

relação com o outro, na e pela linguagem e o processo de significação, como vimos defendendo.

Já dissemos que, como expressava corretamente Spinoza, o conhecimento de nosso afeto altera este, transformando-o de um estado passivo em outro ativo. O fato de eu pensar coisas que estão fora de mim não altera nada nelas, ao passo que o fato de pensar nos afetos, situando-os em outras relações com meu intelecto e outras instâncias, altera muito minha vida psíquica. Em termos simples, nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de que nele reste sem dúvida um certo radical biológico, em virtude qual surge essa emoção. Por conseguinte, as emoções complexas aparecem somente historicamente e são a combinação de relações que surgem em **consequência da vida histórica**, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções (Vigotski, 199: 127).

É exatamente aqui que as diferenças não só em relação a Damásio, mas a Freud, Espinosa, Darwin e mesmo Marx, se tornam mais explícitas.

Em Espinosa afecção, em Freud pulsão, em Damásio afeto, em Vigotski emoção...? Esse processo de desenvolvimento das emoções é acompanhado do desenvolvimento da nomenclatura...? Isto é, desenvolver o conceito, a palavra quer dizer desenvolver a função?

As emoções como funções psicológicas... As emoções como funções psicológicas superiores?

Nessa discussão reencontramos a questão polêmica inicialmente apontada pelos estudiosos de Vigotski que se refere ao problema do desenvolvimento das emoções e ao modo de compreendê-las. À medida que se desenvolvem, têm uma função, assumem um

estatuto psicológico no psiquismo, relacionam-se com as demais funções psicológicas, as emoções tornam-se funções psicológicas superiores? Ou simplesmente fazem parte do sistema inter-funcional complexo, dinâmico?

Este é um ponto importante no trabalho de Vigotski, pois ao atestar que é a emoção que organiza o comportamento humano contrapõe-se à primazia da lógica racional no comportamento humano. Para aprofundá-lo retomamos a discussão de autores contemporâneos que se dedicam ao tema.

Delafosse (2004) assinala um grupo de autores que, mesmo não sendo homogêneo, procura estudar o papel funcional das emoções na cognição humana e suas possíveis relações com os trabalhos de Vigotski e seus seguidores – dentre estes, estaria Damásio. Para a autora, no estado atual da discussão sobre as emoções uma questão diz respeito à relevância de “ainda dividir emoções em emoções primárias comuns à espécie, e as emoções secundárias, superiores e complexas, reiterando o que é chamado de erro Descartes (Vigotski, 1933, Damásio, 1995)” (p. 3).

De fato, Damásio, em diversos momentos refere-se às emoções mais refinadas como emoções complexas utilizando-se de vários exemplos presentes na obra de Shakespeare – tal como Vigotski.

A noção de “emoções humanas complexas” de Vigotski equivale às “emoções secundárias” de Damásio? Estariam os autores se referindo ao mesmo processo como apontam alguns?

Oliveira e Rego (2003) destacam a crítica de Vigotski à doutrina cartesiana das paixões e, a influência de Espinosa em seu pensamento. Segundo as autoras, Vigotski defendia uma visão monista do ser humano, que integrasse corpo e alma, emoção e razão. Nesse sentido, Vigotski adotaria, para elas, uma perspectiva desenvolvimentista e genética para explicar a vida emocional: “a qualidade das emoções sofre mudanças à medida que o conhecimento conceitual e os processos cognitivos na criança se desenvolvem” (Oliveira e Rego, 2003:20).

Assumindo a contribuição de Van der Veer & Valsiner, as autoras afirmam que Vigotski faz distinção entre as emoções primitivas, originais, de raiz instintiva (medo, raiva, etc.) e emoções superiores complexas (melancolia, despeito). Mas o que o autor coloca em perspectiva é o fato de que as emoções poderiam *desenvolver-se*.

As autoras apontam uma perspectiva importante sobre o pensamento de Vigotski: a possibilidade de desenvolvimento das emoções. Mas, retomemos o que o autor diz sobre a natureza dos afetos superiores e inferiores:

No existen sentimientos que por derecho de nacimiento pertenezcan a la categoría superior, mientras que los otros estarían vinculados, por naturaleza, a la categoría inferior. La única diferencia radica en su riqueza e complejidad, y todas nuestras emociones son capaces de ir adquiriendo todos los grados de evolución de los sentimientos. Cada emoción sólo puede calificarse desde el punto de vista de su grado de evolución, razón porque la única teoría de las emociones que puede calificarse de satisfactoria es la que puede aplicarse a todos los grados de desarrollo del sentimiento. (Vigotski, 2004b: 213)

Sawaia (2000) discute a grande diversidade no uso dos conceitos de emoção, sentimento e afetividade, afirmando que uns os consideram como sinônimos, outros distinguem emoção de sentimento, ligando a primeira ao orgânico e ao instinto, e a segunda, ao racional e ao simbólico, e se coloca uma possível posição de Vigotski ao assumir a contribuição de Espinosa:

Caso Vygotsky aceitasse tal diferença, só poderia falar de emoção como “função psicológica inferior”, sem a mediação de significado, o que na sua teoria é incorreto. Na sua concepção, as emoções também são funções mediadas, são sentimento humanos superiores, pois, até o próprio organismo reage a significados de forma que as sinapses cerebrais são mediadas socialmente. (p. 14)

A autora sugere uma distinção em termos de temporalidade, inspirada na distinção que, segundo ela, Espinosa faz entre estados instantâneos e essência e que a essência não pode ser medida pelos esses estados instantâneos⁷¹:

Espinosa distingue *afección* de *afecto*, em termos de duração. Toda *afección* é instantânea, é o efeito imediato de uma imagem de coisa sobre mim, o momento presente da percepção e envolve um passo ou uma transição vivida do estado precedente ao atual. Este passo consiste sempre no aumento ou diminuição da potência dos corpos, mesmo que infinitesimal. Nesse sentido, a *afección* é sempre boa ou ruim. **Esta transição é o afecto.** Portanto, o *afecto* é algo que a *afección* envolve, é a transição vivida do estado precedente ao atual e do atual ao seguinte. O *afecto* aparece sob a forma de duração que varia em tempo e intensidade. Inspirados nestas reflexões espinosanas, podemos usar o conceito de duração para distinguir dois tipos de *afectos*, como faz Heller (1979), *emoção* de *sentimento*. **A emoção é o afecto que irrompe na relação imediata e é momentânea, breve, centrada em objetos ou imagens que interrompem o fluxo normal da conduta de alguém, provocando modificações corpóreas e comportamentais, facilmente constatáveis.** O que não significa que seu conteúdo seja elaborado na situação. **Ele tem história, depende da minha memória e dos outros das minhas relações.** Nas *emoções* do instante, aglutinam-se instantaneamente as frustrações e os desgostos acumulados que a vida nos reservou, que julgamos que ela ainda nos reservará. [...] **Sentimento é a emoção sem prazo, com longa duração, que não se refere a coisas (objetos ou ideias) específicas.** É o tom emocional que caracteriza a forma como me coloco no mundo. (p. 15 – grifos nossos)

Na discussão sobre o desenvolvimento e a conceitualização das emoções, vimos emergir a questão das funções psicológicas superiores.

Pino (2000), discutindo o estatuto do social e do cultural na obra de Vigotski, problematiza a questão das relações sociais e funções superiores argumentando que o fato de Vigotski retomar, num texto posterior ao "Manuscrito", a questão da natureza social das funções psicológicas, ele aponta que o homem retém as funções da socialização, na sua esfera privada, pode abrir um caminho na floresta conceitual.

⁷¹ Aqui podemos pensar em Deleuze e sua elaboração sobre o atual e o virtual.

O autor assinala a dificuldade de lidar com o termo função, do qual Vigotski faz um uso constante em seus trabalhos⁷². Para o autor, é importante ressaltar que, Vigotski, ao conceber o psiquismo como um conjunto de funções e estas como sendo de natureza cultural e não estritamente biológica, se distancia tanto das teorias funcionalistas e estruturalistas quanto das concepções biologizantes e mecanicistas.

Assim, apesar deste caráter vago do termo "função", trazer certas dificuldades conceituais, para Pino (2000), este ajuda “a conceber o psiquismo como algo dinâmico, que está sempre se (re)fazendo e em perpétuo movimento”, “algo que nos faz pensar na criação ininterrupta do velho no novo, do significado dado na flutuação do sentido”, e ainda: “permite ver as "funções mentais" de que fala Vigotski como um acontecer permanente” (p70.), sem com isso, deixarem se ser funções permanentes de uma pessoa. O autor enfatiza que, estando sujeitas às leis históricas das condições da sua produção, as funções são portanto função dessas condições de produção, as quais não permanecem sempre necessariamente as mesmas.

Na sua opacidade e ambigüidade, o termo função permite **romper com uma visão tradicional e nada esclarecedora de psiquismo, concebido como um conjunto de realidades ontológicas, estáticas e a-históricas**, as "faculdades da alma" dos antigos (a inteligência, a **afetividade**, a memória etc.), assimiladas às funções biológicas ligadas a determinados órgãos do corpo. O termo função, ao contrário, permite articular o que é conquista da espécie, que constitui as suas características e, por conseguinte, é algo acrescido à evolução biológica, com o que deve ser conquista de cada indivíduo singular. Articular o que está dado na natureza da espécie Homo Sapiens (possibilidade de pensar, falar, sentir, rememorar etc.) com o que não está e tem de ser adquirido por cada membro dessa espécie (tornar-se um ser que pensa, fala, sente, rememora etc. alguma coisa concreta). Isso quer dizer que o que pensamos, falamos, **sentimos**, lembramos etc. não é algo que já está pronto, à disposição do indivíduo para o seu uso. Enquanto **objetos semióticos**, as ideias, as palavras, os **sentimentos** ou as lembranças têm de ser **produzidos**. E, mesmo

⁷² Segundo Pino, não se sabe a razão desta escolha e nem o sentido exato que ele lhe atribui, apesar de não ter nada a ver com o sentido que dado pelas teorias funcionalistas, em psicologia e em outras áreas do conhecimento. O autor aponta que como pode se verificar no texto onde ele trata especificamente da gênese das funções mentais superiores (Vygotsky 1997), o autor utiliza, indistintamente, diferentes termos para referir-se a mesma coisa: "formas superiores de conduta", "formas mentais", "processos mentais superiores" e "funções mentais superiores".

depois de terem sido produzidos, quando já passaram a fazer parte do repertório de experiências registradas em memória, têm de ser "dados à luz" por um novo ato de pensar, falar, **sentir**, rememorar etc. (p. 71 – grifos nossos)

A discussão sobre as funções psicológicas e as emoções aponta um caminho interessante para pensar a complexidade das emoções humanas. Mas, de fato, Vigotski em nenhum momento atesta que as emoções sejam ou não funções psicológicas superiores – isto nos leva a inúmeras indagações.

A referência de Vigotski aos dois sentidos de história revela também sua preocupação em articular os dois planos: o ontogenético, história pessoal, e o filogenético, história da espécie humana. Tal parece ser o sentido da afirmação que encerra a nota introdutória do "Manuscrito": "A singularidade da mente humana está no fato de que os dois tipos de história (evolução + história) estão unidos (síntese) nela. O mesmo é verdadeiro na psicologia da criança"². A história pessoal (desenvolvimento cultural), sem deixar de ser obra da pessoa singular, faz parte da história humana. A transformação que ocorre no plano ontogenético é um caso particular da que ocorre no plano filogenético. Não ter entendido isso ou o ter ignorado constitui, segundo Vigotski, um dos maiores equívocos dos trabalhos em psicologia do desenvolvimento da criança (1997, pp. 1-26). (Pino, 2000: 51)

Com isso compreendemos a noção de história em Vigotski, em termos de um materialismo histórico e dialético – história que não é a mesma para Damásio, para Freud ou Espinosa, claro – o que faz uma diferença no modo de pensar a emoção e sua dimensão psicológica.

Mas, Pino (2000) aponta ainda a necessidade de compreender e diferenciar o sentido do social e do cultural e, também, o simbólico. Para o autor, o social é anterior à cultura ou, em outras palavras, é redimensionado por ela assumindo formas diferenciadas de existência, formas humanas propriamente ditas. Mas, o social torna-se também um, muitos, modos de organização das relações sociais entre os homens. Desse modo, ainda segundo Pino, o social é, ao mesmo tempo, condição (porque sem uma sociabilidade natural a sociabilidade especificamente humana não seria possível, como também a emergência da

cultura) e resultado (porque tais formas de sociabilidade humanas são produções do homem, artefatos culturais). Isso aponta para uma diferenciação entre o mundo animal e humano, estritamente biológico e cultural.

A existência no mundo animal de formas variadas de organização social, em certos casos muito próximas das criadas pelos homens, é um fato biológico hoje incontestável. Na lógica do princípio evolutivo, isso faz da sociabilidade animal o substrato da sociabilidade humana, como a natureza é o substrato e a condição de emergência da cultura. Mas, contrariamente ao que ocorre no mundo biológico, a sociabilidade humana não é simplesmente dada pela natureza, mas assumida pelo homem que procura formas variadas de concretizá-la. Estas formas circunscrevem o campo do que entendemos por organização social ou sociedade. O homem cria suas próprias condições de existência social da mesma forma que cria suas condições de existência material. Por serem obra do homem, estas condições de existência social ou formas de sociabilidade humana, das mais simples das sociedades tribais às mais complexas das sociedades contemporâneas, integram o elenco do que denominamos produções culturais. (p. 54)

Por fim, Pino (1999; 2000) aponta que, dentre os vários sentidos que o termo função assume tanto pela literatura especializada quanto pelo uso comum, há dois especialmente úteis para fazer algumas conjecturas acerca do sentido que tal termo pode assumir no contexto dos trabalhos de Vigotski: o sentido que tem no campo sociológico – os papéis associados a determinadas posições sociais; e o sentido dado no campo matemático – e de correspondência entre os elementos de dois diferentes conjuntos. Para o autor, embora diferentes, esses sentidos podem ser combinados, pois “todo papel é função de uma posição social que, por sua vez, é função de outra posição e de outros papéis” (p. 69).

Assim, Pino (2000) afirma que Vigotski diz que “o que é internalizado das relações sociais são as “funções dessas relações”, as quais se tornam “funções superiores do indivíduo””, de modo que, esta segunda expressão forneceria pistas para analisar o significado do termo “função” na concepção que Vigotski tem das “funções superiores”, como “relações sociais internalizadas”.

Isto nos leva a indagar... Não seria este o caso das emoções?

Nessa linha de raciocínio, podemos então dizer que **as funções psicológicas são a conversão, na esfera privada, da significação que as posições sociais têm na esfera pública**. O que nos conduz a afirmar que as funções psicológicas constituem a projeção na esfera privada (plano da pessoa ou da subjetividade) do drama das relações sociais em que cada um está inserido. Ou, em outros termos, **as funções psicológicas são função da significação que as múltiplas relações sociais tem para cada um dos envolvidos nelas, com todas as contradições e conflitos que elas envolvem em determinadas condições sociais**. (p. 72 – grifos nossos)

Mas... a questão residiria então em, para além do fato de discutir a definição das emoções/sentimentos/afetos, se são ou não funções psicológicas superiores, entender com Vigotski que se desenvolvem historicamente, compreender seu lugar no sistema funcional complexo?

Aqui, Edelman⁷³ (1992) parece ajudar. Em sua *Biologia da Consciência – As Raízes do Pensamento*, o neurologista assinalando que a intenção original de seu trabalho era fornecer as bases necessárias da consciência e da significação de forma científica, ressalta a necessidade de comentar assuntos relacionados a sentimentos e emoções. Seu comentário aparece de forma breve em um capítulo intitulado “Produtos mais sofisticados: pensamentos, juízos emoções”, e nos fornece algumas pistas sobre a questão da complexidade das emoções. Segundo o autor:

Os sentimentos fazem parte do estado consciente e são processos que nós associamos às noções de qualia⁷⁴ enquanto estados relacionados com o eu. Não são

⁷³ Infelizmente, só tivemos acesso ao trabalho de Edelman já ao término deste trabalho, por indicação do Professor Yes Clot, a quem agradecemos. Por conta do tempo não tivemos condições de uma análise mais sistematizada de toda a sua obra. As referências que aparecem aqui são fruto desta primeira análise – centrada no que o autor assinala em termos de emoções – e demandam investimentos futuros.

⁷⁴ Qualia [singular: quale, em latim e português] – termo filosófico que define as qualidades subjetivas das experiências mentais. Por exemplo, a vermelhidão do vermelho, ou o doloroso da dor. Os qualia simbolizam o hiato explicativo que existe entre as qualidades subjetivas da nossa percepção e o sistema físico a que

porém emoções, porque as emoções têm fortes componentes cognitivos, que misturam sentimentos com a vontade e com os juízes⁷⁵ de uma forma extremamente complicada. **As emoções podem ser consideradas o estado ou processo mental mais complexo que existe, na medida em que se misturam com todos os outros processos (habitualmente de uma forma muito específica, dependendo da emoção). O facto de terem bases históricas e sociais não os torna mais simples.** (p. 253 – grifos nossos)

Mas, se este neurologista aponta o caminho, uma investigação capaz de fornecer as bases necessárias da consciência e da significação, não o faz em termos de emoções.

E é exatamente nesse ponto que a perspectiva de Vigotski seria, de fato, contundente – especialmente se pensarmos não só no que este diz sobre a complexidade das emoções, o (a mudança de) lugar que assume no sistema funcional complexo, mas em sua natureza psicológica, histórica e cultural.

Para Vigotski (1995) “as formas inferiores não se aniquilam, mas se incluem na superior e continuam existindo nela como instância submetida.” (Vygotski, 1931; 1995, p. 129). Nesse processo, histórico e cultural mediado pelo signo, as funções psicológicas vão se tornando cada vez mais interligadas. Há, assim, uma mudança na relação existente entre as funções superiores, modificando-se própria estrutura funcional da consciência e tornando possível a formação de um novo sistema psicológico que se caracteriza pela intrincada relação das funções.

chamamos cérebro. As propriedades das experiências sensoriais são, por definição, epistemologicamente não cognoscíveis na ausência da sua própria experiência direta. Como resultado, são também incomunicáveis. Os qualia desempenham um papel importante na filosofia da mente, principalmente por poderem ser interpretados como uma refutação de fato do fisicalismo. No entanto, a existência e a natureza dos qualia continuam a ser objeto de um aceso debate na filosofia da mente contemporânea. Daniel Dennet identifica quatro propriedades que são comumente associadas aos qualia: 1. Inefáveis: não podem ser comunicados ou apreendidos por outros meios diferentes da experiência direta; 2. Intrínsecos: são propriedades não relacionais, que não se alteram conforme a relação da experiência com outras coisas; 3. Privados: todas as comparações intersubjetivas dos qualia são sistematicamente impossíveis. 4. direta ou imediatamente apreensíveis pela consciência: “experienciar um quale” é “saber-se que se experiencia um quale, sabendo-se que é isso mesmo tudo quanto há a saber sobre esse quale”. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Qualia>.

⁷⁵ Na versão que utilizamos do texto traduzido para o português (de Portugal) aparece o termo juízes, indagamos se trata-se de um erro de tradução ou impressão e se nesse não seria *juízos* o termo mais adequado já que esse aparece também no título.

Smolka (2004) problematizando as condições e os modos de produção da significação, aponta que na elaboração conceitual de Vigotski temos uma passagem da representação à significação que aponta para o fato de considerarmos que a formação de imagens é afetada, permeada por signos e sentidos socialmente construídos, que deixam marcas nos sujeitos e em seu psiquismo historicamente constituído.

Dessa forma, se essas marcas pressupõem mecanismos básicos de ordem orgânica, fisiológica, reflexológica, não encontram nessas instâncias explicação suficiente. A emergência da novidade - do signo como instrumento psicológico que se produz na relação - propiciada por determinadas condições materiais de produção (disposições orgânicas, condições de relação) afeta e transforma os organismos. Afetado e transformado pela sua própria produção, o organismo encontra-se redimensionado: não se reduz à esfera biológica, passa a funcionar na esfera do simbólico. [...] Desse modo, a significação implica, mas não se restringe à representação. A representação, enquanto possibilidade de formação de imagens, idéias, pensamentos, tem um caráter, ou funciona, em um nível individual. Só que essas **imagens, idéias, pensamentos não se formam, não se compõem independentemente das relações entre pessoas, fora da trama de significações, isto é, sem a mediação, a operação com signos** (p. 41 – grifos nossos).

No fundo, problematizar a questão do desenvolvimento das emoções na obra de Vigotski implica pensar as emoções segundo as leis do desenvolvimento cultural e a emergência do signo e a possibilidade de significação, e da dupla série de funções psicológicas (elementares e superiores) e seu processo de transformação, conversão e inter-relação que se (re)produz nesse processo.

Em um de seus últimos textos, sobre a psicologia do ator e as emoções, Vigotski (1987b), assinala essa interfuncionalidade ao apresentar e discutir a existência de um paradoxo. Nesse paradoxo, não há uma explicação biológico-estética e eternamente dada, mas uma explicação mutável, concreto-psicológica e histórica de paradoxos do ator históricos, de dados ambientes em dadas épocas: “O paradoxo do ator é convertido em uma

investigação do desenvolvimento histórico da emoção humana e sua expressão concreta em diferentes estágios da vida social⁷⁶” (p. 244).

Contudo, Vigotski, como vimos, coloca a função do afeto na personalidade que se constitui como *drama*, ressaltando a experiência, a vida e a história. No intuito de avançar nesta discussão problematizamos, a seguir, essa questão privilegiando agora a relação com a linguagem e a significação.

⁷⁶ As citações que aparecem nesta e em outras passagens do texto foram traduzidas do inglês numa versão de Achilles Delari Junior, a quem agradecemos.

As dimensões da experiência e a (trans)formação das emoções: arte e vida

“Sentada na escada do quintal, minha mãe sorria quando me aproximei. Ela usava peruca após várias sessões de quimioterapia. Lembro-me quando garoto que seu sorriso me entristecia porque a vida ali era apenas uma fagulha. Ela morreu naquele mesmo ano. O que essa imagem fazia na minha cabeça naquele momento? Eu tinha todo o percurso da cena, Macbeth estava sendo influenciado por sua esposa a matar o venerável Rei Duncan. A memória guardada de minha mãe se colocava entre a difícil decisão. Olhei em seus olhos e decidi matar aquele que dera sentido à minha vida”⁷⁷.

(ator em cena de Macbeth, antes de matar o rei)

*“Preparado me encontro e deixo tensos todos os nervos para esse ato horrível. Vamos! Recomponhamo-nos primeiro: coração falso e rosto lisonjeiro”⁷⁸.
(Macbeth, para Lady, antes de matar o rei)*

Paradoxo. Macbeth experimenta um paradoxo: sentir e expressar, sentir e não expressar, expressar e não sentir... manifestar e não experienciar ou vivenciar uma emoção... “Coração falso e rosto lisonjeiro”!

Paradoxo na arte, paradoxo na vida. Em diversos momentos, nas situações mais delicadas ou constrangedoras, deparamo-nos todos com essa situação. Na arte, no palco, nas telas esse é o dilema de cada dia do ator.

⁷⁷ Trecho de entrevista sobre o processo de criação realizada com um ator da Cia. de Teatro Fábrica São Paulo, 2009.

⁷⁸ William Shakespeare, Macbeth.

O dilema do vivenciar ou experienciar ou não uma emoção é discutido por Vigotski em *Sobre o Problema da psicologia do trabalho criativo do ator*⁷⁹ (1932). Neste, que é um de seus últimos trabalhos, Vigotski, retoma as discussões que marcam o início de sua elaboração teórica: estética e emoção.

Stanislávski é chamado por Vigotski à discussão. Grosso modo, seus métodos de atuação consistiam em levar o ator a trazer à tona uma justificação interna da ação a ser desenvolvida ou a descoberta de uma verdade dos sentimentos no palco. De um outro lado, temos Diderot. O filósofo, em seu *Paradoxo do Comediante*⁸⁰, comentando o trabalho de algumas atrizes famosas na época, defende que as paixões reais do ator não eram absolutamente necessárias para uma boa atuação. Vigotski assinala ainda uma posição intermediária, de certa forma, no campo da psicologia das emoções assumida por Ribot que substitui o dualismo com uma hipótese monista de paralelismo e interação.

Retomemos a discussão com Ribot apontada anteriormente no problema da arte. Ribot, de acordo com Vigotski, demonstrava que toda emoção faz uso da imaginação para alterar uma série de representações e imagens da fantasia, que por sua vez, evocavam uma segunda expressão do sentimento ou da emoção – como vimos, tomando por base essa dupla expressão do sentimento, por meio da imaginação, Vigotski apresenta a *Lei da Realidade dos Sentimentos*, na qual atesta: “[...]o sentimento e a fantasia não são dois processos isolados um do outro, mas de fato representam o mesmo processo, e temos direito de considerar a fantasia como a expressão central da reação emocional” (Vigotski, 2001b: 258).

Vale à pena retomar algumas ideias de Espinosa sobre a imitação de sentimentos por meio da imaginação:

⁷⁹ Escrito em 1932 e publicado em 1936 no livro de YAKOBSON, P. M. *Psychology of the Stage Feelings of the Actor*, Moscow, 1936, pp. 197-211. [Psicologia dos sentimentos cênicos do ator], faz parte do conjunto de textos que compõem o sexto volume das obras escolhidas do autor, VYGOTSKII. L.S. *The Collected Works of L.S. Vygotsky*, Scientific Legacy, traduzido por Marie J. Hall., New York, 1987.

⁸⁰ Comediante era o termo que designava ator na época, surge em referência ao ator que se dedica a comédia em oposição à tragédia. Não tem, evidentemente, o sentido que lhe atribuímos hoje.

Se imaginarmos que uma coisa semelhante a nós e pela qual não experimentamos nenhum sentimento é afetada por algum sentimento, somos por isso mesmo afetados por um sentimento semelhante. (*Ética*, III, proposição 27)

Com isso, na medida em que bastaria imaginar que sentimos um sentimento o ator não precisaria sentir para que pudéssemos fazê-lo?

Como vimos nas palavras de um ator na epígrafe, suas emoções no palco se (con)fundem com as emoções da vida. Experiência de vida e de palco se emaranham, compõem uma trama. O que acontece? Trata-se de um processo de associação? Como?

Tal elaboração acaba por destacar a união de sentimento e fantasia, polemizando com uma compreensão da suposta diferença entre o sentimento artístico e o sentimento comum, cotidiano. Vigotski observa que tanto no jogo do “faz-de-conta” infantil como nos processos de representação artísticos ocorre uma determinada retenção da reação emocional – questão que nos remete a Freud e a Espinosa, como vimos anteriormente, e sua elaboração monista e materialista do problema das relações entre corpo e mente na união ideia e afeto e, até mesmo a Damásio.

Mas aqui, vamos percebendo uma diferença com relação ao monismo vigotskiano e sua elaboração conceitual sobre as emoções.

Tais considerações nos levam a indagar ainda: como (as emoções) se transformam, afetando os sujeitos tornando-se significativas?

Freud (como Espinosa em relação à psique!), assinala Vigotski (1930/1999a), “demonstrou que [os afetos] não são “um estado dentro de outro”, e que só podem ser compreendidas no contexto de toda a dinâmica da vida humana. É só aí que ganham sentido e significado os processos emocionais” (p. 96). Em Freud temos uma perspectiva de recalçamento das pulsões, nas elaborações de Espinosa temos uma perspectiva de mudança e alteração dos afetos (que implica o poder, mais especificamente centrado na ideia de potência) e não de mera submissão ou sublimação.

Vigotski trabalha com as ideias e contribuições de Freud, mas contesta o princípio explicativo.

Todavia Freud continuava um naturalista, como o era James, que interpretava a psique do homem como um processo puramente natural, e um pesquisador que enfocava as mudanças dinâmicas das emoções somente dentro de determinados limites naturalistas (Vigotski, 2003: 96).

O conceito de afeto de Freud, retomado por Vigotski, retrata a experiência que só poderia ser uma impressão recebida num período muito inicial, de natureza muito genérica, situada na pré-história, não do indivíduo, mas da espécie – eis um sentido de seu naturalismo. De maneira a se fazer mais inteligível, um estado afetivo seria, para o psicanalista, formado da mesma maneira que um ataque histérico (precipitado de uma reminiscência): “Um ataque histérico pode, assim, ser equiparado a um afeto individual recentemente formado, e um afeto normal pode ser comparado à expressão de uma histeria geral que se tornou herança” (Freud, 1986: 102). A experiência, em Freud, refere-se à experiência filogenética em primeira instância.

E, em Espinosa:

Para a psicologia dialética a psique não é, como expressara Spinoza, algo que jaz além da natureza, um Estado dentro do outro, mas uma parte da própria natureza, ligada diretamente às funções da matéria altamente organizada de nosso cérebro. Assim como o resto da natureza, não foi criada, mas surgiu num processo de desenvolvimento. Suas formas embrionárias estão presentes desde o princípio: na própria célula viva mantêm-se as propriedades de mudar sob influência de ações externas e de reagir a elas (Vigotski, 1999a: 144).

Em Espinosa, a experiência do homem nos remete ao problema da expressão imanente e das relações que se estabelecem no processo de afecção dos corpos, dos indivíduos que se relacionam; a possibilidade afetar e ser afetado; está também

naturalmente incorporada à natureza e ao homem como parte dela – como demonstra Damásio.

Recentemente, alguns trabalhos apontam convergências entre os autores em destaque – Vigotski e Freud, Vigotski e Espinosa. É o caso do prefácio de Clot (2003) à tradução francesa de alguns textos de Vigotski que versam sobre a consciência e a emoção. Na discussão apresentada pelo autor uma questão importante emerge: o estatuto da experiência. Clot inquire se é necessário limitar a discussão ao pressuposto mentalista de um olhar interior, de contemplação de um estado mental, algo como uma “província autônoma na geopolítica do espírito, hermeticamente defendida contra os conflitos vitais da experiência subjetiva”. E, defende que é exatamente este pressuposto de uma “interioridade psíquica sedentária” que Vigotski recusa (p. 9) e que, segundo ele, os textos de Vigotski apresentados e discutidos por ele e o problema da consciência e das emoções. Desta forma, não é só “representação e organização mental de uma atividade, mas tradução de uma atividade em outra, relação entre atividades, ligação de atividades”; é então “consciência vital”, “poder de ação” que emerge da vida, mas determina a vida. Clot traz então a afirmação de Vigotski “A consciência é a experiência vivida das experiências vividas”.

Realização particular da experiência social além da experiência social, um contato social consigo mesmo. Pela sua mediação o sujeito “representa” sua atividade que ele mesmo modifica, por outro lado. Na perspectiva vigotskiana, a consciência não está aquém ou além da experiência, como um estado dentro de um estado. A consciência é uma forma particular de transformação da experiência ou do fracasso dessa transformação (p. 15).

Mas, argumenta o autor, se a consciência implica experiência, relação, ligação, criação, também exige seu contrário, o desligamento, a criação e a inibição. Pois a experiência vivida pode vir a não se realizar, mas continua a agir num processo de “inibição

ativa”, que assinala Clot⁸¹ - numa aproximação da perspectiva freudiana, embora de uma maneira diferente⁸².

Clot aponta os trabalhos de Leontiev e Wallon. O primeiro pela função de “coloração afetiva da experiência vivida” e o segundo pelo “caráter social e de contágio”. E assim, o autor conclui: "socialmente construída, partilhada, contagiosa, a emoção transforma o organismo em instrumento psicológico. Podemos reservar legitimamente o termo corpo para apropriação psicológica de seu organismo pelo sujeito”⁸³.

Aqui, retomando as palavras de Vigotski em suas elaborações sobre o sentimento na arte e na vida, poderíamos fazer uma objeção:

A questão não se dá como representa a teoria do contágio, segundo a qual o sentimento que nasce de um indivíduo contagia a todos, torna-se social; ocorre exatamente o contrário. A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade. A peculiaridade essencialíssima do homem, diferentemente do animal, consiste em que ele introduz e separa de seu corpo tanto o dispositivo da técnica quanto o dispositivo do conhecimento científico, que se tornam instrumentos da sociedade. De igual maneira, a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna

⁸¹ Ainda segundo o autor, é isto o que chama a atenção de Vigotski sobre a “tendência paradoxal para a morte” que Freud traz à luz. Interessando-se pela pulsão de morte, Freud não tropeça, diz Vigotski: “a negação da vida é pois a essência contínua da própria vida”. Seguindo Pontalis em sua explicação sobre a pulsão de morte não como um conteúdo do inconsciente dentre outros, mas o próprio campo do inconsciente, aqui se encontraria o interesse de Vigotski por esse conceito de inconsciente: « Pois o não realizado não se esgota. Vivo, ele insiste” (p. 23) No original em francês : “Car le non-réalisé n’est pas épuisé pour autant. Vivant, Il insiste” (Clot, 2003: 23).

⁸² Indo mais longe, Clot (2003) defende a possibilidade de pensar o inconsciente como “o não-realizado”, ou uma “outra modalidade da experiência vivida” que “tira sua energia potencial de possuir a atividade da consciência na direção barrada para o sujeito”. Finalmente pensar o inconsciente numa perspectiva que o aproximaria de Vigotski, seria admiti-lo como uma “experiência que uma vez vivida é indispensável, atividade em forma passiva; mas um negativo passivo que demanda contas; trabalho do negativo. O impossível com o qual ele se depara é a origem potencial da descoberta e, finalmente, também a oportunidade do desenvolvimento (p. 27). Mas, adverte o autor, essa “perspectiva vigotskiana está além de Freud”. (p.28).

⁸³ No original em francês: “Socialmente construída, partagée, contagieuse, l’émotion transforme donc l’organisme en instrument psychologique . On peut d’ailleurs réserver légitimement le terme de corps à l’appropriation psychologique de son organisme par le sujet». (Clot, 2009: 30-31)

social mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isto deixar de continuar social. (Vigotski, 2001b. 317)

Essa objeção que traz a contraposição a uma perspectiva de base biológica estenderia se também a Freud e, claro, a Damásio.

Aqui retomamos o incômodo apontado anteriormente⁸⁴. Nesta perspectiva que se situa num referencial teórico comum e se constitui para nós como um espaço de diálogo, encontramos também um ponto de suspeição e indagação. Ao assumir a diferenciação dos termos afeto, sentimento e emoção, vimos que este último, está ligado aos estados corporais que, ao se desenvolverem seriam cultivados como sentimentos, ou representações coletivas e instrumentos sociais de pensamento. O sentimento seria então a emoção nomeada, o lugar de cultivo das emoções. E a emoção, como vimos anteriormente estaria ligada ao repertório de instrumentos corporais por meio dos quais o sujeito responde⁸⁵. Retomemos as palavras de Clot.

Ao destacar o papel da circulação das emoções, numa perspectiva transformadora que marca o trabalho de Vigotski sobre as emoções Clot (2003) apresenta uma concepção de emoção: **“Podemos dizer também que a emoção de um sujeito é a antecipação sensível e corporal de ações sobre si que implica a situação, um sinal interior sentido antes de toda a apreciação racional”**⁸⁶.

Aqui, podemos pensar em Damásio e sua perspectiva sobre a função que as emoções assumem como marcadores somáticos, que sinalizam ao cérebro o que acontece no corpo propriamente dito? E também em Freud, que aponta o afeto como sinal endógeno e a pulsão como *unidade somatopsíquica*? E em Wallon e sua elaboração sobre as relações

⁸⁴ Ver capítulo sobre as polêmicas e controvérsias no problema da definição terminológica.

⁸⁵ Delafosse (2004) traz em sua abordagem de Vigotski e Wallon uma concepção das emoções como instrumentos psicológicos. Tal elaboração suscita indagações e demanda investimentos futuros.

⁸⁶ No original : “On peut dire aussi que l’émotion d’un sujet est l’anticipation sensible et corporelle des actions sur soi qu’implique la situation, un signal intérieur ressenti avant toute appréciation rationnelle” (Clot, 2003).

de composição antagônica de consciência e emoção, sendo esta também uma *unidade somatopsíquica*?

Como vimos anteriormente, Vigotski aponta que Freud mantém um determinismo estrito das manifestações psíquicas submetido a uma motricidade biológica das pulsões, de modo que os processos psíquicos e processos fisiológicos ficariam paralelos.

Nessa discussão, Clot nos ajuda a compreender um sentido do monismo vigotskiano. O autor coloca que, para Vigotski, ao contrário, os processos psicológicos de ação real no mundo, como terceiro termo, que convoca – mas sem coincidência – o psíquico e o fisiológico. "São dois momentos distintos, o subjetivo e o orgânico, de uma história que transborda, solicitando a sua discordância criativa no corpo do sujeito. É o sentido do monismo vigotskiano. Não é amorfo, mas histórico" (p 25-26.). O autor conclui com referência a citação de Vigotski: "Nossas emoções nos mostram claramente que somos um único ser com nossos corpos. São precisamente as paixões que constituem o fenômeno fundamental da natureza humana "(p. 25-26)⁸⁷.

A função psíquica das emoções se desenvolve então, muda de lugar, a relação entre as ideias podem passar ao primeiro plano como a sede das emoções, contribuindo para enriquecer as tonalidades emocionais do próprio vivido corporal. A explicação do desenvolvimental é fundamental aqui, para dar conta da vida e da história das emoções, entre corpos e pensamentos. De simples recursos para viver suas emoções, os sistemas sociais de pensamento podem tornar-se, para o sujeito, a fonte da transfiguração de suas emoções em sentimentos e vice-versa. (...) ⁸⁸ (Clot, 2003: 32).

⁸⁷ No original em francês : "Ils sont tous les deux les moments distincts, subjectif e organique, d'une histoire qui les déborde en sollicitant leur discordance créatrice jusque dans le corps du sujet. C'est le sens du monisme vygotkien. Il n'est pas amorphe mais historique : « Nos affects nous montrent clairement que nous ne faisons qu'un seul être avec notre corps. Ce sont précisément les passions qui constituent le phénomène fondamental de la nature humaine » (Clot, 2003: 25-26).

⁸⁸ No original em francês : "La fonction psychique des émotions se développe donc en changeant de lieu, le rapport entre des idées pouvant passer au premier plan comme siège des émotions, et contribuer ainsi à enrichir les tonalités émotionnelles du vécu corporel lui même. L'explication développementale est donc ici décisive, pour rendre compte de la vie et de l'histoire des émotions, entre corps e pensées "D'abord simple ressource pour vivre ses émotions, les systèmes sociaux de la pensée peuvent devenir, pour le sujet, la source de la transfiguration de ses émotions en sentiments et inversement » (Clot, 2003: 32).

Clot enfatiza a relação inter-funcional entre afeto e intelecto e a migração das emoções. Antes de comentar as lições psicológicas do texto, retoma a *Teoria das emoções* de Vigotski destacando os experimentos de Cannon e Sherrington, contrapondo-se a James e Langue. Clot defende que a transformação das emoções e sentimentos na perspectiva de Vigotski residiria sobre o fato de a **“mudança geral da vitalidade” assinalar o que as emoções têm de fundamental para o desenvolvimento psíquico**. Mas aqui, adverte o autor, uma ressalva é decisiva: a vitalidade não é uma característica exclusivamente fisiológica, porque a vida não é só orgânica.

O que é vital para o desenvolvimento da potência de ação do sujeito implica o corpo, é claro. Mas não apenas como um objeto acabado. Mas também como um modo de vida. É o inacabamento do corpo que permite o desenvolvimento das emoções no mundo dos homens e objetos. De fonte interna, a vitalidade, estando à prova do real, encontra então recursos no mundo dos homens. É o que se torna, por um vai-e-vem, novas fontes externas de vitalidade. **A vitalidade psicológica não pode ser explicada senão rejeitando qualquer causalidade mecânica**. A base dinâmica da vitalidade se modifica no curso do desenvolvimento, pois a causa e a consequência também estão mudando de lugar. A história do sujeito e de seu corpo é a do efeito que se torna causa, da causa alterada pelo efeito. É por isso que as emoções têm um devir⁸⁹. (Id. Ibid. p.34)

Por isso, para Clot, Vigotski critica as explicações mecanicistas e defende as explicações históricas.

⁸⁹ No francês original: “Ce qui est vital pour le développement du pouvoir d’agir des sujets implique les corps, bien sûr. Mais pas seulement comme objet fini. Tout autant comme moyen de vivre. C’est l’inachèvement du corps qui permet le développement des émotions dans le monde des hommes e des objets. De source interne, la vitalité, à l’épreuve du réel, trouve alors des ressources dans le monde des hommes. Celle-ci deviennent, par un choc en retour, de nouvelles sources externes de vitalité. La vitalité psychologique ne s’explique donc qu’en récusing toute causalité mécanique. La base dynamique de la vitalité se modifie en cours de développement car la cause et la conséquence changent aussi de place. L’histoire du sujet et de son corps et celle de l’effet qui devient cause, de la cause changée par l’effet. C’est pourquoi les émotions ont de l’avenir ». (Clot, 2003: 34)

Entre a emoção e a sua expressão, o psicólogo russo interpôs a história – tanto a do sujeito como a da sociedade. Emoções se desenvolvem admitindo as expressões e "realizações" diferentes que, por sua vez, modificam seu caráter. [...] Este paralelo entre afetos e emoções, certamente não é identificado com o que a história subjetiva coloca em jogo, permite compreender que um estado emocional é transformado em outro estado emocional, que uma emoção pode tornar-se um modo de vida de outras emoções, que um grande medo, por exemplo, sobrevive em uma lembrança feliz ou vice-versa (Id. Ibid. p. 34-35)⁹⁰.

Nessa discussão, o que Clot nos ajuda a enxergar sobre o trabalho de Vigotski? Ou que é levado em conta? O que esse autor argumenta sobre as emoções e como? A circulação psíquica das emoções, a dinâmica de transformação, presente em Freud e Espinosa é um ponto importante ao qual o autor se detém. A vitalidade não apenas orgânica, mas histórica das emoções⁹¹.

Assumindo a contribuição de Clot nesse aspecto do desenvolvimento e da historicidade das emoções, indagamos por outro lado, como estas se transformam e se

⁹⁰ No original : “Entre les émotions et leur expression, le psychologue russe interpose l’histoire – celle du sujet comme celle de la société. Les émotions se développent en admettant des expressions et « réalisations » différentes qui, en retour, modifient leur caractère. Le rapport entre l’émotion et son expression devient moins fixe et moins immuable au fur et à mesure que l’organisme se développe en s’éloignant des formes des réactions instinctives et stéréotypées, de qui peut aider à comprendre pourquoi nous pleurons aussi bien de joie que chagrin. Cette latitude entre affects et émotions, qu’il ne faut sûrement pas identifier tant l’histoire subjective leur donne du jeu, permet comprendre qu’un état émotif se transforme en un autre état émotif, qu’une émotion puisse devenir moyen de vivre d’autres émotions, qu’une grande peur, par exemple se survive en souvenir heureux ou l’inverse » (Clot, 2003: 34-35).

⁹¹ Retomando elaborações de Vigotski, a metáfora da tribo – os afetos são nômades, migram – Clot (2003) ressalta que a função psíquica das emoções se desenvolve mudando de lugar, num princípio de “migração sistemática” – contrário a um estado dentro de outro estado « C’est même le constat d’un échec de possible de ces « migrations », court-circuit de ces déplacements, l’impossibilité de se défaire des attaches initiales d’une émotion, autrement dit un refoulement incomplètement réussi, qui conduit Vygotski à souligner à nouveau l’apport de Freud. Les émotions qui ne se transforment pas, qui ne se déplacent pas et ne s’enrichissent pas en servant de moyen de transport à d’autres affects peuvent se trouver « mises en souffrance » (p. 35). Há, algumas vezes, um impedimento no processo de transformação ou migração das emoções. Clot argumenta que como a atração sexual, mal recalçada, deformada no pavor, faz do pavor o equivalente geral deslocado do desejo da criança, torna-se uma marca que influenciará os acontecimentos futuros. E, nesse sentido, tanto para Vigotski como para Freud, esse seria o risco para o sujeito de viver com um sistema psicológico sem mobilidade funcional, obstruindo a passagem do pensamento à ação e vice-versa. Esse sistema é engessado pelo desligamento do intelecto e do afeto; privado de plasticidade que confere a independência mútua. Mas para Clot, a contribuição de Vigotski é, aqui, original. “O sujeito não vive a experiência da contradição, mas uma experiência contraditória” (p.36).

desenvolvem na história – se, para Vigotski, não se trata de contágio, não se trata de imitação, não se trata de uma explicação estritamente biológica e visceral...?

Com essa indagação, retomemos as palavras de Vigotski (1930/1999a) em referência aos trabalhos de Espinosa.

Em termos simples, nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, **não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de que nele reste sem dúvida um certo radical biológico, em virtude qual surge essa emoção.** Por conseguinte, as emoções complexas aparecem somente historicamente e são a combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções (p.126-127 – grifos nossos)

Para Vigotski, se faz importante uma interpretação dialética do processo emocional, pois a história do desenvolvimento da emoção humana implica considerar o processo cultural de enriquecimento e não de extinção. Nesse momento, a interlocução com Marx e as relações entre linguagem, consciência e atividade humana, bem como o estatuto da história, se fazem presentes, marcando uma importante diferença na argumentação de Vigotski em diversos trabalhos. Como consequência da hipótese da natureza social da consciência que Vigotski (1925/1999a) aborda a partir da discussão da noção de experiência frente à diferenciação do comportamento animal (que se limita à experiência hereditária mais a adquirida, multiplicada pela particular), podemos vislumbrar:

A origem da experiência hereditária foi esclarecida por Darwin; o mecanismo da multiplicação dessa experiência pela pessoal é o mecanismo do reflexo condicionado, estabelecido por I. P. Pávlov. Mediante essa fórmula coloca-se um ponto final no comportamento do animal. Muito diferente é o que acontece com o homem. Aqui, para abarcar de maneira completa a totalidade do comportamento é necessário introduzir novos componentes na fórmula. É preciso, antes de mais nada, assinalar o caráter extraordinariamente amplo da experiência herdada pelo homem

se for comparada com a experiência animal. O homem não se serve apenas da experiência herdada fisicamente. Toda nossa vida, o trabalho, o comportamento, baseiam-se na utilização da experiência das gerações anteriores, ou seja, de uma experiência que não se transmite de pais para filhos através do nascimento. Convencionaremos chamá-la de experiência histórica (p.64-65).

Temos a dimensão *social*⁹² da experiência, importante componente do comportamento do homem tendo em vista as conexões que foram estabelecidas na experiência de outras pessoas, refere-se ao componente social do comportamento e diferencia-se do animal. Os animais adaptam-se passivamente ao meio, o homem adapta ativamente o meio a si mesmo (apesar de encontrarmos formas iniciais nos animais, seus mecanismos de execução continuam sendo essencialmente passivos – abelha, aranha).

A partir de Marx, Vigotski postula que o resultado do trabalho existe idealmente antes do mesmo. Há um planejamento e, nesse sentido, uma duplicação da experiência no trabalho humano: “Essa experiência duplicada, que permite ao homem desenvolver formas de adaptação ativa, o animal não a possui. Denominaremos convencionalmente essa nova forma de comportamento de experiência duplicada” (p.65-6). Em relação ao comportamento do homem deparamo-nos com as (im)possibilidades da experiência que se desdobra: experiência *histórica*⁹³, experiência social, experiência duplicada (e perezhivanie?).

⁹² Aqui poderíamos retomar discussão do capítulo anterior nas referências ao trabalho de Pino.

⁹³ De acordo com Pino (2000) a história é entendida por Vigotski de duas maneiras: em termos genéricos, significa "uma abordagem dialética geral das coisas"; em sentido restrito, significa "a história humana". Distinção que ele completa com uma afirmação lapidar: "a primeira história é dialética; a segunda é materialismo histórico". Podemos afirmar então, com bastante segurança, que a nota que abre o "Manuscrito" define o lugar de onde Vigotski fala e a matriz que lhe serve de referência nas suas análises: o materialismo histórico e dialético. Consideramos isto de suma importância, pois nos dá o perfil do autor como pensador da natureza humana, constituindo o núcleo duro da sua obra” (p.51). A questão preliminar, ao oferecer uma teoria da história do homem e do mundo no homem, instrumentaliza-nos para analisar o problema da relação natureza/cultura. Este é um problema de fundo nas análises que Vigotski faz das funções elementares ou naturais e das funções superiores ou culturais e da sua articulação na unidade da pessoa. Em termos bem gerais, esse problema pode ser assim colocado: na evolução das espécies ocorre um momento de ruptura quando a espécie homo desenvolve novas capacidades que lhe permitem transformar a natureza pelo trabalho, criando suas próprias condições de existência. Isto, por sua vez, permite ao homem transformar seu próprio modo de ser (cf. Marx, 1977, I, cap. 7; Marx & Engels, 1982, pp. 70-71). Esse momento de ruptura não

Centrando-se nas duas posições opostas a respeito da atuação, e ainda fazendo uma alusão a uma terceira (de Ribot), Vigotski propôs considerar esse objeto de estudo sob uma nova perspectiva, num enfoque sociológico, histórico que sintetiza as experiências do ator e do sujeito frente à posição que ocupa, inclusive, numa determinada classe. Num ponto de vista materialista, histórico e dialético o foco é colocado nas **experiências de palco e nas experiências de vida**.

O paradoxo do ator: experimentar ou não uma emoção ao expressá-la em uma cena, controlar ou não a emoção e sua expressão, deixá-la ou não emergir e transbordar em lágrimas nos olhos... pode iluminar a problemática da “emoção humana e sua expressão concreta em diferentes estágios da vida social”... Como? Por quê?

Estudar a ordem e a conexão dos afetos é a principal tarefa da psicologia científica, porque não é nas emoções tomadas de uma forma isolada, mas em conexões com sistemas psicológicos mais complexos, que a solução do paradoxo do ator reside. Esta solução, como pode ser esperada ainda agora, conduzirá os investigadores a uma posição que tem uma significância fundamental para toda a psicologia do ator. A experiência do ator, suas emoções, aparecem não como funções de sua vida mental pessoal, mas como um fenômeno que tem uma significância e um sentido social objetivos, que servem como um estágio transicional da psicologia à ideologia. (Vigotski, 1987b: 244)

Essa formulação nos remeteria ainda a Bakhtin (1981/2003) sobre o a concepção de signo e o papel ou estatuto no desenvolvimento humano e das emoções como manifestações dialógicas tal como apontamos em outros momentos (Magiolino, 2004).

interrompe o processo evolutivo mas dá ao homem o comando da própria evolução. A história do homem é a história dessa transformação, a qual traduz a passagem da ordem da natureza à ordem da cultura. Ao colocar a questão da relação entre funções elementares ou biológicas e funções superiores ou culturais, Vigotski não está seguindo, como o fazem outros autores, a via do dualismo. Muito pelo contrário, ele está propondo a via da sua superação. As funções biológicas não desaparecem com a emergência das culturais mas adquirem uma nova forma de existência: elas são incorporadas na história humana. Afirmar que o desenvolvimento humano é cultural equivale portanto a dizer que é histórico, ou seja, traduz o longo processo de transformação que o homem opera na natureza e nele mesmo como parte dessa natureza. Isso faz do homem o artífice de si mesmo.

A referência de Vigotski aos dois sentidos de história revela também sua preocupação em articular os dois planos: o ontogenético, história pessoal, e o filogenético, história da espécie humana. (p.51)

Sensação, emoção e palavra: a dimensão da significação

Cena I

“Depois de terem saído para jantar, mãe e filha iam buscar a mala de uma amiga daquela para levá-la ao aeroporto. Elas estão no carro e a criança, uma menina de três anos, está bastante inquieta sentada numa cadeirinha no banco de trás. Logo a menina começa a reclamar, diz que está com sono e que quer dormir... Ela se vira de um lado para o outro em sua cadeira e a amiga de sua mãe dá a mão para ela quando ela diz que está com frio. A criança pega o casaco da amiga de sua mãe e o veste, colocando suas pernas nas mangas e envolvendo o seu corpo com ele. O casaco, que serve de cobertor, é insuficiente para cobrir todo seu corpo. Por fim ela faz uso dele para cobrir o rosto e diz:

- Tô passando mal! Tô com dor aqui (segurando o pescoço), vou vomitar... dói muito...

- Filha, você quer vomitar?

- Acho que sim! Tem um bolo aqui (ainda segurando o pescoço).

Vendo que a filha estava passando por um momento delicado a mãe intervém:

- Filha, acho que você quer chorar!

A menina, então, se põe a chorar e diz que vai sentir falta da amiga de sua mãe que estava indo embora. A mãe explica que, por conta de sua história, marcada por mudanças de cidade, distância dos familiares, a saudade era algo bastante delicado para a menina”.

Cena II

“Num outro dia, a menina, segundo relato do pai, acorda com um certo mal-estar. Estava com seu pai em casa e de repente começa a correr, dando voltas pela casa. O pai tenta falar com a menina, quando, inesperadamente ela se joga em um “puff” e começa a vomitar. Ao final da tarde, quando sua mãe chega e vai conversar com ela, a menina relata:

- Mãe, sabe aquela dor de pescoço de quando a sua amiga foi embora? Então, eu achei que ia chorar de saudade, mas não sabia o porquê. Aí eu corri, corri para ver se a dor ia embora, mas não era choro, foi vômito!⁹⁴”

Sensação, expressão, emoção... choro, nó na garganta, saudade... Como compreender a emoção e a sua significação na experiência vivida?

⁹⁴ Essa situação foi vivenciada e registrada pela pesquisadora.

Em o “Problema do meio” (2009), Vigotski indaga-se sobre o lugar do afeto e o estatuto da experiência no desenvolvimento infantil. Para tanto, Vigotski nos apresenta um estudo sobre o caso de três crianças, irmãos que convivem juntos numa mesma casa: a criança mais jovem manifesta tristeza e desamparo, a criança do meio manifesta uma atitude de ambivalência – amor e ódio pela mãe coexistem, e a mais velha demonstra sinais de maturidade e solitudes bastante precoces.

As crianças vivem nas mesmas circunstâncias ambientais, mas, frente às *dramáticas* condições de vida, têm um quadro de desenvolvimento completamente diferente. Diante desta constatação, Vigotski afirma que a *experiência emocional* compõe os fatores essenciais que explicariam a influência do meio no desenvolvimento psicológico das crianças. Em suas palavras: “em uma experiência emocional nós sempre estamos lidando com uma unidade indivisível de **características pessoais e características situacionais**, que são representadas na experiência emocional”⁹⁵ (grifos nossos). Essa experiência ou vivência constitui o sujeito e o modo como este se relaciona com o meio que. Mas, para além disso, o *meio* pode, por sua vez, evocar também diferentes experiências emocionais.

Já em outros trabalhos, como *Psicologia Pedagógica*, Vigotski (1927/2004a) ponderava que, uma expressão corporal nem sempre pode gerar um sentimento com o exemplo que demonstra o que uma cebola faz ao nosso corpo quando a descascamos, ele enfatiza: “Não basta haver lágrimas nos olhos para que logo venha a tristeza, porque a tristeza não consiste em simples lágrimas, mas em toda uma série de sintomas **internos e externos** que em dado momento estão ausentes.” (p. 130 – grifos nossos).

Como isso é possível?

Tomando as relações entre objeto/afeto no desenvolvimento infantil, as referências de Vigotski a Marx explicitam a imbricação de consciência/linguagem e marcam a

⁹⁵ Trabalhamos com a versão utilizada no Grupo de Pesquisa, traduzida por Karin Quast, a quem agradecemos. Somente num momento posterior tivemos acesso a uma tradução direta do russo.

incorporação da elaboração sobre o significado da palavra, signo e significação no funcionamento mental, psicológico, intelectual e emocional.

Vigotski adverte ainda que, a consciência não existe como categoria específica, procedimento especial de existência; é uma estrutura muito complexa do comportamento, concretamente a duplicação do mesmo – indícios da referência a Marx, ao trabalho e ao planejamento, que aparece na epígrafe de importantes textos. Marx, ao tratar de homem, atividade e trabalho, procurando compreender este homem imerso e constituído nas relações sociais (cuja capacidade de crer na existência, em valores absolutos, em si mesmos, é afetada), traz os conceitos de estranhamento, alienação em relação ao trabalho, aos valores sociais e à própria sociedade.

[...] o homem, na etapa superior de seu desenvolvimento, chega a dominar sua própria conduta, subordina a seu poder as próprias reações. Do mesmo modo que subordina as ações das forças externas da natureza, subordina também os processos de sua própria conduta com base nas leis naturais de tal comportamento. Como as leis naturais do comportamento se embasam nas leis de estímulo-reação, resulta impossível dominar a reação enquanto não se domine o estímulo. A criança, por conseguinte, domina sua conduta sempre que domine o sistema de estímulos que é sua chave. (VYGOTSKI, 1995: 159, tradução nossa).

Aqui aparece uma noção importante sobre o domínio do comportamento ou da conduta que é (re)elaborada por Vigotski, ao longo da obra, que remete a Espinosa e a Marx. Em relação ao primeiro podemos apontar a questão já assinalada da alteração do afeto no processo de tomada de consciência. Em relação a ambos, retomamos o uso e criação de instrumentos. Contudo, em Vigotski, é preciso apontar a elaboração em termos da linguagem e da significação à qual procuraremos nos deter a seguir.

Para Espinosa, é através de *instrumentos inatos*⁹⁶ que o homem pode desenvolver o que o filósofo considera como a suma perfeição. Tais instrumentos assumem, para além de sua função e construção física e material, um carácter intelectual.

Mas do mesmo modo que os homens, de início, conseguiram, ainda que dificultosa e imperfeitamente, fabricar, com instrumentos naturais, certas coisas muito fáceis e, feitas estas, fabricaram outras coisas mais difíceis já com menos trabalho e maior perfeição e assim, progressivamente, das obras mais simples aos instrumentos, e dos instrumentos a outras obras e outros instrumentos, chegaram a fabricar com pouco trabalho coisas tão difíceis; assim também a inteligência pela força natural (tudo aquilo que não é produzido por causas externas) fabrica para si instrumentos intelectuais com os quais ganha outras forças para outras obras intelectuais e com estas outros instrumentos ou capacidade de continuar investigando, e assim, progressivamente, avança até atingir o cume da sabedoria. (Espinosa, 2004: p 19-20)

Marx, que também se fundamenta em Espinosa⁹⁷, compreende o homem como ser social, e este, ao mesmo tempo em que é produzido pela sociedade, também a produz. Para Marx e Engels, ao utilizarem instrumentos, os homens modificam a natureza e ao fazer isto, modificam a si mesmos.

Fundamentado também na concepção marxista de produção ou trabalho social, Vigotski destaca o papel da mediação do homem com a natureza e com os outros homens, incluindo a si mesmo. Ao fazer uso de instrumentos, que são artefatos culturais criados pelo homem e transmitidos, modificados, re-elaborados historicamente, o homem modifica suas formas de agir, pensar, sentir e conhecer o mundo.

Vigotski (1931/1995; 1931/2000b) apresenta uma aproximação entre signo e instrumento, destacando sua função mediadora, estando subordinados a um conceito mais geral: a atividade mediada. O signo age como um instrumento da atividade psicológica (lembrar, comparar, relatar, etc.) de maneira análoga ao papel de um instrumento no

⁹⁶ A esse respeito ver Lívio Teixeira.

⁹⁷ Alguns autores apontam esta influência: Konder; Chauí; Yovel.

trabalho. A essência desta atividade do uso de signos consiste no fato dos homens serem capazes de afetar o seu próprio comportamento através dos mesmos.

Mas, na perspectiva vigotskiana, temos ainda o importante papel exercido pela linguagem enquanto produção humana, que se torna possível na relação e vai além de uma visão mecanicista, de simbolização, decodificação de sinais e comunicação, constituindo o pensamento, a consciência e as emoções. Dentre as possíveis funções da linguagem – e da palavra, signo por excelência – se encontram não só as de generalização e comunicação, mas a de reguladora do comportamento e planejadora das ações e, na medida em que está relacionada às emoções, nos leva a refletir acerca de seu papel no funcionamento das mesmas.

Vigotski (1931/2000b) discute o trabalho de Bühler sobre o desenvolvimento mental da criança, ressaltando a apreensão manual de objetos pelas crianças pequenas e sua capacidade de usar recursos alternativos para alcançar seus objetivos utilizando instrumentos primitivos – por exemplo, quando solicitadas a tirar um anel de um bastão. Os experimentos e observações de Bühler aproximam-se dos trabalhos de Köhler, pois demonstravam que as manifestações da inteligência prática nas crianças pequenas eram iguais as dos macacos antropóides. Mas, para além dessa analogia, Vigotski assinala que os experimentos apontam para o fato de que há uma independência em relação da inteligência prática em relação à fala. Bühler estabelece o importante princípio de que os primeiros esboços da fala inteligente são precedidos pelo raciocínio técnico que, por sua vez, constitui a fase inicial do desenvolvimento cognitivo, mas apresenta conclusões questionáveis em relação ao fato de que tal forma de raciocínio e seu desenvolvimento posterior ocorre de maneira desvinculada da linguagem⁹⁸.

Vigotski detém-se na relação entre a fala e o uso de instrumentos retomando e problematizando os trabalhos de Köhler, além de seus experimentos com macacos, que

⁹⁸ “Bühler partiu do pressuposto de que as relações entre a inteligência prática e a fala que caracterizam a criança de dez meses permanecem intactas durante toda a vida. Essa análise, postulando a independência entre ação inteligente e fala, opõe-se diretamente aos nossos achados, que, ao contrário, revelam uma integração entre fala e raciocínio prático ao longo do desenvolvimento”. (Vigotski, 2000: 29)

demonstram a falta de relação do uso de instrumentos e a atividade simbólica. Em seguida, apresenta os estudos de Stern sobre o uso de signos como o exemplo de um intelecto puro, e não como um produto da história do desenvolvimento da criança o que se traduz em uma descoberta espontânea da relação entre signos e seus significados. Além disso, Vigotski coloca ainda estudos que mesmo quando consideravam a inteligência e as operações com signos, o faziam tomando-os como processos isolados, independentes (Shapiro e Gerke; Piaget – em relação à fala egocêntrica). E conclui:

Embora a inteligência prática e o uso de signos possam operar independentemente em crianças muito pequenas, a unidade dialética desses sistemas no adulto humano constitui a verdadeira essência no comportamento humano complexo. Nossa análise atribui à atividade simbólica uma função *organizadora* específica que invade o processo do uso do instrumento e produz formas fundamentalmente novas de comportamento. (Vigotski, 2000b: 32-33 – grifo do autor).

Para fundamentar sua hipótese Vigotski recorre aos experimentos práticos realizados por ele e seus colaboradores tomando a interação social e a transformação da atividade prática, em especial os de Levina. Nesses experimentos foi proposto à criança a resolução de algum problema prático (pegar um doce no armário) com ajuda de alguns instrumentos e verificou-se a necessidade da fala para realizar a ação. Segundo o autor, essas observações levam à conclusão que “*as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, como dos olhos e das mãos*” (Id. IBID: 35 – grifo do autor). A criança tem assim com o auxílio da fala, com o uso da palavra, ao contrário do macaco, uma liberdade maior da situação visual concreta podendo não só planejar e elaborar ações futuras, mas controlar seus motivos e impulsos, mas tornar-se “tanto sujeito como objeto de seu comportamento” (Id. IBID: 36).

Contudo, a maior mudança na capacidade das crianças para usar a linguagem como um instrumento para a solução de problemas acontece, de acordo com Vigotski, num momento posterior de seu desenvolvimento:

[...] no momento em que a fala é socializada (que foi previamente utilizada para dirigir-se a um adulto) é *internalizada*. Ao invés de apelar para o adulto, as crianças passam a apelar para si mesmas; a linguagem passa assim, a adquirir *uma função intrapessoal* além do seu uso *interpessoal* (Vigotski, 2000b: 37 – grifo do autor)

Desse modo,

Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro, acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais (Vigotski, 2000b: 38)

A linguagem humana e suas funções têm sido objeto de debate e disputas acirradas em diversos campos do conhecimento e da ciência⁹⁹.

Nas elaborações sobre a *Psicologia Infantil*, na e pela linguagem, ocorrem mudanças importantes na percepção (função básica, que marca e se desenvolve nessa idade): a percepção se diferencia de estados interiores. Nesse processo Vigotski argumenta que a percepção, afetada pela linguagem, vai se tornando verbalizada – assim como a memória vai se tornando significada, como a atenção vai se tornando voluntária.

Para Vigotski (2000b) a atividade voluntária é extremamente importante no processo de desenvolvimento infantil e constituição humana. Segundo o autor, "a atividade voluntária, mais do que o intelecto altamente desenvolvido, diferencia os seres humanos

⁹⁹ Frente ao legado da língua alemã do século XIX, à recepção crítica da fenomenologia de Husserl, a leitura inicial do Curso de Linguística Geral Saussure, as relações com o Círculo de Viena e contemporâneos escritos de Wittgenstein, entre outros, no campo da lingüística. Bühler desenvolve uma concepção sobre a linguagem e suas três funções – expressiva, representação e apelativa. Esta discussão se dá em uma obra de 1934 (Teoria da Linguagem: a função representacional da linguagem) um clássico da ciência da linguagem que se torna uma das bases do pragmatismo, da teoria semiótica e da comunicação. Seu modelo de três funções da linguagem tem nutrido a obra de Jakobson, Popper e outros. Em essência interdisciplinar, entre a psicologia e a lingüística, esta ideia encontrou a sua relevância para o trabalho sobre cognição e linguagem sobre a mente. Professor em Viena, Karl Bühler (1879-1963), que também foi um filósofo e psicólogo, é um dos fundadores da lingüística contemporânea.

dos animais filogeneticamente mais próximos" (p.42), na medida em que transforma suas premências instintivas, altera suas necessidades elementares e motivações básicas, deslocando-as para o plano das motivações histórica e culturalmente enraizadas.

As emoções vão sendo associadas ao comportamento volitivo. O problema da vontade, que em Descartes se explicita nas elaborações sobre o livre arbítrio – o poder absoluto da razão sobre as paixões – é reelaborado por Vigotski a partir da contribuição de Espinosa – não temos controle absoluto, somos afetados, vivemos a experiência afetiva nas relações com outros corpos, compomos com eles, temos a nossa potência aumentada ou diminuída. Mas também, a partir de Marx, esse processo de afetar(se) é marcado pela história, pela ideologia, por uma consciência que emerge da/na experiência da vida.

Surge pela primeira vez um sistema diferenciado de funções separadas, são uma estrutura determinada que têm na percepção e no afeto seu ponto central. O nascimento da consciência humana constitui o que Vigotski (1996) chama de a nova formação da primeira infância – o que provoca um salto qualitativo no desenvolvimento.

O mesmo não aconteceria com as emoções?

Vigotski traz a elaboração de Brett, historiador da ciência sobre o estado do problema do desenvolvimento na psicologia das emoções de sua época, que tem um longo caminho a percorrer, no exame geral histórico da evolução das ideias psicológicas acerca da natureza das emoções; não dispõe dos elementos mais simples de uma teoria do desenvolvimento que “es un cuadro embrollado en el que no se hace distinción entre emociones superiores e inferiores, animales e humanas, instintivas e conscientes” (p. 138). Essas distinções apontam um caminho, numa perspectiva evolucionista, considerando que há uma escala de desenvolvimento, na qual a emoção e instinto estão indiferenciados num primeiro nível.

En esta escala de desarrollo, la emoción sólo se manifestará como factor diferenciado en el lugar en que sea posible establecer que la situación tiene un sentido, si se puede emplear esta palabra para designar toda forma de relación entre

una situación determinada y otras, poco importa que éstas sean rememoradas o anticipadas. **En el nivel superior, determinado en definitiva por el desarrollo del cerebro, deben de tener lugar formas modificadas de la reacción primitiva. Las manifestaciones corporales e la tensión psíquica deben aparecer aquí como emocionales en el sentido propio del término...** La relación entre las ideas debe pasar al primer plano y, por ese motivo, el carácter de las emociones debe cambiar... (Vigotski, a partir dos estudos de G. S. Brett de 1928, 2004b: 138 – grifos nossos).

Os esforços em psicologia das emoções conduzem ao método evolucionista, considerando-se o processo de desenvolvimento e integração das funções particulares da cognição, mas sem ignorar os estados orgânicos gerais. Aqui se encontra o mérito de James: capta as diferenças entre as emoções mais grosseiras e emoções mais finas. Mas isto não responde à questão. Mais do que opor uma emoção a outra, deve-se admitir que as emoções adquirem diferentes formas, posto que uma forma se desenvolve a partir de outra, segundo a evolução geral do homem, esta pode facilmente conservar um nexos com um tipo de emoções mais primitivas ou com outras reações associadas a esta forma – como demonstraria Damásio em relação ao mecanismo das emoções primárias e secundárias?

[...] En todo caso, **la relación entre la emoción y su expresión, se vuelve menos fija y inmutable a medida que el organismo se desarrolla, alejándose de las formas de reacción instintivas y estereotipadas. Las reacciones más complejas (más finas), que non están asociadas a una reacción específica (característica de la conducta del animal), admiten diferentes expresiones, y la expresión pierde su relación directa con el elemento consciente de la emoción,** circunstancia que puede ayudar a la teoría a explicar por que lloramos tanto de alegría como de pena”. (Vigotski, a partir dos estudos de G. S. Brett de 1928, 2004b: 139 – grifos nossos).

A emoção se desenvolve e se complexifica admitindo diferentes expressões, está relacionada à consciência, mas isto acontece sem que os seus aspectos elementares se percam. Não se trata mais de mecanismos da ordem da sensibilidade enquanto capacidade inerente aos homens e aos animais (como vimos pontuando), indistintamente, mas como

um processo que, no homem, apesar de ter suas origens nos mecanismos instintivos se distancia destes (Vigotski, 2003). São, desta forma, processos complexos, intimamente ligados às funções psicológicas superiores, (linguagem, memória, pensamento) e à significação. Essa discussão aparece novamente em *A construção do pensamento e da linguagem* e, neste momento, Vigotski retoma a problemática dos motivos, necessidades, emoções e vontade e suas relações com o pensamento.

Retomando os estudos sobre o paradoxo experimentado pelo ator, encontramos elementos importantes apontados por Vigotski em relação à essência do problema, que consiste na relação da emoção artificialmente produzida de um papel com a emoção natural, viva, real, do ator que representa o papel:

Nós pensamos que resolver esse problema é possível se nós levamos em conta dois pontos que são igualmente importantes para sua correta interpretação. O primeiro consiste em que Stanislávski expressa a qualidade involuntária dos sentimentos em certa situação. Stanislávski diz que os sentimentos não podem ser comandados. Nós não temos poder direto sobre sentimentos dessa natureza como nós temos sobre o movimento ou o processo associativo. Mas se os sentimentos “não podem ser evocados... voluntária e diretamente, então eles podem ser provocados recorrendo-se ao que é mais sujeito ao nosso poder, as ideias...” (L. Ia. Gurevitch, 1927, p. 58). Efetivamente, todas as investigações psicofisiológicas contemporâneas sobre as emoções mostram que o caminho para o domínio das emoções e, conseqüentemente, o caminho **para a evocação voluntária e a criação artificial de novas emoções, não é baseado na interferência direta de nossa vontade na esfera das sensações do [mesmo] modo que isto ocorre na área do pensamento e do movimento.**

Este caminho é muito mais tortuoso e, como Stanislávski corretamente nota, mais como persuasão do que como evocação direta do sentimento requerido. Apenas indiretamente, criando um complexo sistema de ideias, conceitos, imagens dos quais as emoções são uma parte, nós podemos evocar os sentimentos requeridos e, deste modo, dar um colorido psicológico singular ao dado sistema completo, como um todo, e à sua expressão externa. (Vigotski, 1987: 243 – grifos nossos)

Se “o caminho para a evocação voluntária e a criação artificial de novas emoções, não é baseado na interferência direta de nossa vontade na esfera das sensações do [mesmo] modo que isto ocorre na área do pensamento e do movimento” como isso se dá?

De acordo com Vigotski (1931/2000b), o estudo da gênese desses processos mostra que “qualquer processo volitivo é inicialmente social, coletivo, interpsicológico” (p.113). Aqui, precisamos nos deter no papel da linguagem articulada ao conhecimento e à consciência.

Toda forma superior de comportamento aparece em cena duas vezes durante seu desenvolvimento: primeiro, como forma coletiva do mesmo, como forma interpsicológica, um procedimento externo de comportamento. Não nos damos conta desse fato porque sua cotidianidade nos cega. O exemplo mais claro disto é a linguagem. No princípio, é um meio de vínculo entre a criança e aqueles que a rodeiam mas, no momento em que a criança começa a falar para si, pode se considerar como a transposição da forma coletiva de comportamento, para a prática do comportamento individual (Vigotski, 2000b: 112).

A linguagem emerge como meio de compreender a si mesmo e se chega a uma conclusão importante sobre as funções psicológicas superiores, acerca de sua origem social.

É também digno de nota que aqueles signos que parecem ter desempenhado um papel tão importante na história do desenvolvimento cultural do homem (como mostra a história de sua evolução) são, na origem, meios de comunicação, meios de influência sobre os demais. Todo signo, se tomarmos sua origem real, é um meio de comunicação e, poderíamos dizê-lo mais amplamente, um meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social. Traslado por nós mesmos, é o próprio meio de união das funções em nós mesmos, e poderemos demonstrar que sem esse signo o cérebro e suas conexões iniciais não poderiam se transformar nas complexas relações, o que ocorre graças a linguagem (Vigotski, 2000b: 114).

A palavra, o signo, abre ao homem a possibilidade de desdobrar-se – o *homo duplex*, nas palavras de Vigotski (1929/2000a), *multiplex* nas palavras de Smolka (2004). O ator no palco ao deparar-se com seu dilema de cada dia sentir-expressar, pela palavra do diretor, da platéia, por meio de todas as vozes que trazem à cena sua experiência de vida e de palco, cria e elabora as suas emoções e as emoções que representa múltiplos papéis num

processo *dramático* de constituição (Magiolino, 2009). A criança, na vida, no cenário em que também ela desempenha múltiplos papéis, ao deparar-se com as suas sensações, nas e pelas múltiplas vozes que a compõem é capaz de criar e elaborar suas próprias emoções.

Em Bakhtin (1981) encontramos elementos para adensar a discussão: “Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele.”; E ainda: “embora nenhum desses signos ideológicos seja substituível por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, se apóia nas palavras e é acompanhado por elas, exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical.” (IDEM, p. 38).

As emoções são afetadas pela palavra, não se restringem a ela, não estão além dela. As emoções constituem-se no e pelo signo como fenômeno ideológico da vida e da experiência humana. É isto o que lhes dá o caráter humano. O problema das emoções e do domínio e transformação do comportamento é redimensionado pelo processo de significação e pelo papel ou estatuto do signo na elaboração vigotskiana.

Não se trata assim de dominá-las controlá-las, mas de compreender que emergem e se (trans)formam nas relações entre os homens, nas condições concretas de vida e desenvolvimento destes.

Essa questão nos leva a indagar o que acontece para com a emoção na reorganização dos processos mentais que ocorrem a partir da aquisição da linguagem?

As emoções se (trans)formam ao longo da vida, ao longo da história. Neste movimento entram em relação com outras funções e passam a afetá-las e a serem afetadas por elas, expressam-se de maneira integrada ou mesmo através destas funções. Se nos voltarmos às funções como a memória, a linguagem, a imaginação, o pensamento e a atenção constatamos que estão carregadas de emoções. Nas palavras de Bakhtin as emoções dão o tom, o colorido aos nossos atos. Mas, mais do que isso, orientam-nos e os redimensionam. Desse modo, como Vigotski coloca no processo de desenvolvimento da criança, o nexos e as relações da emoção com as outras funções não permanecem imutáveis.

Surtem relações complexas entre as funções psicológicas, modifica-se o vínculo da emoção com as demais funções.

A palavra, signo por excelência, impacta, transforma, redimensiona a emoção humana. A sensação visceral, o nó na garganta, o choro... são, então, uma emoção com sentido e significado – saudade. Significação e emoção se encontram numa perspectiva histórica e cultural do desenvolvimento humano.

Além disso, em outras palavras, não é porque somos capazes de ter emoções e agir sobre as mesmas, expressando-as ou não, que estas têm uma natureza diferenciada dos demais processos psíquicos em termos de seu substrato corporal ou mental, biológico ou psíquico, social ou histórico-cultural.

O problema da reação (percepção, estética), o problema da afecção (expressão imanente) vai sendo (re)elaborado, intrinsecamente ligado ao problema da significação que se adensa em *A construção do Pensamento e da Linguagem* numa discussão que traz à tona a relação interfuncional entre afeto e intelecto. “Assim, o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual, mas isto não significa sua filiação puramente externa a dois diferentes campos da vida psíquica”. E ainda: “um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento” (Vigotski, 2001a: 398).

O enriquecimento da palavra/signo/*verbum* que permite o desenvolvimento desta complexa unidade se dá pelo sentido, relacionado ao contexto, às necessidades, aos motivos, às emoções. O que se torna claro nas discussões sobre o discurso interior, em que há uma predominância do sentido num processo de aglutinação que congrega, reúne, sintetiza afetos, emoções, palavras. A palavra, microcosmo da consciência, torna-se signo por excelência. A palavra condensa e mobiliza sentidos, a palavra constitui, a palavra afeta... E afeta e constitui sujeito, pensamento, emoção...

Smolka (2004), como vimos no capítulo anterior, ao problematizar as condições e os modos de produção da significação demonstra que na elaboração conceitual de Vigotski

temos uma passagem da representação à significação. A autora, nos ajuda ainda compreender a questão da palavra/*verbum*:

O signo, como aquilo que se produziu e estabilizou nas relações interpessoais, age, repercute, reverbera nos sujeitos. Tem como características a impregnação e a reversibilidade, isto é, afeta os sujeitos nas (e na história das) relações. E aqui se destaca a palavra como signo por excelência, como modo mais puro e sensível de relação social e, ao mesmo tempo, material semiótico da vida interior. Constituinte de uma especificidade do humano – viabiliza modos de interação e de operação mental -, possibilita ao homem não apenas indicar, mas nomear, destacar e referir pela linguagem; e pela linguagem, orientar, planejar, (inter)regular as ações; conhecer o mundo, conhecer(se), tornar-se sujeito; objetivar e construir a realidade. A emergência do *verbum* constitui um acontecimento de caráter irreversível. (Id. Ibid. p.42)

Assim, quando falamos de *palavra*, da *palavra* referimo-nos não à palavra em si, falado ou escrita, mas a palavra que, nos dizeres de Vigotski se faz ação, *verbum*, *signo por excelência* e que, dialeticamente, *coroa a ação*. Ou, nos dizeres de Bakhtin, a palavra como signo, material semiótico da vida interior.

Nesse sentido, a emoção humana sem sentido e significado é como a lágrima do ator de Diderot que cai do cérebro, é como a sensação orgânica, visceral de nó na garganta da criança que vomita, não da que chora de saudade, é um som vazio – uma sensação que se expressa, mas não se sente como uma emoção. Quando nos emocionamos o fazemos na trama de relações sociais e pessoais, na história social e individual, por isso é tão difícil controlar ou dominar as emoções, não sentimos simplesmente, sentimos com sentido e significado. Na e pela palavra/signo/*verbum* as emoções humanas, seu caráter biológico, se transforma, paulatinamente em sócio-histórico ou, melhor dizendo, histórico-cultural.

É assim que, a nosso ver, em oposição às explicações causais mecanicistas e naturalistas, vamos percebendo que Vigotski defende o que chama de explicações históricas e ressalta que entre as emoções e suas expressões advém, ou ainda, intervém a história (do sujeito e da sociedade), impactando e constituindo esse sujeito e as próprias emoções que

deixam de ser imagens ou marcadores somáticos, sinais endógenos, processos estritamente orgânicos ou estritamente subjetivos. Tais considerações nos instigam a pensar nos desdobramentos e possibilidades de investigação no campo empírico (algo que Vigotski, em termos de emoção e significação, não pôde realizar) demandando futuros investimentos.

Considerações finais: emoção e palavra

“Quem me dera encontrar o verso puro
O verso altivo e forte, estranho e duro
Que dissesse a chorar isto que sinto!”
(Florbela Espanca)

Uma imagem que nos ajuda a compor a trama é um conhecido quadro de Picasso, *A mulher chorando*. Esta figura nos remete a uma série criada pelo artista e às figuras do *Guernica*, realizada no mesmo ano, e que retrata o massacre de mulheres e crianças na Guerra Civil Espanhola. A dor experimentada por uma mulher emerge com uma intensidade tocante, explicita-se nas/pelas pinceladas de cores fortes e potentes. O azul e o branco em torno da boca e dos dentes contrastam com os olhos e a testa um tanto deslocados, pendentes... partidos pela tristeza? Numa outra imagem, a tela *Mulher chorando com lenço*, também de 1937, Picasso retoma parte dos esboços feitos para o *Guernica*, ampliando os traços ao retratar a dor de uma mãe que traz o filho morto nos braços. Dedos, lenço, olhos, bocas e dentes se (com)fundem num retrato da mulher transfigurada pela dor e pela tristeza frente à violência da perda de uma pessoa querida num mundo destruído pela guerra.

O modo como o rosto das mulheres é contorcido, distorcido, fragmentado é fruto do trabalho do artista e do próprio desenvolvimento das idéias cubistas. Com isso, o dentro e o fora se contrapõem ao mesmo tempo em que se fundem. Picasso parece transpor na tela a expressão das emoções de um modo que o movimento interno, orgânico, transparece, transborda nas lágrimas que se desprendem dos olhos num movimento externo. O pintor parece transpor à tela a emoção em seu processo de devir. O movimento se dirige a si mesmo e ao outro. A lágrima, o choro compõem a dor ao mesmo tempo em que se dirigem a um outro que, supostamente, acolheria a dor.

Quando nos emocionamos ao produzir, ao contemplar uma obra de arte como essa, quando um ator se emociona na vida ou no palco, quando uma criança chora de saudade ou quando sorri ao reencontrar o pai... somos todos acometidos por esse movimento dialético e inter-constitutivo e contraditório. O corpo é impactado, a mente é afetada, os afetos são transformados, elaborados, dominados, controlados? Como isso é possível?

Desde sua análise sobre o conto de Bunin, traduzido como *Respirar Tranquilo*, Vigotski procura compreender o mistério das palavras e o seu impacto sobre o homem. Palavras, palavras, palavras de Hamlet. Ensinava literatura e tornara-se um problema levar os seus alunos a compreendê-la, e, aqui compreender quer dizer ser afetado por ela, tornando-a significativa, sentida, vivida. Nas relações entre arte, psicologia e pedagogia configura-se o problema da palavra e do afeto para Vigotski.

Mas... Vigotski acaba indo para o campo da medicina, da neurologia... Por quê? Inúmeras indagações, suspeitas, hipóteses poderiam ser levantadas. Mas, considerando que emoção (o alfa e o ômega) está no âmago de suas preocupações (desde os escritos em arte, desde os escritos sobre a crise na psicologia, desde os escritos sobre educação) e que Vigotski possa ter percebido que esta não podia prescindir de uma dimensão semiótica, porque a própria vida humana não se resume a ela, mas também não pode prescindir dela, talvez estivesse buscando modos de compreender essa dimensão em toda a sua complexidade – interna e externa, corporal e mental, fisiológica e psicológica – em termos de sua psicologia histórico-cultural. A emoção está no âmago do processo de significação, de tudo o que tem sentido e significado na vida e na arte.

Podemos sentir, nos emocionar, chorar, sorrir, amar sem as palavras pra dizer? Mas se não temos palavras, objetos, instrumentos para compreender a dor, como saber o que se sente e como sentir? A emoção vai pro reino das sombras, como o pensamento nos versos de Mandelstam citados por Vigotski em *Pensamento e Palavra* (como pensamentos)?

Datam do final da produção de Vigotski alguns trabalhos importantes sobre a questão do desenvolvimento das emoções, das funções psicológicas e da significação. Vigotski escreve *Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator* e da uma

conferência *O desenvolvimento das emoções na infância* em 1932, se debruça também sobre *A psicologia e a teoria da localização das funções psíquicas* e *Pensamento e palavra* em 1934, quando a sua elaboração sobre o signo atinge o seu ápice. Mas, Vigotski morre neste último ano.

Temos então paralelamente ou concomitantemente um adensamento nas elaborações sobre emoção e significação. Mas não há um trabalho de elaboração da problemática de maneira interligada... Aqui, como vimos argumentando no decorrer do trabalho, estaria uma (dentre tantas) possibilidade de compreender e adensar a problemática das emoções humanas numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humanos tal como formulada por Vigotski.

Assim, compreender as dimensões da emoção e as dimensões destas na obra de Vigotski, significaria compreender que as emoções têm uma dimensão ética e uma dimensão estética, uma dimensão psicológica, uma dimensão cultural e histórica (pessoal e social) e, sobretudo, uma dimensão semiótica – compreender as emoções em toda sua abrangência e complexidade.

Dois aspectos parecem, a nosso ver, compor a trama das preocupações e elaborações de Vigotski sobre a emoção e a significação – compreender essa dinâmica interna da significação das emoções (processo sógnico, os instrumentos psicológicos que discutimos no capítulo anterior) e a dinâmica externa de sua expressão e significação nas práticas e relações sociais, históricas e culturais, marcadas por ideologia e poder.

Com relação à dinâmica interna do processo emocional encontramos na interlocução com Freud a importância da noção de dinâmica afetiva na vida cotidiana, que remete a Espinosa e, neste último um modo de pensar o conceito de afecção que implica movimento e tensão, numa perspectiva não só passiva, mas ativa. Mas, com relação à dinâmica externa, marcada pela cultura, relações de ideologia e poder, não podemos deixar de apontar que há um modo de pensar a história desta dinâmica de transformação/expressão imanente que atravessa toda a obra de Vigotski e é fruto da interlocução com Marx – as

emoções desenvolvem-se na e pela história. Mas, aqui, argumentamos, no e pelo processo de significação, no e pelo signo, na e pela palavra como signo por excelência.

Procuramos aqui aprofundar tal discussão centrando-nos no conceito de emoção que vai sendo insistentemente recolocado em sua obra assumindo muitas nuances. As emoções não são: afetos inconscientes (1925/2001b); reflexos ou reações ou processos estritamente fisiológicos (1925/1999a); mecanismo instintivo (1932/2003); processo elementar estritamente biológico e processo isolado do psiquismo (1927/2004a; 1933/2004b); desvinculado de outros (como o intelecto e a imaginação) (1925/2001b; 1932-34/1997; 1934/2001a; 1934/1997); epifenômenos da consciência (1930/1999a); sensação (1925/1999a); percepção passiva (1927/2004a; 1933/2004b); expressão ou manifestação instintiva (1934/2001a).

As emoções aparecem como processos complexos que: implicam estados contraditórios na *técnica social do sentimento* (1925/2001b); emergem historicamente (1930/1999a); isolam-se dos instintos (1932/2003); consistem em fortes motivações que influem em nosso comportamento (Vigotski, 1933/2004b); desenvolvem-se e adquirem sentido e significado (1934/2001a). Nessa perspectiva, o tema vai sendo redimensionado e a emoção é colocada como possibilidade humana, não circunscrita apenas à arte. Para Vigotski não se trata apenas deste processo de sinalização, marcação somatopsíquica ou representação mental – com em Freud ou Damásio. Compreender a emoção implica algo mais. Implica pensar no processo de significação, implica, como vimos, pensar na palavra, no signo.

Nesse sentido, a indiferenciação (afeto, sentimento, emoção) dos termos aponta para uma compreensão das emoções como um processo complexo de múltiplas faces, no qual corpo e mente interagem a todo momento, que só é possível de ser compreendido nessa interação – mudança, alteração, (trans)formação de estados afetivos e sua expressão. Desse modo, para Vigotski, as emoções desenvolvem-se na história, são impregnadas de valor no processo de tomada de consciência na relação com o outro, na e pela linguagem e o processo de significação....

Mas, o que significa dizer e pensar então, que na relação com o outro, na história e na cultura as emoções se transformam, complexificam e se desenvolvem? Ou ainda quais as implicações ou contribuições desse modo de conceber e teorizar sobre as emoções humanas?

Um filme, *Kiriku e a feiticeira*, traz uma bonita imagem para refletirmos sobre a palavra e a emoção – a palavra incorporada. A feiticeira tinha um espinho cravado no meio das costas, no alto, num lugar onde é difícil alcançar sozinho – ainda mais em se tratando de uma tarefa tão delicada como a de remover um espinho. O espinho fica remexendo, cada dia mais um milímetro. E da pele, vai aos músculos, aos ossos e, de repente, já é quase-medula. Está lá. Mas não é parte. Ou já é uma parte incorporada? A feiticeira é capaz das maiores maldades, mas no final, o menino, o herói, ao perceber o espinho, compreende a sua dor e, compadecido, arranca-o. O espinho é como a palavra que afeta, emociona é incorporada. É corpo sem o ser. O espinho, a palavra, como objeto não existe em si, mas... é a palavra que significa e afeta e aí, é objeto e dói! Entra numa complicada trama, numa rede de sentidos-significados... O espinho é o sentimento de incapacidade, o espinho é mágoa, mas o espinho é também a força que move numa dialética de sentimentos contraditórios.

Em *Matrix*, Neo interpela um programa sobre o seu sentir: “Estranho. O amor é uma emoção humana”. E eis que este responde: “Amor é uma palavra, o que importa é a conexão que esta palavra implica”. Conexão, vínculo, ligação, relação...

Nas palavras de Vigotski, vimos: “Não basta haver lágrimas nos olhos para que logo venha a tristeza, porque a tristeza não consiste em simples lágrimas mas em toda uma série de sintomas **internos e externos** que em dado momento estão ausentes.” (2004a,p. 130). Desde os seus primeiros escritos, a busca por compreender essa complexidade das emoções que, estão no âmago das relações do sujeito com o mundo, no âmago da vida. Como diz Bakhtin, nesta região limítrofe em que organismo e mundo se encontram: o signo.

A emoção humana é um signo que se inscreve no/pelo corpo... e organismo e mundo encontram-se no signo nas palavras do Bakhtin?

Em sua crítica sobre Hamlet, por exemplo, Vigotski discute o jogo simultâneo de distanciamento e ação recíproca com/entre as pessoas: a dialética marca seu olhar, e em sua abordagem temos o enigma da natureza humana em Hamlet. Enquanto as críticas concentravam-se no suposto caráter esquizofrênico da personagem, Vigotski ressalta o caráter dinâmico e dramático inerente no processo de construção da personalidade humana: que se faz no fio da navalha entre o individual e o social. O drama sentido, experienciado, vivido de modo singular, (re)significado pelo social, na história das relações de cada um. Sendo pessoa social, “agregado de relações sociais” (Vigotski, 1998), o homem constitui-se como tal na e pela experiência histórica, social e simbólica. E, é o caráter sógnico da experiência na relação social, histórica e cultural que torna possível tal acontecimento. “O drama realmente está repleto de luta interna impossível nos sistemas orgânicos: a dinâmica da personalidade é o drama” (Vigotski, 2000a).

Vigotski aponta a possibilidade de transformação na e pela experiência histórico-cultural subjetiva. Os afetos, como apontava Espinosa, são colocados no campo da ética (e não da moral). Estão relacionados aos nossos modos de conhecimento. Mas, ao mesmo tempo, a dificuldade de transformar se dá pela própria complexidade da emoção, do signo, dimensão semiótica da imbricação com as funções psicológicas na trama das relações sociais esse é o drama de *ser* humano. Encontrar o sentido da vida, o sentido em todas as suas dimensões.

A dimensão ética de Espinosa é redimensionada: estética, histórica e semioticamente. Sentido e emoção. Sentidos em sua pluralidade de sentidos. O sentir e suas possibilidades de elaboração, transformação, desenvolvimento, não está em apenas em cada um de nós, não está no outro, está na relação significativa e significada.

Desdobrando-se de/numa concepção materialista histórica e dialética, fruto também destas considerações, a emoção é colocada como possibilidade humana, não circunscrita à arte – o que marca a noção de drama na dinâmica da personalidade. O problema da pulsão e

da afecção vai se (trans)formando no/pelo problema da significação. Problema central que traz, no fundo, uma discussão metodológica: Vigotski contesta a fundamentação filosófica cartesiana da psicologia e todo naturalismo que a acompanha e propõe uma psicologia que trabalhe com o princípio do *drama*. Tal deslocamento ou reconfiguração da problemática explicitada ao longo da trama de interlocuções mostra o desenvolvimento de uma concepção de emoção intrinsecamente ligada à consciência, linguagem e significação, articulada ao adensamento do princípio explicativo.

Palavra, emoção, signo. Sentido e significado. A emoção, esse processo (in)visível encarnado, é o sentido (vivido, experienciado...) significado na e pela história (social e pessoal) e cultura humana. A trama vigotskiana se materializa: da palavra à emoção, da emoção à palavra - a significação.

.....

ⁱ Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1920) foi um médico, filósofo e psicólogo alemão. É considerado um dos fundadores da moderna psicologia experimental – responsável pela criação do primeiro laboratório de psicologia no Instituto Experimental de Psicologia da Universidade de Leipzig em 1879, publicando *Principles of Physiological Psychology* / *Princípios de Psicologia Fisiológica* em 1873 onde afirmava textualmente que seu propósito, com o livro, de demarcar um novo domínio da ciência.

ⁱⁱ Edward Bradford Titchener (1867-1927) foi um psicólogo estruturalista britânico. Estudou em Leipzig, Alemanha com o mestre Wundt, mas alterou o seu sistema propondo uma nova abordagem que designou estruturalismo.

ⁱⁱⁱ Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) foi um fisiólogo russo premiado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1904 por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais. Tornou-se conhecido por sua pesquisa sobre o papel do condicionamento na psicologia do comportamento (reflexo condicionado).

^{iv} John B. Watson (1878-1958) foi um psicólogo estadunidense, considerado o fundador do comportamentalismo (ou simplesmente *behaviorismo*). Doutorou-se em neuropsicologia, defendendo uma tese sobre a relação entre o comportamento dos ratos brancos e o sistema nervoso central. Em Desenvolveu estudos sobre o comportamento de ratos e macacos controlados de forma rigorosa e objetiva, que acabaram inspirando o modelo de psicologia no estudo do comportamento humano em oposição ao funcionalismo e ao estruturalismo.

^v Max Wertheimer (1880-1943) foi um psicólogo checo, um dos fundadores da Teoria da Gestalt Estudou psicologia na Universidade de Berlim, sob a tutela de Carl Stumpf. Interessa-se pela percepção do movimento. Para ele a verdade consiste em determinar a estrutura total de experiência e não em captá-la por sensações e percepções singulares associadas. Ele publicou seu trabalho mais importante em 1912: *Estudos Experimentais da percepção do movimento*.

^{vi} Wolfgang Köhler (1887 - 1967), psicólogo estadunidense, foi um dos principais teóricos da Psicologia de Gestalt. Em 1913, Köhler deixou Frankfurt para a ilha de Tenerife nas Ilhas Canárias. Ele permaneceu lá por seis anos, durante os quais escreveu: *A Mentalidade dos Macacos* (1917). Nesta pesquisa, Köhler observada a forma como os chimpanzés resolvem problemas como o de recuperar as bananas quando posicionados fora do alcance e descobre que eles empilham caixotes de madeira para usar como escada, a fim de obter os alimentos. Se as bananas foram colocadas sobre o terreno fora da gaiola, eles usaram paus para aumentar o alcance dos seus braços. Köhler concluiu que os chimpanzés não haviam chegado a esses métodos através de tentativa e erro (que psicólogo americano Edward Thorndike afirmava ser a base de todos os animais da aprendizagem, através do seu direito de efeito), mas sim que eles tinham tido uma visão, em que, tendo percebido a resposta, que em seguida procedeu a agir de uma forma que foi proposital.

^{vii} Karl Bühler (1879 - 1963) foi um psiquiatra alemão, membro da escola de Würzburg, que estudou os mecanismos do pensamento e da vontade associados à linguagem e dedicou-se à psicologia da forma. Seu modelo de três funções da linguagem nutriram a obra de Jakobson, Popper e outros. Em essência interdisciplinar, psicologia e lingüística, esta ideia encontrou a sua relevância para o trabalho sobre cognição e linguagem sobre a mente. Também filósofo e psicólogo é considerado um dos fundadores da lingüística contemporânea.

^{viii} Kurt Koffka (1886 - 1941) foi um psicólogo alemão. Junto com Wolfgang Köhler, tornou-se assistente na Universidade de Frankfurt, onde trabalhou com Max Wertheimer. Koffka acreditava que a maior parte da aprendizagem precoce aquilo que ele é referido como aprendizagem sensorial, ocorre após uma consequência. Por exemplo, uma criança que toca um fogão quente vai aprender a não tocar novamente. Também acreditava que uma série de aprendizagens ocorre por imitação, mas argumentou que não é importante compreender como funciona imitação, mas sim de reconhecer que é uma ocorrência natural. De acordo com Koffka, o maior tipo de aprendizagem é o aprendizado ideacional, que faz uso da linguagem – salienta que um momento importante no desenvolvimento da criança é quando entender que os objetos têm nomes.

^{ix} Kurt Lewin, (1890-1947)foi um psicólogo alemão que desenvolveu a teoria do campo psicológico. Afirmava que as variações individuais do comportamento humano com relação à norma são condicionadas pela tensão entre as percepções que o indivíduo tem de si mesmo e pelo ambiente psicológico em que se insere, o espaço

vital. Dedicou-se às áreas de processos sociais, motivação e personalidade, aplicou os princípios da psicologia da Gestalt.

^x William James (1842-1910) filósofo e psicólogo estadunidense, considerado, ao lado de Peirce um dos fundadores do pragmatismo. Escreveu sobre a ciência da psicologia, experiência religiosa e filosofia do pragmatismo.

^{xi} Coincidentemente, na Dinamarca, o fisiologista Carl Lange (1834-1900), professor da Universidade de Copenhague, publica uma teoria análoga a de W. James, o que levou à designação de teoria de James-Lange.

^{xii} Herbert Spencer (1820-1903), filósofo inglês um dos representantes do positivismo, foi um profundo admirador da obra de Darwin, e em sua obra procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana. Spencer é considerado o "pai" do Darwinismo social, embora jamais tenha utilizado o termo.

^{xiii} Johann Gottfried von Herder (1744 - 1803) foi um filósofo alemão, teólogo, poeta e crítico literário. Dentre suas obras estão *Treatise on the Origin of Language* (1772), *Of German Character and Art* (1773) – época em que desenrolou-se um movimento na música e literatura alemãs em que subjetividade individual e, em particular, extremos de emoção foram dadas em resposta a livre expressão dos limites da racionalidade imposta pelo Iluminismo e associados estético movimentos, conhecido como Sturm und Drang (a tradução é convencional “Tempestade e Stress”, mais uma tradução literal, no entanto, poderia ser tempestade e exortio, tempestade e conduzir ou tempestade e impulso); Goethe foi um notável defensor do movimento em dado momento. Obras deixadas inacabadas (como *Esboço de uma Filosofia História da Humanidade*) que deram origem também a escola de pensamento histórico.

^{xiv} Theodor Lipps (1851 - 1914) foi um filósofo alemão preocupado com as concepções da arte e da estética, focando muito de sua filosofia em torno de tais questões. Um de seus fervorosos admiradores foi Sigmund Freud. Lipps, em seguida, acaba sendo o principal defensor da ideia do subconsciente na análise que faz do riso associado a aspectos negativos escondidos na mente. Desenvolveu noções de empatia e simpatia estética e adotou algumas das ideias de Husserl.

^{xv} Théodule Ribot (1839-1916) filósofo francês, considerado como o fundador da psicologia francesa, de inspiração positivista. Sua obra contempla trabalhos como : *Essai sur l’imagination créatrice* (1900), *La logique des sentiments* (1904), *Essai sur les passions* (1906), dentre outros.

Bibliografia

- ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. – 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABRAHAM, T. Deleuze, de uma logica del sentido a uma logica del deseo. In: *Revista Argentina de Psicología*, no. 26. 1979.
- ARANTES, V. A. (Org.). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.
- ASSOUN, P L. *Freud : a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro : F. Alves, 1978.
- _____. *Introdução a epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1983.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- CHAUÍ, M. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 2005.
- CAROPRESO, F. S. *A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana*. Tese de doutorado, São Carlos: UFSCAR, 2006.
- CLOT, Y. Vygotski, la conscience comme liaison. In VYGOTSKI, L. S. *Conscience, inconscient, emotions*. Paris: La Dispute, 2003.
- CLOT, Y. (org.) *Avec Vygotsky: suivi de Le Problème de la Conscience*. Paris: La Dispute, 2002.
- DAMÁSIO, A. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O Erro de Descartes – Emoção, Razão e Cérebro Humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DARWIN, C. *A origem das espécies e a seleção natural*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.
- _____. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DEL RIO & ALVAREZ *De la psicología del drama al drama de la psicología*. (no prelo).
- DELBOS, V. *O Espinosismo: curso proferido em Sorbonne em 1912-1913*. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.
- DELEUZE, G. *O que é filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1997.

_____ *Aula sobre Espinosa em 24/01/78.* Disponível em <<http://www.webdeleuze.com>>.

DESCARTES, R. *Discurso sobre o método, As paixões da alma.* In Os pensadores – Descartes, vol. I. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

DOBRANSZKY, E. *No Tear de Palas: Imaginação e Gênio no Séc. XVIII – Uma introdução.* Campinas SP: Papirus/ Ed. da Unicamp, 1992.

Edelman, G.M. *Biologia da consciência - as raízes do pensamento.* Lisboa: Inst. Piaget, 1995.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador* (vol I). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ENGELMANN, A. *Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais.* São Paulo: Ática, 1978.

ESPINOSA, B. *Ética.* In Os pensadores . I. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____ *Ética.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____ *Tratado da correção do intelecto* In Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____ *Tratado da reforma da inteligência.* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FERNANDES, F (Org). *Karl Marx e Friederich Engels.* São Paulo: Ática, 1989.

FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Edição standard brasileira). Volumes VII, VIII, XV, XVI e XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FROMM, E. *Meu encontro com Marx e Freud.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GONZÁLES REY, F. *Sujeito e Subjetividade.* São Paulo: Thomson, 2002.

HUME, D. *Investigações sobre o entendimento humano.* In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

KANT, I. *Crítica da razão pura.* In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KONDER. L. *Os sofrimentos do homem burguês.* São Paulo: Ed. Senac, 2000.

_____ *Marx: vida e obra.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

_____ *O que é dialética.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

-
- KOYRÉ, A. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. Martins Fontes, 1998.
- LEITE, I. *Emoções, Sentimentos e Afetos (uma reflexão sócio-histórica)*. Araraquara: Junqueira e Marins editores, 2005.
- LEITE, S. A. S. (Org.). *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- LOCKE, J. *Ensaio acerca do entendimento humano*. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez, 2000.
- MAGIOLINO, L. L. S. Vigotski no processo de criação: drama, memória e emoção do sujeito imerso na relação social. In: DAIE, F. S.(Org.) *MEMÓRIAS DE OUTRO MAR Pesquisa Artística da Cia. de Teatro Fábrica São Paulo*. São Paulo: Cooperativa Paulista de Teatro, 2009.
- _____. *Emoções: uma discussão sobre modos de conceber e teorizar*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: UNICAMP, 2005.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Ed. 70, 1993.
- MARX, K. & ENGELS, F. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- _____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MATURANA, H. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- _____. Textos Seleccionados in MAGRO, C. GRACIANO, M. & VAZ, N. *Ontologia da Realidade*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MOLON, S. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.
- OLIVEIRA, I. M. *O sujeito que se emociona – signos e sentidos nas práticas culturais*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2001.

PIAGET, J. *Problemas de Psicologia Genética*. In Os Pensadores. SP: Abril Cultural, 1983.

PINO, A S. *As Marcas do Humano – A questão das origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. Tese de livre-docência. Campinas: Unicamp, 2002.

_____. *O social e o cultural na obra de Vigotski* In: Educação e Sociedade, vol. 21, no. 71. Campinas, SP: 2000.

RATNER, C. *A Cultural-Psychological Analysis of Emotions*. Culture & Psychology. London, Thousand Oaks and New Delhi. Vol.6(1): 5-39, 2000.

RICOEUR, P. *Da Interpretação: Ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, in Os pensadores - Rousseau - vol. I e II. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

SAWAIA, B.B. *O sofrimento ético-político com categoria de análise da dialética exclusão/inclusão*, in: SAWAIA, B.B. *As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. *A emoção como locus de produção do conhecimento - Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa*. In: III Conference for Sociocultural Research, Campinas – Unicamp, 2000.

SCHNEIDER, M. *Afeto e Linguagem nos Primeiros Escritos de Freud*. São Paulo: Ed. Escuta, 1993.

SILVA, V. *Espinosa e Deleuze: apropriação e redefinição de conceitos*. In *Cadernos Espinosanos no. XIII*, São Paulo: USP, 2005.

SIMANKE, R. T. Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em “Sobre a concepção das afasias”. In *Revista do Departamento de Filosofia da USP*. N.87, 2006.

SMOLKA, A. L. B. *Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações*, in ROSSETTI-FERREIRA, M. C., AMORIM, K. S., SILVA, A. P. S. & CARVALHO, A. M. A., *Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SMOLKA, A. L. B. & GÓES, M. C. R. (orgs.) *A Significação nos Espaços Educacionais*. Campinas; SP, Papirus, 1997.

SCHULTZ & SCHULTZ História da Psicologia Moderna. São Paulo: Thomson, 2006.

VAN DER VEER & VALSINER. *Vygotsky – Uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

VIGOTSKI, L.S. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004(a).

_____. *Teoría de las emociones – Estudio histórico-psicológico*, Madrid: Ediciones Akal, 2004(b).

_____. *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. *Manuscrito de 1929 A psicologia concreta*. Educação & Sociedade, ano XXI, n.71, Jul, 2000a.

_____. *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

_____. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. *A Tragédia de Hamlet: príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. *Obras Escogidas V*. Madrid: Visor, 1997.

_____. *Obras Escogidas IV*. Madrid: Visor, 1996.

_____. *Obras Escogidas III*. Madri: Visor, 1995.

_____. *Obras Escogidas II*. Madrid: Visor, 1993.

_____. *Oras Escogidas I*. Madrid: Visor, 1991.

VYGOTSKY, L.S. & LURIA, A. R. Introduction to the Russian translation of Freud's Beyond the pleasure principle. In: VAN DER VEER & VALSINER. The Vygotsky reader. Oxford & Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

VIGOTSKII, L. S. *Imaginacion y el arte en la infância*. México: Hispânicas, 1987a.

VYGOTSKII. L. S. The Collected Works of L.S. Vygotsky, Scientific Legacy, traduzido por Marie J. Hall., New York, 1987b.

WALLON, H. *Do Acto ao Pensamento*. Lisboa: Moraes, 1979.

_____ *As origens do carácter na criança*. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

YAROSHEVSKY, M.G. Epílogo. In: VYGOTSKII. L. S. The Collected Works of L.S. Vygotsky, Scientific Legacy. New York, 1987b.

YOVEL, Y. *Espinosa e outros hereges*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

Anexos

I – Mapa dos interlocutores de Vigotski

II – Mapa da emoção na obra de Vigotski

III – Mapa das referências às idéias de Espinosa, Freud e Marx

OBRA	O QUE A EMOÇÃO NÃO É	O QUE PARECE SER	AUTORES/REFERÊNCIAS	PERÍODO
Psicologia da Arte	Afeto inconsciente	Processo biológico, processo complexo, refinado, Estético	Freud, Espinosa, Potiebný, Ovsianiko-Kulikovski, James, Ribot, Orchanski, Müller-Freienfels, Christiansen, Nietzsche	1924
Teoria e método em psicologia: <i>A consciência como problema da psicologia do comportamento</i>	Processos fisiológicos, reflexologia, reactologia	Caráter valorativo; Avaliação; consciência dos sentimentos	Békhterev, Ukhtomski, Blonsky, Sherrington, Pávlov, Vágner	1925
Teoria e método em psicologia: <i>A psique, a consciência e o inconsciente</i>	Processo psicofisiológico estritamente	Saída dialética: não identificação dos processos físicos e psíquicos	Lipps, Höffding, Münsterberg, Pávlov, Dilthey, Spranger, Bühler, Koffka, Plékhhanov, Ribot, Husserl, Freud, Watson, Espinosa, Marx	1930
Teoria e método em psicologia: <i>Sobre os sistemas psicológicos</i>	Processo elementar desvinculado de outros (intelecto)	Desenvolvem-se historicamente; função; sistemas de origem social; valoração; emoções complexas	Köehler, Bühler, Levi-Bruhl, Piaget, Blonski, Storch, Blondel, Espinosa, Goldstein, Gelb, Sapir, Sombart	1930
Imaginação e arte na infância	Exceção, processo isolado do psiquismo	Combinação; Duplo signo; formação do caráter e personalidade	Zienkovski, Ribot, Wundt, Piaget, Adler	1930

Desenvolvimento Psicológico na Infância (conferências 4 e 5)	Processo instintivo; sentimento	Afeto, ação	Darwin, James, Langue, Cannon, Freud, Bühler, Lewin, Claparede	1932
OBRA	O QUE A EMOÇÃO NÃO É	O QUE PARECE SER	AUTORES/REFERÊNCIAS	PERÍODO
Teoria das emoções	Sensação	Processo superior; psicológico; Conjunto estruturado	James, Lange, Cannon, Freud, Dilthey, Marx, Descartes, Espinosa	1933
Psicologia Infantil: La infancia temprana	Percepção; Capacidade passiva	Afeto-objeto-atividade da criança Instrumento	Gesel, Wallon, Piaget, Lewin, Escola de Leipzig, Freud, Bleuler, Groos, Gabriel, Elkonin, Piaget, Stern, Bühler, Koffka, Spinoza, Marx	1932-34
Defectologia: El problema del retraso mental (inéd.)	Processo isolado	Vínculos interfuncionais (nexos)	Darwin, Adler, Lewin, James, Lange, Espinosa	1934
Pensamento e Linguagem	Expressão emocional	Relações intelecto/afeto; Processo de significação	Stern, Köhler, Watson, Wundt, Bleuler, Freud, Marx	1934

VIGOTSKI	Período	ESPINOSA	FREUD	MARX
Psicologia da Arte	1924	<i>Ética</i> (parte III; 1675)	Leonardo da Vinci, Principais teorias psicológicas em psicanálise (Ed. em russo in Seleta de artigos sem data), Psicologia das massas e análise do eu humano, Jenseits des sustprinzips.	<i>Manuscritos econômicos e filosóficos</i> (introdução; ?-1857-58), <i>Crítica à economia política</i> (Prefácio;), <i>A ideologia Alemã?</i>
Teoria e método em psicologia: <i>A consciência como problema da psicologia do comportamento</i> Teoria e método em psicologia: <i>A psique, a consciência e o inconsciente</i> Teoria e método em psicologia: <i>Sobre os sistemas psicológicos</i>	1925-30	<i>Ética</i> (1675)	<i>Conferências introdutórias sobre a psicanálise</i> (1923), <i>Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade</i> (1924), <i>Mais além do princípio do prazer</i> (1925), <i>O eu e o isso</i> (1924)	Obras (Marx e Engels, t. 20, 23, 25 e 46, em russo, s/data)
Desenvolvimento Psicológico na Infância (conferências 4 e 5)	1932	?	<i>Psicopatologia da vida cotidiana</i> , <i>Neuroses</i> (sem referências)	?
Teoria das emoções	1933	<i>Ética</i> (1675) Tratado sobre a correção do intelecto (1663-?)	<i>Psicopatologia da vida cotidiana</i> , <i>Neuroses</i> (sem referências)	?

VIGOTSKI	Período	ESPINOSA	FREUD	MARX
Psicologia Infantil: <i>El primer año, Crisis del primer año de vida, La infancia temprana</i>	1932-34	<i>Ética</i> (1675)	Além do princípio do prazer	<i>Manuscritos econômicos e filosóficos</i> (introdução; ?-1857-58), <i>A ideologia Alemã?</i>
Fundamentos de defectología: <i>El problema del retraso mental</i> (inéd.)	1934	<i>Ética</i> (1675)	(Referências a Freud na obra, mas não nesse texto)	<i>Obras</i> (Marx e Engels, t. 20 sem russo, s/data)
A construção do pensamento e da linguagem	1934		Interpretação dos sonhos, Além do princípio do prazer (ref. indiretas)	<i>Obras</i> (Marx e Engels, t. 1,3,13,20, 23, 25, em russo, s/data)

VIGOTSKI	FREUD	ESPINOSA	MARX
Teoria e Método em Psicologia Sobre os sistemas psicológicos A psique, a consciência e o inconsciente O problema da consciência	Comportamento não-manifesto, não verbalizado; Apetites sexuais; Pulsões e afetos individuais – coletivos (sonho); Metodologia; Socialização da consciência – divisão da personalidade; Materialismo (psíquico) – reducionismo, pulsão sexual e instinto de conservação da espécie; Dualismo – explicação do inconsciente.	Pensamento – inteligência – emoções; Relação com a consciência; Razão e emoção – conexões; Atitude genética correta; Desenvolvimento histórico?; Conhecimento: passivo – ativo; Sistema único (alma-fim-Deus); Unidade dos processos psíquicos e fisiológicos; Psique parte da natureza; Processo construído (desenvolv.?).	Valor e ideologia; Duplicação da experiência; Essência não corresponde a sua manifestação; Materialismo histórico e dialético; Psicologia dialética;
Desenvolvimento Psicológico na Infância	Dinâmica da vida emocional; Ambivalência das emoções; Distinção das emoções (criança/adulto); contexto da vida humana; Função (estado dentro do outro); Alterações na vida psíquica.	(Por que não há referências explícitas?)	?
Defectologia El problema del retraso mental		Dinâmica afeto; Potência; Pensamento motivado; Interfuncionalidade;	Vontade – natureza; Dialética; História – processo

Teoria das Emoções	Princípio evolucionista;	Concepção de afeto; afecção – processo;	Dialética; História – processo (afetos inferiores e afetos superiores?)
---------------------------	--------------------------	---	---

VIGOTSKI	FREUD	ESPINOSA	MARX
Pensamento e Linguagem	Princípio de prazer X realidade: problema da necessidade	(O necessário, desejo e liberdade em Espinosa)	Criação e uso de instrumentos
Psicología Infantil El primer año Crisis del primer año de vida La infancia temprana	Pensamento autista; Interesses e necessidades; narcisismo.	Estado de passividade; característico do bebê;	Desenvolvimento – saltos qualitativos; Relação com o meio; Percepção, comunicação e generalização – afeto/objeto/ação – objeto social; Relação linguagem e consciência;